

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
LINGUÍSTICA**

ELBA NUSA CALMON

**PONTE DA PASSAGEM: *VOCÊ* E *CÊ* TRANSITANDO NA
FALA DE VITÓRIA (ES)**

VITÓRIA

2010

ELBA NUSA CALMON

**PONTE DA PASSAGEM: *VOCÊ E CÊ* TRANSITANDO NA FALA DE
VITÓRIA (ES)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística, na área de Estudos Analítico-descritivos da Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lilian Coutinho Yacovenco

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Marta Pereira Scherre

VITÓRIA

2010

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Centro de Documentação do Programa de Pós-Graduação em Letras,
da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C164p Calmon, Elba Nusa, 1960-
Ponte da passagem : *você* e *cê* transitando na fala de Vitória (ES) / Elba Nusa Calmon. –
2010.
139 f.

Orientadora: Lilian Coutinho Yacovenco
Co-orientadora: Maria Marta Pereira Scherre

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências
Humanas e Naturais.

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Sociolinguística – Vitória (ES). 4. Língua portuguesa –
Pronome. 5. Língua portuguesa – Português falado – Vitória (ES). I. Yacovenco, Lilian
Coutinho. II. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.
III. Título.

CDU: 81

ELBA NUSA CALMON

**PONTE DA PASSAGEM: VOCÊ E CÊ TRANSITANDO NA FALA DE
VITÓRIA (ES)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística na área de concentração em Estudos Analítico-Descritivos da Linguagem.

Aprovada em 30 de agosto de 2010.

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a Lilian Coutinho Yacovenco
Centro de Ciências Humanas e Naturais
Universidade Federal do Espírito Santo

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a Maria Marta Pereira
Scherre
Centro de Ciências Humanas e Naturais
Universidade Federal do Espírito Santo/UnB

Prof^a. Dr^a. Célia Regina dos Santos Lopes
Departamento de Letras Vernáculas
Universidade Federal do Rio de Janeiro
**Membro Titular Externo da Comissão
Examinadora**

Prof^a. Dr^a. Edenize Ponso Peres
Centro de Ciências Humanas e Naturais
Universidade Federal do Espírito Santo
**Membro Titular Interno da Comissão
Examinadora**

Dedico à *Elba Calmon Silva*: minha *tia Nusa*, a quem eu devo a honra de herdar o nome *Elba* e o apelido *Nusa*, que, onde esteja, está feliz por mim. E à minha mãe *Elsa de Siqueira Calmon*, que jamais mediu esforços para investir na minha educação.

AGRADECIMENTOS

Ao Reitor Rubens Sergio Rasseli, ao Diretor do CCHN Edebrando Cavaliere, aos Coordenadores do PPGEL Professores Doutores Luciano Novaes Vidon e Maria da Penha Pereira Lins, por terem me concedido a licença das minhas funções nesta IFE para realizar este estudo.

À minha orientadora Prof^a.Dr^a. Lilian Coutinho Yacovenco e à minha co-orientadora Prof.^a Dr^a. Maria Marta Pereira Scherre, por terem acreditado na minha capacidade como pesquisadora e pelo grande incentivo sempre.

A todos os professores do PPGEL, pela contribuição da construção do meu conhecimento em suas disciplinas, em especial à Prof^a.Dr^a. Virgínia Beatriz Baesse Abrahão, pelo incentivo à minha entrada neste Mestrado.

À Ana Maria de Mattos Mariani e à Sandra Abrantes Nunes pela amizade e pelo coleguismo, ao avaliarem a minha licença.

A todos os colegas do curso, em especial aos colegas Alexandre Kronemberger de Mendonça, um amigo “Gentileza” que o Mestrado me presenteou; e à Rosana de Vilhena Lima, sempre companheira de todos na sala de aula.

Aos informantes e aos autores que constam desta bibliografia, sem os quais eu não poderia realizar este trabalho.

À Edilene Patrícia Dias¹ que, mesmo sem me conhecer pessoalmente, me auxiliou, por intermédio da Prof.^a Dr^a.Maria Marta Pereira Scherre. Gentilmente, com interesse e com atenção para comigo, se disponibilizou para elaborar no Excel as tabelas de correlação entre entrevistados e entrevistadores.

¹ Edilene Patrícia Dias é Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília e foi orientanda da Prof.^a Dr^a.Maria Marta Pereira Scherre

Ao Gustavo Antunes Cordeiro Leite, à Astrid Franco Barbosa, à Isaura Maria de Carvalho Monteiro, à Aliny Rosa, à Teresa Cristina de Oliveira Trocado e ao Heitor da Silva Campos Júnior, pelo apoio técnico.

À Marlúcia das Dores de Sá, pela atenção e pelos cafezinhos.

À Josane Mary Barcelos Amorim, pela amizade.

À Alzira da Costa Davel, pelo ombro-amigo.

À Alda Célia de Souza, pelo tempo despendido a mim, pelo colo e pela nossa amizade.

À Suely Carvalho Soares, pela sua escuta paciente sobre esta minha pesquisa acadêmica.

À Marina Toledo, sempre tão especial.

Aos meus vizinhos: às famílias Dantas e Antunes, que neste caminho solitário da minha pesquisa foram tão solidários para comigo! Em especial, à Ilva Dinólia Antunes Cordeiro que tantas vezes me fez recuperar o fôlego.

À Belinha, minha amiguinha de todas as horas.

A todos os meus familiares, a base da minha vida:

Ao meu irmão, Renato Marcos de Souza.

À minha filha, Giovana Calmon Castiglioni, ao meu genro, Ricardo Rangel Porto e aos meus netos: João Vitor Calmon Castiglioni Rangel Porto e Isadora Calmon Castiglioni Rangel Porto.

Ao meu filho, Antônio Júlio Castiglioni Neto, à minha nora, Giselle Rodrigues Castiglioni e ao meu neto Luca que está a caminho...

Ao meu filho, Renzo Calmon Castiglioni.

À minha filha do coração, Geane Elba Calmon Silva Lima.

À minha afilhada, Ivana Castiglioni Nunes.

Aos meus tios e primos maternos, em especial ao meu “ti Zezé” (José de Siqueira Calmon) e à Dircinha Calmon.

Aos meus tios e primos paternos, em especial à minha tia Deuzy Maria Barbosa.

Ao Mauro de França Lacerda, meu pai.

A Deus, Fonte de Luz Maior, que me impulsionou a cada dia e me mostrou que o caminho da pesquisa é como o trabalho de uma diarista!

Não me arrependo

Caetano Veloso – Cd *Cê*

*Eu não me arrependo de **você**
Cê não me devia maldizer assim
Vi **você** crescer²
Fiz **você** crescer
Vi **cê** me fazer crescer também
Pra além de mim
Não, nada irá nesse mundo
Apagar o desenho que temos aqui
Nem o maior dos seus erros,
Meus erros, remorsos, o farão sumir
Vejo essas novas pessoas
Que nós engendramos em nós
E de nós
Nada, nem que a gente morra
Desmente o que agora
Chega à minha voz.*

Ocê e eu

Gonzaguinha – Cd *Cavaleiro Solitário*

*Eu gosto quando **ocê**
Dá o que eu gosto quando **ocê**
Faz o que eu gosto quando **ocê**
Faz o que eu faço em **ocê***

*Cê gosta quando i eu
Dô o que **ocê** gosta quando eu
Faço o que **cê** gosta quando eu
Faço o que **cê** faz i eu*

*Avesso vira eu, vira maluco, vira eu, vira em doido
Vira eu, vira que eu gosto de virá **ocê**
Me mata, mata **ocê** e a gente nasce todo dia pra viver
Melhor. Melhor, melhor.*

² As frases dos versos terceiro, quarto e quinto da música *Não me arrependo* - Caetano Veloso – Cd *Cê* – retratam exatamente o meu sentimento em relação à conclusão deste meu trabalho de pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação, de orientação sociolinguística, trata do estudo dos pronomes *você*, *ocê*, *cê* e *te* falados na cidade de Vitória (ES). Os dados da amostra para esta pesquisa constituem-se de dois *corpora*: PORTVIX (O português falado na cidade de Vitória) e FALA CASUAL. Para a coleta do PORTVIX foram selecionadas as variáveis gênero, faixa etária e nível de escolaridade de informantes cujas características comuns eram o de ser natural de Vitória, de ter pais capixabas e o de residir sempre nesta cidade. A FALA CASUAL, coletada também com moradores de Vitória (ES), constituída por duas gravações de conversas sem que o falante tivesse conhecimento prévio do evento. Para atestar nossos resultados, trabalhamos com a análise quantitativa de dados da fala. Para a análise dos *corpora*, analisamos a variável dependente em função das variáveis sociais mencionadas e, também, da variável linguística relativa aos aspectos sintáticos (sujeito, objeto direto, complemento de preposição) e dos aspectos semânticos (genérico ou específico). O tratamento estatístico dos dados baseou-se no programa computacional GOLDVARB X. A faixa etária e o gênero foram considerados relevantes pelo programa. Na faixa etária, constatamos que, em relação aos pronomes *você* e *cê*, estava ocorrendo uma mudança a qual caminhava de *você* para *cê*. Porém, na faixa etária 15-25 anos iniciou-se um processo de reversão dessa mudança para *você*, acentuando-se ainda mais na faixa 7-14 anos. Com relação ao gênero, os dados revelam que o gênero feminino favorece o uso da forma *você* um pouco mais do que o gênero masculino. A variável função sintática também foi selecionada pelo programa. Embora o número de dados precedidos da preposição *para* seja pequeno, esse contexto favorece mais o pronome *você* do que o contexto em que o pronome *você* aparece não precedido da preposição *para*. No PORTVIX verificou-se uma correlação positiva entre a fala dos entrevistados e entrevistadores, evidenciando-se que embora a literatura sociolinguística advirta sobre o *paradoxo do observador*, ao focar que a presença do entrevistador e do gravador podem inibir a fala do entrevistado, na nossa pesquisa verificamos uma situação contrária a essa: comprovamos que foi o entrevistado o agente influenciador da fala do entrevistador, uma vez que era o entrevistador quem modificava sua fala ao se deparar com situações em que os entrevistados faziam maior ou menor uso de uma das variantes. Comparamos a nossa pesquisa com outros trabalhos de mesma temática realizados em outras regiões do Brasil e pudemos verificar que a fala de Vitória se distancia da de Minas Gerais e se aproxima da de Brasília. Destacamos, ainda, o fato de a forma *ocê* praticamente inexistir no PORTVIX, sendo sua realização correspondente a apenas 0,5% do total das ocorrências. Há, ainda, o fato de essa forma ser rejeitada, conforme aponta o estudo de Peres (2008). Mesmo no *corpus* da FALA CASUAL, que apresenta características bastante diferentes da do PORTVIX, também prevalece a forma *você*. Comparamos a Fala Casual com os resultados de Paredes (1998), em *corpus* gravado no Rio de Janeiro, caracterizado por os falantes não terem conhecimento da gravação, observamos que nesse *corpus* há maior frequência de *cê* (54,3%) do que de *você*. Vimos que na Fala Casual, ao contrário do encontrado na pesquisa de Paredes, também prevalecia a variante *você*.

Palavras-chave: Sociolinguística. Pronomes. Variação Linguística.

ABSTRACT

The present work, of sociolinguistic orientation, focuses in the use of the pronouns *você*, *ocê*, *cê* and *te* (you) spoken in the city of Vitória (ES). The data of the samples for this research are constituted of two *corpora*: PORTVIX (the Portuguese spoken in the city of Vitória) and CASUAL SPEECH. In order to collect the PORTVIX were selected the variants of gender, age, and level of schooling of the interviewees, whose common characteristics were to be born, to have always lived in Vitória and to have *capixaba* parents as well. CASUAL SPEECH, also collected from Vitória (ES) inhabitants, was constituted of two recorded conversations in which the speakers did not have any previous information about the event. In order to testify our results, we worked with quantitative analysis of speech data. For the *corpora* analysis, we analyzed a dependent variant according to the social variants aforementioned and also to the linguistic variant related either to syntactic aspects (subject, direct object and complement of preposition) or to semantic aspects (generic or specific). The statistic treatment of the data was based in the GOLDVARB X computer program. Age and the gender were considered relevant by the program. Concerning age, we verified that in relation to the pronouns *você e cê*, a changing that shifted from *você* to *cê* was occurring. However, among those who were 15- 25 years old a reverse process of this changing to the use of the pronoun *você* was initiated, increasing among 7-14 years old. In relation to gender, the data showed that the female tend to use the pronoun *você* a little more than the male do. The variant syntactic function was also selected by the program. Although there is little occurrence of data preceded by the preposition *para* (to/for), we noticed that this context offers more possibility for the use of the pronoun *você* than if it was not preceded by such a preposition. In the PORTVIX we verified that there was a positive correlation between the speech of the interviewees and the interviewers, evincing that, although sociolinguistic literature warns about the observer's paradox, emphasizing that the presence of the interviewer and of the recorder may inhibit the interviewee speech, in our research we verified a contrary situation: we testified that it was the interviewee that had influence on the interviewer's speech, since it was the interviewer that modified his/her speech when facing some situations in which the interviewee used more or less one of the variants. We compared our research to other similar works developed in other regions of Brazil and we verified that the speech of Vitória is far from that which is present in the state of Minas Gerais and it is closer to the one in Brasília. We highlight still that the use of *ocê* almost does not appear in the PORTVIX, in which only 0,5% of the total occurrence was registered. Yet, there is the fact that this form is rejected, according to Peres' study (2008). Even in the *corpus* of the Casual Speech that presents very different characteristics from those of the PORTVIX, the pronoun *você* is also predominant. We compared the Casual Speech form to Paredes' (1988) results, in *corpus* recorded in Rio de Janeiro, where the speakers were not conscious of the recording, we observed that in this situation the use of *cê* is more frequent (54,3%) than the use of *você*. Therefore, we noticed that in the Casual Speech, contrarily to what was found in Paredes' research, the variant *você* was also prevalent.

Key-words: Sociolinguistics, Pronouns, Linguistic Variation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição das formas de tratamentos no português europeu e os respectivos pronomes, segundo Cintra (1972).	24
Quadro 2 - Distribuição das formas de tratamentos e os respectivos pronomes no francês, no espanhol e no italiano, segundo Cintra (1972).	25
Quadro 3 - Distribuição das formas de tratamentos no português brasileiro e os respectivos pronomes, segundo Cintra (1972).	25
Quadro 4 - Distribuição do uso dos pronomes <i>Vossa Mercê</i> , <i>Você</i> , <i>Tu</i> , <i>Vós</i> usados no Brasil, de acordo com o período histórico (LOPES; DUARTE, 2003).	30
Quadro 5 - Usos do pronome <i>você</i> com exemplificação de região geográfica, segundo Scherre <i>et al</i> (2009, p. 23)	38
Quadro 6 - Transcrição da subdivisão pronominal encontrada no Brasil segundo Scherre <i>et al</i> (2009).	40
Quadro 7 - Tendência usual das formas <i>tu</i> e <i>você</i> , segundo Said Ali, Mattoso Câmara, Duarte (<i>apud</i> PAREDES, 1998, p. 126).	48
Quadro 8 - Respostas sobre a forma <i>ocê</i> na posição de sujeito de acordo com o número de informantes, segundo Peres (2008).	52
Quadro 9 - Exemplos de ocorrências das variantes da variável dependente.	68
Quadro 10 - Distribuição das células sociais.	72
Quadro 11 - Distribuição das células sociais do PORTVIX, estudadas nesta pesquisa.	78
Quadro 12 - Características dos 24 informantes selecionados nesta pesquisa.	78
Quadro 13 - Distribuição das variantes da variável dependente.	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos pronomes <i>ocê</i> e <i>cê</i> nos dados dos falantes do PORTVIX	84
Gráfico 2 - Distribuição dos pronomes <i>ocê</i> e <i>cê</i> nos dados dos entrevistadores do PORTVIX	84
Gráfico 3 - Distribuição dos pronomes <i>ocê</i> e <i>cê</i> nos dados dos falantes da Fala Casual 1	85
Gráfico 4 - Distribuição dos pronomes <i>você</i> e <i>cê</i> nos dados dos falantes da Fala Casual 2	86
Gráfico 5 - Distribuição dos pronomes <i>ocê</i> e <i>cê</i> nos dados do observador da Fala Casual 1	86
Gráfico 6 - Distribuição dos pronomes <i>ocê</i> e <i>cê</i> nos dados do observador da Fala Casual 2	87
Gráfico 7 - Correlação linguística entre falantes e entrevistadores: uso de <i>ocê</i> vs. <i>cê</i>	92
Gráfico 8 - Efeito da faixa etária do falante no uso do pronome <i>você</i> vs. <i>.cê</i> na amostra do PORTVIX.....	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Uso de <i>você</i> , segundo o gênero, na alternância entre as formas <i>você</i> e <i>tu</i> , em Lopes e Machado (2005, p. 52).....	32
Tabela 2 - Distribuição das formas <i>você</i> e <i>tu</i> em função do sujeito, na fala de ambulantes, segundo Lopes <i>et al</i> (2009, p. 20)	35
Tabela 3 - Resultados de acordo com a distribuição geográfica das formas <i>você</i> , <i>ocê</i> e <i>cê</i> em Arcos (MG), segundo Gonçalves (2008, p. 192).....	45
Tabela 4 - Tabela de frequências de uso das formas <i>você</i> , <i>ocê</i> e <i>cê</i> , em função da localidade geográfica dos falantes de Arcos (MG), de acordo com Scherre <i>et al</i> (2009)	47
Tabela 5 - Distribuição das variantes <i>você</i> , <i>cê</i> , <i>zeros</i> , no Rio de Janeiro, segundo Paredes (1998, p. 128)	50
Tabela 6 - Resultados de teste de atitude no Espírito Santo segundo Peres (2008, p. 51)	51
Tabela 7 - População residente em Vitória (ES), segundo fonte do IBGE	61
Tabela 8 - Imigrantes por origem, segundo fonte do IBGE	61
Tabela 9 - Imigrantes externos por local de nascimento – 2000, segundo fonte do IBGE	61
Tabela 10 - Taxa de escolaridade – ano 2000, segundo fonte do IBGE.....	62
Tabela 11 - Distribuição geral das variantes da variável dependente nos dados dos informantes e dos entrevistadores em Vitória (PORTVIX)	80
Tabela 12 - Distribuição geral das variantes da variável dependente nos dados dos informantes da Fala Casual em Vitória (gravação 1 e 2).....	80
Tabela 13 - Distribuição global com todas as variantes dos <i>corpora</i> de Vitória.....	81
Tabela 14 - Distribuição das formas <i>você</i> e <i>cê</i> nos dados dos falantes e entrevistadores do PORVIX, nos falantes da Fala Casual 1 e 2 e no observador da Fala Casual 1 e 2	83
Tabela 15 - Percentuais de uso de <i>você</i> versus <i>cê</i> na fala dos falantes e na fala dos entrevistadores por entrevista	89
Tabela 16 - Distribuição percentual entre falantes e média dos entrevistadores de <i>você</i> vs. <i>cê</i>	91
Tabela 17 - Distribuição percentual individual de <i>você</i> vs. <i>cê</i> de seis falantes e da entrevistadora Jô com os 6 falantes	93
Tabela 18 - Distribuição percentual individual de <i>você</i> vs. <i>cê</i> de sete falantes e da entrevistadora Lê com os 7 falantes	93
Tabela 19 - Distribuição percentual individual de <i>você</i> vs. <i>cê</i> de seis falantes e da entrevistadora Vi com os 6 falantes.....	94

Tabela 20 - Distribuição percentual individual de <i>você</i> vs. <i>cê</i> de cinco falantes e da entrevistadora He com os cinco falantes	94
Tabela 21 - Distribuição percentual individual de <i>você</i> vs. <i>cê</i> de três falantes e da entrevistadora Su com três falantes	95
Tabela 22 - Distribuição percentual individual de <i>você</i> vs. <i>cê</i> de três falantes e da entrevistadora Sa com os três falantes	95
Tabela 23 - Efeito da faixa etária do falante no uso do pronome <i>você</i> vs. <i>cê</i> na amostra do PORTVIX.....	99
Tabela 24 - Imigrantes externos por local de nascimento – 2000	101
Tabela 25 - Fluxo turístico em Vitória por indivíduo.....	101
Tabela 26 - Fluxo turístico por Estado de origem	101
Tabela 27 - Efeito do gênero do falante no uso do pronome <i>você</i> vs o pronome <i>cê</i> na amostra do PORTVIX.....	102
Tabela 28 - Efeito do gênero do falante no uso do pronome <i>você</i> vs o pronome <i>cê</i> na amostra da Fala Casual.....	103
Tabela 29 - Distribuição percentual entre quatro falantes homens e entrevistadores	103
Tabela 30 - Efeito da escolaridade do falante no uso do pronome <i>você</i> vs <i>cê</i> na amostra do PORTVIX.....	104
Tabela 31 - Distribuição de todos os dados pela função sintática da amostra do PORTVIX	107
Tabela 32 - Efeito do tipo de sujeito no uso do pronome <i>você</i> vs <i>cê</i> na amostra do PORTVIX	108
Tabela 33 - Efeito do sujeito precedido da preposição <i>para</i> em relação à forma <i>você</i> no PORTVIX.....	112
Tabela 34 - Efeito do tipo de verbo no uso de <i>você</i> vs. <i>te</i> na fala dos falantes do PORTVIX	113
Tabela 35 - Comparação entre as frequências de uso das formas <i>você</i> , <i>ocê</i> e <i>cê</i> , com todas as funções, em função da localidade geográfica dos falantes e dos entrevistadores - Confronto entre pesquisas realizadas em vários pontos do Brasil	116
Tabela 36 - Comparação da distribuição de <i>você</i> , <i>ocê</i> e <i>cê</i> na posição de sujeito em função da localidade geográfica.....	117
Tabela 37 - Distribuição dos dados apresentados por Paredes (1998, p. 128)	118
Tabela 38 - Distribuição dos dados apresentados por Paredes (1998, p. 128), retirados os casos de zeros	119

Tabela 39 - Comparação entre as formas <i>você</i> e <i>cê</i> no <i>corpus</i> de Paredes (Rio de Janeiro) e na Fala Casual (Vitória)	119
Tabela 40 - Distribuição das formas <i>ocê</i> e \emptyset de <i>ocê</i> nos dados dos falantes e entrevistadores do PORTVIX.....	120
Tabela 41 - Efeito do tipo de referência no uso da variante <i>você</i> vs <i>cê</i> nos dados dos falantes do PORTVIX. (Variável não selecionada pelo programa).....	124

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 ESTUDOS DIACRÔNICOS E SINCRÔNICOS	24
2.1 <i>ORIGEM E PERCURSO HISTÓRICO DE VOSSA MERCÊ A VOCÊ</i>	24
2.2 <i>TRABALHOS ESPECÍFICOS SOBRE VOCÊ, OCÊ E CÊ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO</i>	41
3 O ESTUDO PIONEIRO DE WILLIAM LABOV, DESENVOLVIDO NA ILHA DE MARTHA`S VINEYARD	54
3.1 <i>O ESTUDO PIONEIRO DE WILLIAM LABOV, DESENVOLVIDO NA ILHA DE MARTHA`S VINEYARD</i>	54
4 A COMUNIDADE DE VITÓRIA	56
4.1 <i>BREVE HISTÓRICO: ORIGEM DA CIDADE DE VITÓRIA</i>	56
4.2 <i>SOBRE A COMUNIDADE PESQUISADA</i>	57
4.3 <i>SOBRE A CULTURA POPULAR</i>	59
4.4 <i>SOBRE O TURISMO</i>	62
5 OBJETIVOS E HIPÓTESES	65
5.1 <i>OBJETIVOS E HIPÓTESES</i>	65
5.2 <i>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</i>	65
5.3 <i>VARIÁVEL DEPENDENTE E VARIÁVEIS INDEPENDENTES</i>	67
5.3.1 <i>Variável dependente</i>	68
5.3.2 <i>Grupos de fatores ou variáveis independentes</i>	69
5.4 <i>A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA</i>	71
5.4.1 <i>A constituição do PORTVIX</i>	71
5.4.2 <i>A constituição da amostra da Fala Casual</i>	74
5.4.2.1 <i>A primeira gravação do grupo de controle com a Fala Casual</i>	74
5.4.2.2 <i>A segunda gravação do grupo de controle com a fala casual</i>	75
5.5 <i>SOBRE OS ENTREVISTADORES DO PORTVIX</i>	75

5.6 O TRATAMENTO QUANTITATIVO DOS DADOS	76
6 ANÁLISE DOS DADOS EM TERMOS DE FREQUÊNCIA ABSOLUTA E PESO RELATIVO DOS CORPORA	78
6.1 CORPUS PORTVIX E FALA CASUAL	78
6.2 DADOS ESPECÍFICOS DE VOCÊ E CÊ	82
6.3 SOBRE FALANTES E ENTREVISTADORES DO PORTVIX	87
6.4 VARIÁVEIS ESTATISTICAMENTE RELEVANTES.....	98
6.4.1 Sobre a faixa etária.....	99
6.4.2 Sobre o gênero	102
6.4.3 Sobre a escolaridade	103
6.5 VARIÁVEL LINGUÍSTICA ESTATISTICAMENTE RELEVANTE.....	105
6.5.1 Função sintática	105
6.5.2 Sobre o forma cê	109
6.5.3 Alternância te e você.....	112
7 COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS DO PORTVIX E DA FALA CASUAL COM OS DADOS DE PESQUISAS FEITAS NO BRASIL.....	115
7.1 COMPARAÇÃO DA GRAVAÇÃO CASUAL COM O ESTUDO FEITO POR PAREDES	118
7.2 COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS DE PERES (2008) COM O PORTVIX E COM A FALA CASUAL.....	120
7.3 VARIÁVEL NÃO SELECIONADA PELO GOLDVARB X	124
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
9 REFERÊNCIAS	132
APÊNDICE – Versão digitalizada da dissertação (1 CD):	138
ANEXO – Mapa da região metropolitana da Grande Vitória	139

1 INTRODUÇÃO

Na fala de Vitória (ES), as formas *você* e *cê* coexistem, conforme nos aponta a oralidade retratada nas tirinhas *Marly*, de Milson Henriques, autor capixaba.



Jornal A GAZETA, Vitória (ES), terça-feira, 9 de junho de 2009 – Caderno 2 (p. 4).³

³ Esta tirinha foi colocada a título de exemplificação das ocorrências dos pronomes *você* e *cê*, observadas na fala de Vitória. No primeiro segmento tem-se *você* como objeto indireto e no terceiro segmento tem-se o pronome *cê* como sujeito.

Partindo de observações empíricas, não sistematizadas, surgiu o interesse de se fazer uma pesquisa sistematizada, de cunho científico, embasada na Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista, a fim de se comprovar essa diversidade linguística. Dessa forma, o presente trabalho apresenta um estudo, em especial, dos itens *você*, *cê*, *ocê* e *te* falados na cidade de Vitória.

Diversas pesquisas em torno dessa variação têm sido desenvolvidas no Brasil. Entretanto, não se tem conhecimento, no Espírito Santo, de estudos sobre essa temática. O objetivo desta pesquisa é situar essa ocorrência na fala de Vitória e, conseqüentemente, no contexto de uso do vernáculo do Brasil. Em outras palavras, busca-se contribuir para o mapeamento do sistema pronominal relativo à segunda pessoa, abrangendo um estudo mais geral da língua portuguesa brasileira.

As hipóteses levantadas inicialmente são as seguintes:

- 1) o item *tu* não ocorre na fala de Vitória,
- 2) o item *você* transita em qualquer situação, da [+ formal] para a [+ informal],
- 3) *cê* possui um traço mais informal e é um tratamento usado com pessoas de mais proximidade.

Na questão sintática têm-se as seguintes hipóteses:

- 4) tanto *você* como *cê* se alternam e podem ocupar posição de sujeito,
- 5) o item *cê* não é usado no contexto de complemento de verbo,
- 6) também não há ocorrência desse elemento como objeto indireto ou adjunto adverbial,
- 7) não há, também, topicalização dos itens, por não possuir autonomia fonológica,
- 8) *te* e *você* ocorrem na posição de complemento do verbo,
- 9) a combinação de *seu* e *te* é com *você* ou *cê*.

As hipóteses referentes aos itens 4, 5, 6, 7 e 8 baseiam-se na questão da cliticização, defendida por Vitral e Ramos (1999, 2006).

Neste ponto cabe explicar a definição sobre a nomenclatura *formal* e *informal*, usada neste trabalho, com a seguinte consideração: “Não existe falante de estilo único” (LABOV, 2008, p.

243). Essa constatação permite dizer que há um conjunto de variedades linguísticas ao alcance do falante, possibilitando a ele suas escolhas discursivas. Essas escolhas ocorrem em função do contexto situacional em que o usuário da língua está inserido em um determinado momento, ou seja, dentro de uma situação formal ou informal.

O argumento de Alkmim (2006, p. 37-38) para explicar o conceito de contexto formal ou informal reside no fato de que cada grupo social estabelece um contínuo de situações, representado por duas extremidades: a formalidade e a informalidade. A autora aponta situações como conferências, entrevistas para obtenção de emprego, solicitação de informação a um desconhecido, contato com vendedores e clientes como exemplos de situação formal. Já situações como passeatas, mesas redondas sobre futebol, bate-papo em bar, festas de Natal em empresas são definidas como situações informais. Pode-se dizer, portanto, que o falante adequa sua variação estilística em suas interações verbais, segundo o contexto momentâneo.

Além disso, quando o falante possui, por exemplo, uma proximidade de parentesco, de amizade, de relacionamento amoroso com o seu interlocutor, tem-se uma variedade linguística mais próxima da informalidade. Por outro lado, o distanciamento de convívio entre os falantes provoca uma escolha vocabular e uma estruturação sintática mais próxima da formalidade.

Por exemplo, o excerto a seguir retrata a fala entre uma filha (informante 1) e uma mãe (informante 2).

Exemplo 1:

A filha falando sobre a possibilidade de a mãe abrir uma lojinha:

Informante: 1 - (a filha) - **Você** tem que ter uma empresa.

*Constituir uma empresa - abro ela de hoje pra`manhã pra **você** - documentos né nada, o negócio é depois... um salário mínimo pro contador, imposto que **cê** tem que pagá pro governo, se num pagá ou se não entregá as obrigações direitinho, é multa, tudo é multa.*

Informante 2 - (a mãe) - *Muito complicado!*

Informante 1 - (a filha) - *Ah, mãe, é muito complicado, eu acho. Bom, se **você** consegui uma fonte, tipo Paraguai, assim, coisa legal pra comprá umas coisas e aí **cê** num ia preocupá com nota fiscal, **cê** ia vendê lá mesmo, lá Carapebus, na sua casa, abre uma portinha, Coisas da E., ia ser o nome, Coisinhas da E., olha só o nome, oh, que legal!*

Informante 2 - (a mãe) - *Já tem até nome, tá vendo?*

Informante 1 - (a filha) - *Aí vovó ia fazendo uns sabonetes, aquele seu amigo lá, que é artista plástico, fazia uns negócio legal também. Ia pocar!!!*

Exemplo 2:

Vejamos a filha em outro contexto situacional: na empresa onde ela trabalha, interagindo com um cliente⁴:

Informante 1 - (a filha) – *Bom dia, seu P., em que qui eu posso ajudá-lo?*

Informante 2 - (o cliente) – *Ah, G. eu queria vê aquele negócio do contrato...*

Informante 2 - (a filha) *Ah, sim! **O senhor** senta aqui, por favor, que eu vou lá buscar o processo e já volto...Seu P., **o senhor** qué fazê alteração de ME para LTDA, né isso?*

Informante 2 - (o cliente) *É... que qui eu tenho que fazê pra... agilizá... me explica?*

Informante 1 - (a filha) *Ah, é simples, **você** só tem que trazê pra mim a cópia do primeiro contrato **do senhor**, que faço as alterações contratuais...*

De acordo com os exemplos anteriores, percebe-se que, ao conversar com a mãe, a informante usa as duas formas *você* e *cê*, porém, quando conversa com o cliente, a falante transita entre as formas *o senhor* e *você*, evitando expressar a forma *cê*. Como se pode notar, a forma *você* é encontrada nas duas situações, na [+ informal], exemplo 1, e na [+ formal], exemplo 2, entretanto *cê* só foi pronunciado em uma situação de mais proximidade e intimidade, ou seja, na interação entre filha e mãe.

Segundo Labov (2008, p. 102) é o tipo de interlocução em um contexto situacional que faz um falante prestar (ou não) atenção ao seu próprio discurso. Dessa forma, o falante, no contexto formal, monitora mais a sua fala e, no contexto informal, presta menos atenção à sua própria fala, empregando um estilo menos monitorado.

Esta pesquisa fundamenta-se no arcabouço teórico da Teoria da Variação, postulado por William Labov, cujos pressupostos fundamentais são a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico de uma comunidade de fala (CAMACHO, 2006, p. 42) O modelo laboviano estuda a língua em uso, evidenciando sua heterogeneidade ordenada e sua inter-relação com a sociedade (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 25).

O presente trabalho tem como base a análise quantitativa de dados da fala, a partir da orientação dos pressupostos da teoria metodológica laboviana. Para a observação desse processo, trabalhamos com o programa computacional denominado GOLDVARB X

⁴ A oralidade do segundo exemplo foi presenciada pela pesquisadora e corresponde a um diálogo entre uma das falantes da Fala Casual e um cliente. O diálogo não foi gravado, apenas transcrito, pois chamou a atenção desta pesquisadora o fato de a falante usar os pronomes *você* e *senhor*, quando se encontrava em um contexto de mais formalidade. Ao contrário do que aconteceu quando a falante estava em uma situação informal e usou o pronome *cê* repetidas vezes, conforme mostra o exemplo 1.

(SANKOF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que possibilita dar um tratamento estatístico aos dados coletados.

Com o intuito de verificar a coexistência das variantes *você*, *ocê* e *cê*, trabalhamos com dois *corpora*: os dados do Projeto *O Português Falado na Cidade de Vitória* (PORTVIX), o qual corresponde a um banco de dados que registra a língua em seu uso efetivo, e os dados de duas gravações de Fala Casual, feitas especificamente para este trabalho, essencialmente como controle.

Labov (2008, p. 102) adverte que para empreender uma pesquisa sociolinguística são necessárias na amostra, entre outras formas de capturar a fala, as entrevistas formais, denominada pelo autor como “fala monitorada” (*careful speech*). O linguista acrescenta, ainda, que, “de um modo geral, uma entrevista, que tem como objeto explícito a língua do falante, alcançará um grau mais elevado na escala de formalidade do que na maioria das conversações”. O PORTVIX foi elaborado seguindo a metodologia das entrevistas labovianas, constituindo-se, então, em uma fala mais monitorada.

Existem situações em que o falante presta menos atenção ainda à sua fala, como aponta Labov (2008, p. 244): “por mais que o falante nos pareça informal ou à vontade, podemos sempre supor que ele tem uma fala mais informal, outro estilo no qual se diverte com amigos e discute com a mulher”. Seguindo essa linha de pensamento, julgamos pertinente fazer gravações secretas, para captar uma fala casual (*casual speech*) em que os falantes empregam um estilo menos monitorado. Na fala casual, o falante não presta nenhuma atenção à fala. Segundo Labov (2008, p. 111), fala casual é aquela usada em situações informais no cotidiano, “em que nenhuma atenção é dirigida à linguagem”.

Dessa forma, trabalhamos com os dois tipos de *corpora*, os quais foram constituídos por metodologias diferenciadas. Com esse procedimento, pretendemos apontar o comportamento do falante em cada um deles.

Para a coleta de dados do PORTVIX, foram selecionadas as variáveis gênero, faixa etária e nível de escolaridade de informantes, cujas características comuns eram as de ser naturais de Vitória, de ter pais capixabas e de residir sempre nesta cidade (YACOVENCO, 2002, p. 109).

A Fala Casual foi constituída por duas gravações de conversas sem que o falante tivesse conhecimento prévio do evento. Cabe ressaltar que, ao final da gravação, os participantes foram informados sobre a pesquisa e houve sua autorização para o uso dos dados.

Apresentamos, a seguir, a estrutura da pesquisa aqui proposta:

O capítulo 2 é dedicado aos estudos teóricos diacrônicos e sincrônicos sobre o pronome *Vossa Mercê >Você> Cê*.

O capítulo 3 é dedicado ao estudo pioneiro de William Labov, desenvolvido na Ilha de Martha`s Vineyard.

O capítulo 4 foi desenvolvido com assuntos que dizem respeito à comunidade de Vitória (ES).

No Capítulo 5 são mostrados os objetivos e hipóteses; os procedimentos metodológicos; a variável dependente e as variáveis independentes; a constituição das amostras (PORTVIX e FALA CASUAL) e o tratamento quantitativo dos dados.

O capítulo 6 trata da análise dos resultados em termos de frequência absoluta e pesos relativos do PORTVIX e da Fala Casual, gravação feita por instrumento de coleta anônima. Para a obtenção dos resultados os dois *corpora* foram submetidos ao programa estatístico computacional GOLDVARB X. O programa gera resultados numéricos em termos de frequências absolutas e porcentagens e aponta o peso relativo. O peso relativo indica um resultado que demonstra se há o favorecimento ou o desfavorecimento de um fator. Esse resultado ocorre fazendo-se a comparação entre os pesos relativos de um mesmo grupo de fatores e pela diferença ou distância entre os pesos.

O capítulo 7 discorre sobre a comparação do PORTVIX e da FALA CASUAL com outras pesquisas sincrônicas feitas sobre os pronomes *você, ocê* e *cê* no Brasil, e, finalmente, apresentamos as considerações finais da pesquisa.

2 ESTUDOS DIACRÔNICOS E SINCRÔNICOS

Vários autores têm-se dedicado ao estudo do pronome *você*, entre eles Brown e Gilman (1978), Cintra (1972), Faraco (1996), Lopes e Duarte (2003), Lopes e Machado (2006), Ramos (1997, 1999, 2006), Vitral (1996, 2002, 2006), Soto (1997), Andrade (2004), Monteiro (1994), Gonçalves (2008), Paredes (1998), Peres (2008), que estudam mais especificamente o pronome *você* no português.

O presente capítulo é dedicado à abordagem de estudos teóricos sobre o pronome *Vossa Mercê* >*Você*> *Cê*, no que tange à origem e evolução histórica, desde o português arcaico até a atualidade, seguida da apresentação referente a trabalhos atuais sobre o assunto. Neste capítulo apresentaremos, de forma sucinta, o estudo dos autores citados:

2.1 ORIGEM E PERCURSO HISTÓRICO DE VOSSA MERCÊ A VOCÊ

Cintra (1972), em seu estudo sobre o português europeu, intitulado Sobre “Formas de Tratamento” na língua Portuguesa, divide as formas de tratamento em três tipos: pronominal, nominal e verbal. O autor inclui o pronome *você* dentro da forma pronominal, tendo como origem a forma nominal *Vossa Mercê*. Aponta que atualmente as formas de tratamento do português europeu são divididas em três níveis, conforme o quadro 1:

FORMA	PRONOME
Intimidade	Tu
Tratamento igualitário ou de superior para inferior, sem intimidade.	<i>Você</i>
Cortesia	V.Ex ^a ., o Senhor, Doutor etc

Quadro 1 - Distribuição das formas de tratamentos no português europeu e os respectivos pronomes, segundo Cintra (1972).

O autor propõe, ainda, que em outros sistemas essa divisão ocorre em dois níveis: em formas de intimidade e em formas de cortesia ou distanciamento. Em outras línguas, como o francês, o espanhol e o italiano, as formas são subdivididas conforme quadro 2:

FORMA	PRONOME	LÍNGUA
Intimidade	Tu	Francesa
Cortesia	Vous	
Intimidade	Tu	Espanhola
Cortesia	Usted	
Intimidade	Tu	Italiana
Cortesia	Lei	

Quadro 2 - Distribuição das formas de tratamentos e os respectivos pronomes no francês, no espanhol e no italiano, segundo Cintra (1972).

Na língua portuguesa na Europa, segundo Cintra (1972), a divisão das formas de tratamento e, por conseguinte, as expressões nominais utilizadas devem-se à hierarquização da sociedade portuguesa e aos tratamentos nominais específicos utilizados somente para determinadas camadas sociais. Já no Brasil, o sistema de tratamento, assim como nas línguas românicas, ficou distribuído em dois níveis:

FORMA	PRONOME
Intimidade	<i>Você</i>
Cortesia (tratamento respeitoso)	Senhor

Quadro 3 - Distribuição das formas de tratamentos no português brasileiro e os respectivos pronomes, segundo Cintra (1972).

Segundo Cintra (1972), na metade do século XIV, em Portugal não havia um tratamento nominal para se dirigir a um interlocutor. Havia, entretanto, duas formas pronominais: a forma *tu*, usada para o trato familiar, e forma *vós*, usada para conotação de cortesia, de cerimônia.

Em consonância com Cintra, Soto (1997), em seu estudo também diacrônico, aponta que no Latim havia as duas formas de tratamento - *tu* e *vós* -, e esses tratamentos eram consoantes entre a pessoa pronominal e a verbal. Entretanto, segundo a autora, com o surgimento de expressões nominais que se combinavam com a terceira pessoa verbal, houve uma desestabilização do sistema pronominal.

Tal concepção também é apresentada por Faraco (1996, p. 55) ao afirmar que houve a substituição de *tu/vós*, herdado do latim, por um sistema de tratamento que se combinava com a terceira pessoa. Isso ocasionou mudanças no sistema de tratamento da língua portuguesa,

uma vez que surgiram formas para se referir à segunda pessoa do discurso e que levavam o verbo para a terceira pessoa.

Em estudo feito a respeito da evolução das formas de tratamento, também Brown e Gilman (1978) afirmam que no latim era usado *tu* para um tratamento mais próximo e *vós*, em ocasiões cerimoniais. Este último era um pronome de deferência ao rei. Gradativamente, o pronome *vós* foi-se estendendo às pessoas da nobreza. Tornou-se necessário, portanto, se criarem novas formas para se dirigir ao soberano, pois o pronome herdado do latim já não se constituía em um título honorífico. Surge, então, a forma nominal *Vossa Mercê*, e, de acordo com Santos Luz (1966, p. 300), o primeiro registro da forma *Vossa Mercê*, ocupando o lugar de *vós*, se deu em 1331, em textos escritos pertencentes à corte. Porém, a expressão *Vossa Mercê* ainda não desempenhava função de sujeito da oração, somente no século XV, é que *Vossa Mercê* começou a substituir *vós* como sujeito (Santos Luz, 1966, p. 300). Entretanto, essa nova forma *Vossa Mercê* sofreu um processo de popularização e extensão de significado e não só indicava a pessoa real, mas também os nobres e a burguesia urbana.

Faraco (1996, p. 51-52) argumenta, em seu estudo, que as formas de tratamento interessam tanto a antropólogos quanto a linguistas. Com relação aos linguistas, os estudos das formas interessam por três razões: a primeira diz respeito às repercussões gramaticais decorrentes das diferenças de uso; a segunda aponta para a perspectiva pragmática, pelas condições de uso da língua inseridas no contexto de variação de registros, dialetos e estilos e a última está relacionada ao estudo diacrônico das formas de tratamento, ou seja, “sua mudança no tempo e as eventuais repercussões dessas mudanças em outras partes da gramática” (p. 52). O autor afirma que a heterogeneidade social e mudanças nas relações sociais podem determinar alterações na língua. Sob esse aspecto, traçando o desenvolvimento diacrônico das formas de tratamento, o autor mostra que fatores socioculturais podem desencadear mudanças linguísticas, como ocorreu no “português moderno” (p. 52). Dessa forma, a combinação de fatores sociais e estruturais (externas e internas) pode ocasionar mudança na língua.

Segundo Faraco (1996, p. 55), no século XIV, especialmente no século XV, a estrutura *Vossa + N* surgiu na língua como formas de tratamento (*Vossa Mercê*, *Vossa Majestade*, *Vossa Alteza*, *Vossa Senhoria*), usadas inicialmente para o tratamento ao rei. Essas formas não faziam referência diretamente ao rei como pessoa do discurso. Em uma expressão não pronominal, e, sim, um sintagma nominal de terceira pessoa (*à sua mercê*, *à sua senhoria*).

Dessa forma, as expressões “Vossa Mercê”, “Vossa Majestade”, “Vossa Alteza”, “Vossa Senhoria” eram sintagmas nominais de terceira pessoa, conseqüentemente, combinavam-se com verbos também de terceira pessoa (FARACO, 1996, p. 66). Segundo o autor, o uso dessas expressões era um modo metonímico de fazer referência ao rei como interlocutor, entretanto o sintagma nominal foi se gramaticalizando. O processo de gramaticalização do sintagma nominal “perde sua realidade composicional e passa a significar em bloco à medida que ele perde sua significação metonímica e adquire uma significação dêitica, processo que é acompanhado de sucessivas erosões fonéticas até relativa estabilização da forma *você*” (p. 66), explica o teórico.

Faraco (1996) considera que as formas de tratamento em Portugal e no Brasil ocorreram em um *continuum*, porque o percurso de *vós* na Península Ibérica foi o mesmo que se deu no latim, ou seja, a forma *vós* vulgarizou-se, passando para a forma Vossa Mercê, como deferência ao rei. Mas o processo de vulgarização e a entrada de novas formas para se referir ao rei, como Vossa Alteza, Vossa Majestade, acabaram por minar a carga semântica de Vossa Mercê, pretendida inicialmente. Dessa forma, o termo Vossa Mercê já não se constituía em um tratamento honorífico.

Em Portugal, segundo Ramos (1997, p. 43), no século XIV surge a locução Vossa Mercê, em substituição a *vós*, e aparece em documentos assinados por quem dependia da “mercê” do rei. Depois, essa expressão passou a indicar a pessoa do soberano, que concedia um favor.

De acordo com Santos Luz (1966, p. 307), o uso da expressão Vossa Mercê, inicialmente, ocorria porque “os súbditos, dependentes sempre da mercê ou graça do príncipe, apresentavam as suas queixas e requerimentos dando-lhe o habitual *vós*. Sábiamente pediam *por mercê* e punham frequentemente *vossa mercê* por *vós*, referindo-se não à pessoa do soberano, e sim à graça e favor que dele dimanava”.

Aponta Said Ali (1976, p. 93) que no século XIV a forma *Vossa Mercê* ainda não havia se cristalizado como uma expressão pronominal, por isso aparecia também com verbos na segunda pessoa do plural. A forma Vossa Mercê, mais tarde, passou a ser título honorífico, com o verbo na terceira pessoa do singular.

Mais tarde, *Vossa Mercê* passa a ser usado para a fidalguia, “quando fidalgos e fidalgotes começaram a aceitar e a exigir igual tratamento dos seus criados e subalternos” (Said Ali, 1976, p. 93), surgindo, então, outras formas (*Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*) para se referir ao rei. Mais tarde, a classe mais pobre passou a fazer uso de *Vossa Mercê*, que, gradativamente, foi sendo abreviada em *vossancê* > *vossemecê* > *vossecê* > *vosmecê* > *você*.

Em um estudo apresentado por Lopes e Duarte (2003, p. 1)⁵, as autoras analisando o percurso da pronominalização de *Vossa Mercê* a *você* em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas, dizem que há algumas diferenças estruturais entre o português do Brasil e o de Portugal no que diz respeito aos pronomes. A forma *você*, proveniente do pronome de tratamento *Vossa Mercê*, por exemplo, “o que ressalta atualmente como diferença relevante é o seu emprego na interlocução” (2003, p. 1). No Português da Europa, o pronome *você* guarda traços de forma de tratamento, uma vez que ele se encontra em distribuição com *o senhor*, *a senhora* e *tu*, dependendo da intimidade existente entre as pessoas. Já no Brasil, o pronome *você* se encontra integrado ao sistema de pronomes pessoais, inclusive a forma *você* substituiu o pronome *tu*, em várias regiões do país, ou com ele concorre.

As linguistas afirmam que ao longo dos séculos XIX e XX (por volta dos anos 20 e 30 do século XX) é quase exclusivo o uso de *você*. Entretanto, no último quartel do século XX, observou-se nos textos das peças brasileiras e portuguesas o retorno do pronome *tu*, porém sem a forma verbal com a flexão de segunda pessoa. Acrescentam que em estudos feitos por Menon (1997) e Menon & Lorengian Penkal (2002) apontam a ausência de *tu* em Curitiba e a concorrência de *você* com *tu* em Florianópolis e Porto Alegre. Em Florianópolis *tu* é menos frequente que *você*, mas o *tu* aparece mais com a marca da flexão verbal. Em Porto Alegre, ao contrário, *tu* aparece mais, porém a flexão verbal é menos encontrada.

Percorrendo um quadro teórico, Lopes e Duarte (2003, p. 2) apontam que estudos funcionalistas defendem que a gramaticalização é um processo gradual, é um fenômeno contínuo. Isso explica as perdas e ganhos em termos de propriedades formais e semânticas na pronominalização de *Vossa Mercê* > *Você*, quando ocorreu a mudança de categoria de nome para pronome. A gramaticalização de *Vossa Mercê* ocorreu em decorrência de uma mudança encaixada linguística e socialmente. As formas nominais de tratamento passam a substituir o

⁵ Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/posverna/docentes/70994-4.pdf>

tratamento *vós*, tido como cortês. Essa mudança ocorre em consequência da ascensão da nobreza e, depois, pela exigência da burguesia, que também exige um tratamento diferenciado. As formas nominais de tratamento, ao serem difundidas, perdem a sua concepção semântica inicial e as formas gramaticalizam-se, como ocorreu com *Vossa Mercê*>*Vosmecê*>*Você*.

De acordo com as autoras, foi no fim do século XVIII que houve o processo de pronominalização de *Vossa Mercê* e a partir do século XIX, a gramaticalização de *você*. Na mudança de nome para pronome, na pronominalização de *Vossa Mercê* para *você*, embora tenha havido perdas e ganhos “nem todas as propriedades formais nominais foram perdidas, assim como não foram assumidas todas as propriedades intrínsecas aos pronomes pessoais” (2003, p. 3).

As autoras ao analisarem o início da pronominalização de *Vossa Mercê* levaram em conta os 5 (cinco) princípios nos termos de Hopper (1991): estratificação (*layering*), divergência, especialização, persistência e decategorização. Cada princípio citado desempenha um papel importante para a explicação da pronominalização. No princípio da estratificação (*layering*) as camadas os usos mais antigos não são necessariamente descartados, ou seja, no caso de *Vossa Mercê* a forma coexiste com a emergente *você*. No princípio de divergência, *Vossa Mercê* ocorre de forma autônoma ao lado da forma gramaticalizada *você*. Entretanto, *Vossa Mercê*, embora convivendo com *você*, apresenta função diferenciada. O substantivo *mercê* mantém suas propriedades fonológicas, e, como acontece ainda hoje, conserva o seu significado semântico, como no exemplo: “estamos a *mercê* dos bandidos” (2003, p. 3). Já a forma *você* perdeu a massa fonológica: *Vossa Mercê*>*Você*>*Cê*, havendo também perda de significado semântico, pois já não possui caráter de cortesia. No princípio de especialização, ocorre que uma das variantes (*Vossa Mercê/você*) passa a ser quase que exclusiva em certos contextos. Portanto, o pronome *você* só vai aparecer em uma dada situação contextual, não aparecendo em contextos que favorecem *Vossa Mercê*. Há, ainda, o princípio da persistência o qual apresenta uma ambiência intermediária em que a conservação de traços originais persistem na nova forma gramaticalizada e, finalmente, chega-se ao princípio de decategorização (ou *descategorização*), momento que as marcas morfológicas e sintáticas se neutralizam e o nome ou sintagma nominal assume a forma pronominal.

Os *corpora* trabalhados por Lopes e Duarte foram distribuídos por período histórico e os dados gerais obtidos nas peças de teatro, no que tange ao tratamento utilizado à época, apresentaram uma distribuição regular, destacando-se a preferência pelo uso de *tu* e um baixo índice de *você* no português europeu. Entretanto, ao fazerem as rodadas separadamente, por cada período, o resultado apresentado se diferencia, não ocorrendo mais uma regularidade: tem-se, então, na 1ª fase do século XVIII a predominância de *tu* sobre as outras formas e baixo índice de *você* (4%). Depois, já na passagem para o século XIX, ocorre uma elevação de *tu*; *você* continua em 4%, mas, no último período do século XIX, o pronome *você* se reduz a 1% dos casos somente.

Em relação às peças brasileiras, os resultados apontam que na 1ª fase do século XVIII há concorrência entre as formas principais, apontando percentuais em torno de 30%.

Podemos observar a distribuição no quadro demonstrativo do uso dos pronomes *Vossa Mercê*, *Você*, *Tu*, *Vós* usados no Brasil, de acordo com o período histórico:

1ª metade do século XVIII	2ª metade do Século XVIII	1ª Metade do século XIX	2ª metade do século XIX
33% de <i>Vossa Mercê</i>	63% de <i>tu</i>	90% de <i>tu</i>	60% de <i>tu</i>
29% de <i>tu</i>	<i>Vossa Mercê</i> e <i>Vós</i> entram em desuso		Uso de <i>você</i> concomitante com o uso de <i>Senhor</i> , <i>Vossa Senhoria</i> etc
25% de <i>vós</i>			
13% de <i>você</i>			

Quadro 4⁶ - Distribuição do uso dos pronomes *Vossa Mercê*, *Você*, *Tu*, *Vós* usados no Brasil, de acordo com o período histórico (LOPES; DUARTE, 2003).

Na primeira metade do século XVIII há uma baixa ocorrência de *você* (13%). Na segunda metade desse mesmo século, há elevação no uso de *tu* (63%), e *Vossa Mercê* e *Vós* caem no desuso. Na 1ª metade do século XIX, há considerável elevação no uso de *tu* (90%) e, na segunda metade do século XIX, diminui-se o uso de *tu* (60%), que, mesmo assim, ainda se mantém elevado, *Você* (10%) também é produtivo e ocorre em concomitância com outros pronomes de tratamento.

⁶ Quadro adaptado a partir da leitura de Lopes e Duarte (2003, p. 1-17).

O trabalho de Lopes e Duarte também considerou aspectos não-linguísticos, avaliando aspectos de poder na dicotomia “poder e solidariedade”, segundo a teoria de Brown & Gilman (1960, *apud* LOPES; DUARTE, 2003). Na relação de “poder” ocorre uma assimetria no tratamento, ou seja, uma pessoa exerce mais controle sobre a outra no processo interativo. Dessa forma, não há reciprocidade no uso das formas de tratamento, pois há uma hierarquia entre os interlocutores, e, conseqüentemente, há comportamentos diferenciados na escolha do tratamento. Já na relação de “solidariedade” ocorre igualdade entre os interlocutores, porque estes se encontram em um mesmo nível social. Nesse sentido o *tu* é que seria simétrico e se configuraria como igualitário na situação comunicativa.

Levando-se em consideração as relações de superior para inferior (patrão/empregado; pai/filho), de inferior para superior (criada/patroa; filho/pai), membros de um mesmo grupo social (classes populares) e membros de um mesmo grupo social (classes não-populares), os usos das formas pronominais e de tratamento nas relações hierárquicas, nas peças teatrais do português do Brasil e do português de Portugal, os resultados obtidos foram: na relação de superior para inferior, a forma *tu* foi a mais frequente em quase todos os tipos de relação (73%); *Vossa Mercê* (6%) e a sua contraparte *você* (4%) apresentaram baixíssimos índices, bastante próximos. Nas relações de inferior para superior, *Vossa Mercê* e outras formas como *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria*, o índice foi idêntico (31%), evidenciando a manutenção de um caráter de cortesia e respeito. Nas classes populares (mesmo grupo social), é predominante o emprego de *tu* (69%); seguido de *você* (18%). Já entre os membros de classes não-populares, *Vossa Mercê* (7%) e *você* (5%) apresentam frequência bem próximas, apontando uma convivência entre a nova e a velha forma.

O trabalho apresentado por Lopes e Duarte (2003) mostra, de maneira clara e contundente, a diferenciação de uso das formas no Português brasileiro e no Português de Portugal, apresentando uma clara mudança em progresso, conforme se pode observar nas diversas sincronias comparadas.

Um outro trabalho pesquisado foi o de Lopes e Machado (2005, p. 45-66) em que as linguistas fazem uma abordagem teórico-descritivo-analítico sobre os pronomes de tratamento *tu*, *você(s)*, bem como os pronomes possessivos *seu(s)*, *sua(s)*, *teu(s)*, *tua(s)* e os de complemento de segunda pessoa *te*, em um *corpus* constituído por 41 (quarenta e uma) cartas escritas entre os anos de 1879 a 1892. Esses escritos foram feitos pelo casal Ottoni e tinham

como destinatários os netos Mizael e Christiano, que moravam em Paris. Na distribuição das cartas, 27 (vinte e sete) delas foram redigidas pelo avô, o Senhor Christiano Benedicto Ottoni, natural de Minas Gerais, 68 (sessenta e oito) anos. Era um homem público e exercia o cargo de Senador, além de ser Engenheiro e Professor. As 14 (catorze) cartas restantes foram escritas pela avó, Senhora Bárbara Balbina de Araújo Maia Ottoni, nascida no Rio de Janeiro, dona de casa e quituteira. Tanto um quanto o outro se encontravam em um nível sócio-cultural de igualdade, não obstante o grau de escolaridade da avó, aparentemente menos letrada, ser diferenciado daquele do avô.

As autoras, ao analisarem os resultados obtidos, asseguram que há o uso mais acentuado do pronome *tu*. Com esse dado, as pesquisadoras confirmam os resultados obtidos em outros trabalhos elaborados em cartas particulares dos séculos XVIII e XIX, nos quais há o uso majoritário de *Tu*. Segundo as autoras, em correspondências (SILVA; BARCIA, 2002 *apud* LOPES; MACHADO, 2005, p. 45), em cartas não-oficiais (RUMEU, 2004 *apud* LOPES E MACHADO, 2005, p. 48) e em diálogos entre personagens de peças teatrais populares (LOPES; DUARTE, 2003), o pronome aparece quase que em todos os níveis de hierarquia entre os interlocutores. Com relação às cartas da Senhora Bárbara, ao contrário, tem-se a predominância de *você* (64%), forma inovadora que se encontrava em concorrência com *tu*. Em contrapartida, nas cartas do Senhor Christiano, há uso majoritário do tratamento *tu*, de 94 dados 90 são de *tu*, correspondendo a 96% (2005, p. 52).

As diferenças encontradas na Família Ottoni são apresentadas na tabela 1:

Tabela 1 - Uso de *você*, segundo o gênero, na alternância entre as formas *você* e *tu*, em Lopes e Machado (2005, p. 52)⁷

Gênero	Frequência	
	Número de ocorrência	Porcentagem
Senhor Christiano	04/94	4%
Senhora Bárbara	08/14	57%
Total	12/108	11%

Segundo Soto (2001 *apud* LOPES; MACHADO, 2003p. 52), a alta frequência dessa forma inovadora de segunda pessoa na escrita da Senhora Bárbara, em um período

⁷ Tabela 1 – adaptada do uso de *você*

predominantemente de ocorrência de *tu*, aponta para a generalização do uso de *você* no final do século XIX, sobretudo na ambiência doméstica. Dessa forma, as cartas retratam o estilo oral vivenciado nesse contexto.

As autoras levantam a hipótese de que o índice baixo da forma *você* nas cartas do Senhor Christiano pode ser pelo fato de ele ter uma motivação discursiva, visto que há, em suas cartas, uma preocupação com a sintaxe, a grafia, o estilo e com os padrões de bem falar e bem escrever preconizados à época. A correspondência da Senhora Bárbara, ao contrário, apresenta traços da oralidade, o que pode atestar, nos termos de Labov (1990 *apud* LOPES 2005, p. 47, 54), a tendência feminina do uso das formas inovadoras, quando se trata de fenômenos de mudança linguística sem estigma social.

Com relação à mistura de pronomes, as autoras asseguram, com base em seus resultados, que o pronome complemento *te*, de segunda pessoa, vem combinando com a forma *você*.

Em outras palavras, o pronome *você*, originariamente de terceira pessoa, agora discursivo e semanticamente de segunda pessoa, mantém a forma verbal de terceira pessoa, mas no seu contexto de ocorrência pode ser encontrado o pronome *te*, historicamente de segunda pessoa, em combinação com *você*, agora também de segunda pessoa. O falante faz a concordância de *te* com *você*, provocando uma mistura de tratamento. Em Vitória (ES), podemos observar o uso do pronome *você* em combinação com a forma *te*, conforme podemos verificar na amostra:

Informante 3: *Por que você num ligou mais cedo? Não deu pra te atender.*

Informante 5: *Te perguntar um negócio: cê que viaja muito[...]*

Sobre essa variação pronominal, Monteiro (1994) sustenta que essa “intercambialidade dos pronomes” decorre, no caso dos pronomes de segunda pessoa, da introdução do pronome *você* no campo semântico e discursivo da segunda pessoa, dando possibilidade de reorganizar o sistema.

Nesse sentido, pode ocorrer uma série de associações nas relações sintáticas. Tal alternância, de acordo com o autor, sugere mudanças no comportamento dos falantes, dependendo da natureza da relação social: a combinação de *te* com *você* denota talvez uma maior

aproximação ou intimidade do que *lhe* com *você*. Para o autor, o que vai determinar a seleção da combinação das formas pronominais são os tipos de relações e as inferências intersubjetivas entre os interlocutores, muito mais que um conjunto de regras de estrutura sintática.

Um outro trabalho que merece destaque é o de Lopes *et al.* (2009), intitulado “*Quem está do outro lado do túnel? Tu ou você na cena urbana carioca*”. Nesse trabalho, os autores pesquisam as formas de tratamento *tu* e *você* na cidade do Rio de Janeiro, sob orientação do aporte teórico da sociolinguística quantitativa e da teoria qualitativa da sócio-linguística pragmática, esta, com ênfase na teoria de Brown e Levinson (1987, *apud* LOPES *et al.*, 2009, p. 13).

Segundo Lopes *et al.*, muitas têm sido as pesquisas em torno do sistema de tratamento vigente no Brasil. A autora cita os trabalhos de Modesto (2006), Lucca (2005), Amaral (2004), Paredes (2000), afirmando que nos resultados desses autores são encontrados alguns pontos de convergência, como a observação da forma *tu* sendo favorecida em situações mais solidárias e íntimas, principalmente, na fala dos jovens de menor escolaridade. Há também uma maior neutralidade da forma *você*, com seu emprego mais produtivo na fala das mulheres.

O trabalho de Lopes *et al.* evidencia a complexidade social encontrada nos centros urbanos, no que tange ao grande contingente de moradores instalados nas cidades, moradores esses que ultrapassam a população rural. Com isso, ocorre a presença de grupos diferentes, formando uma realidade socialmente diferenciada, em decorrências das correntes migratórias. Torna-se necessário, pois, “rediscutir perspectivas teóricas que permitam evidenciar as conseqüências linguísticas da própria estruturação urbana” (PLOOG; REICH, 2004 *apud* LOPES *et al.*, 2009, p.13), levando-se em consideração que o falante necessita de estratégias linguísticas para lidar com as exigências pragmáticas nas várias situações interativas do cotidiano.

Lopes *et al.* ressaltam as dificuldades, não raras, encontradas nas entrevistas de modelo laboviano, no sentido de muitas vezes não ser possível capturar na fala do informante as variantes a serem analisadas, haja vista que as perguntas estratégicas feitas pelos entrevistadores não possibilitam a uma resposta com as formas buscadas. No trabalho específico dos autores, o interesse era pelo uso das formas *tu* ou *você*. Acrescentam que,

quando muito, encontravam um *você* indeterminado (genérico), contudo, no dia-a-dia, os pronomes *tu* e *você* com referência específica eram ocorrências pronominais recorrentes na fala do Rio de Janeiro. Por esse motivo, os pesquisadores optaram por organizar um *corpus* que retratasse as formas interlocutivas utilizadas no tratamento interpessoal. Para tanto, posicionaram-se em um ponto específico da cidade do Rio de Janeiro e fizeram 20 gravações com pessoas aleatórias, inseridas, formal ou informalmente, no mercado de trabalho. Os informantes desempenhavam a função de ambulantes, vendedores e gerentes. A escolha desses falantes deveu-se ao fato de serem profissionais que dão atendimento a um público pertencente a diferentes estratos sociais, o que favorece, pelo caráter interativo, o emprego de *você*, visto ser um pronome com uma forma menos marcada e neutra. A faixa etária foi controlada sob uma distribuição ampla: jovens, adultos e idosos, com distribuição também por gênero. Era evitado o uso das formas *tu* e *você* para que não houvesse influência na resposta, assim, perguntavam, por exemplo, “*como eu faço pra chegar a rua do Acre?*”.

Na distribuição geral da variação *você-tu* os resultados encontrados na posição de sujeito foram os seguintes:

Tabela 2 - Distribuição das formas *você* e *tu* em função do sujeito, na fala de ambulantes, segundo Lopes et al (2009, p. 20)⁸

Lopes et AL	
Você	83/129 = 65%
Tu	46/129 = 35%

O trabalho dos autores demonstra a necessidade de se buscar, muitas vezes, o levantamento de dados diferenciados daqueles encontrados por intermédio de uma entrevista de modelo laboviano. Na nossa pesquisa, também nos deparamos com essa necessidade, pois foi preciso constituir novos dados, embora não tenha sido pelo fato de não encontrarmos as formas em análise (*você* e *cê*), mas porque o nosso questionamento era se a forma *cê* poderia ter frequência produtivamente mais alta do que aquela apontada pelo PORTVIX. Para que essa dúvida fosse sanada, constituímos um novo *corpus* de Fala Casual, para ser comparado ao PORTVIX, conforme veremos mais adiante, às páginas 71-74, nos itens 5.4.1 e 5.4.2, que tratam da *constituição da amostra*.

⁸ Adaptação da tabela 2: *Você* e *tu* na posição de sujeito (LOPES et al, 2009, p. 20)

As variações entre as formas *você>ocê>cê* têm sido objeto de estudo de vários pesquisadores brasileiros, visto que essa ocorrência tem sido verificada no Brasil. Em Vitória (ES) tem-se observado o fenômeno *você>cê*, como nos exemplos a seguir:

Informante 1:

- (a) *E ele? Ele sem camisa, cê fala que ele morava no Talibã.*
- (b) *Você vai ficar em casa, aí? Depois cê me dá uma ligadinha, daqui...”* (falando ao telefone).
- (c) *Eu vou contar uma real pra você...*
- (d) *Num é que ele andou, se você fazer os cálculos, cê gasta até menos, mas cê tem que contar caminhão, eh, ônibus, é uma parada... Mas se você viajar à noite, uma hora dessa no “reveillon”, você num vai pegar ninguém na estrada.*

Informante 3:

- (e) *E o carro? E o carro tava aonde? E cê parô o carro aonde? Cê parô o carro na pracinha?*

Informante 5:

- (f) *Mas Raul, você é um cara super alegre, onde você chega assim, cê coloca vida; essas brincadeiras suas...*

Na opinião de Monteiro (1990), na maior parte das regiões brasileiras, ocorre uma oposição entre *você* e *senhor*⁹, a escolha de uma forma ou de outra depende do grau de formalidade ou intimidade, da idade dos interlocutores e das condições econômicas.

A partir de trabalhos já desenvolvidos sobre as formas de tratamento no português atual, Ramos (2001) estuda as formas de tratamento no português brasileiro atual, com base nos pressupostos da Teoria sociolinguística. Em um de seus trabalhos, proferido em uma palestra em Tübingen, a autora fundamentou seus resultados com dados coletados em uma situação de interação entre pais e filhos, buscando enfatizar as variantes *senhor* e *você*. Esses dados foram

⁹ Esta presente pesquisa terá continuidade e será inserida como mais uma variante da variável dependente a forma *o senhor*.

obtidos por meio de um teste, composto de um questionário com dez perguntas, aplicado a 300 moradores de Belo Horizonte, no qual se buscava informações sobre o comportamento dialógico entre pais e filhos em diferentes situações. Junto com esse questionário havia uma ficha por meio da qual se solicitava a idade e naturalidade do informante, a idade da mãe e do pai do informante e se perguntava se a mãe trabalhava fora e qual a sua escolaridade. A autora faz uma síntese sobre os estudos anteriores das formas *senhor/você* na língua portuguesa, depois mostra o percurso diacrônico das formas e, por último, apresenta os resultados da sua análise quantitativa.

Segundo a autora, a partir dos anos 50 do último século, com o processo de modernização da sociedade brasileira, o modelo de organização familiar pode ser descrito pelo caminho que vai do hierárquico ao igualitário. Na família igualitária, a base do relacionamento é a igualdade, e, na hierárquica, é a idade que aponta a posição entre pai e filho. Na família com base na hierarquia, o filho é colocado na posição de inferior perante o pai, devido ao pai ser mais velho, motivo por que é dado a ele o tratamento de *senhor*. Já na família igualitária, a idade não possui esse estatuto, pois a faixa etária entre pais e filhos deixou de ser a representação do poder. Dessa forma, dentro da família, a idade, representada pela figura paterna, deixou de representar poder e a relação pai e filho atingiu um patamar de igual para igual, tornando possível o uso mais generalizado do tratamento *você* entre os pais e filhos. Portanto, nessas condições, o *senhor* vem sendo substituído por *você*. Dessa forma, o trabalho de Ramos ratifica a opinião de Monteiro, visto que a escolha de *você*, na oposição *senhor/você*, depende, sobretudo, da situação de igualdade e de intimidade entre os falantes.

O estudo de Lapa (1973, *apud* ANDRADE, 2004) já apontava a existência de um uso generalizado da forma *você* no Brasil, quando se trata da existência de familiaridade entre interlocutores. Essa observação é ratificada pelo estudo feito por Ramos (2001), conforme descrito anteriormente.

Embora Cintra (1972) tenha feito a distribuição dos pronomes em dois níveis – *você* e *senhor* – conforme vimos anteriormente às páginas 24 e 25, esse autor não menciona a ocorrência de *tu*, *ocê* e *cê* no português do Brasil. Estudos mais recentes dos autores Scherre *et al* (2009)¹⁰

¹⁰ O estudo Scherre *et al* (2009) é um trabalho de cunho bibliográfico, isto é, não é ainda uma pesquisa baseada em coleta de dados, mas, sim, fundamentada em outros estudos sobre o tema, entre os quais estão incluídas as pesquisas de cinco orientandos da primeira autora. Quatro dos cinco orientandos são co-autores do trabalho: Nívea Lucca; Edilene Patrícia Dias; Carolina Queiroz Andrade e Germano Ferreira.

apontam a existência de uma diversidade de pronomes no português brasileiro. Esse estudo, intitulado *Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro*, foi apresentado no II SIMELP (Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa), ocorrido na Universidade de Évora – Portugal – em outubro de 2009, no qual os autores apresentaram a ocorrência de uso das formas pronominais *você* e *tu*, os percentuais de concordância com o pronome *tu* e o estatuto marcado ou não-marcado das variantes em jogo.

Segundo os autores, o pronome *você* pleno e explícito ocorre sempre com concordância, e *tu* com concordância variável, aparecendo, na maioria das vezes, como não-marcado. Os pesquisadores indicam que o pronome *você*, dependendo da natureza da interação entre os interlocutores e da região geográfica em que estão inseridos, pode apresentar-se da seguinte forma:

Descrição do pronome <i>você</i>	Exemplo de região geográfica
Uso informal ou menos marcado, alternando com as variantes <i>cê/ocê</i> ou com o pronome <i>senhor</i> .	Grande parte do Estado de Minas Gerais, região Sudeste; e do Estado de Goiás, região Centro-Oeste.
Uso menos informal ou mais marcado, alternando com o pronome <i>tu</i> ou com o pronome <i>senhor</i> .	Estados do Ceará, da Paraíba e de Pernambuco, na região Nordeste; e da variedade de fala em processo de focalização dialetal da capital brasileira, Brasília, região Centro-Oeste.
Uso como forma de contato, logo substituído pelo pronome <i>tu</i> com concordância variável, que, por sua vez, alterna com o pronome <i>senhor</i> .	Interior do Estado do Amazonas, na cidade de Tefé, região Norte.
Uso estranho à comunidade local, em que predomina o uso natural do pronome <i>tu</i> sem concordância, que, por sua vez, alterna com o pronome <i>tu</i> com concordância em situação formal ou com o pronome <i>senhor</i> .	Estado do Rio Grande do Sul, na região Sul.

Quadro 5¹¹ - Usos do pronome *você* com exemplificação de região geográfica, segundo Scherre *et al* (2009, p. 23)

¹¹ Quadro organizado a partir do roteiro da apresentação feita por Scherre *et al*, intitulada *Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro*, no II SIMELP (Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa)

De acordo com o quadro 5, que apresenta o estudo dos pesquisadores, podemos verificar que atualmente os tratamentos pronominais no Brasil não se limitam apenas às formas *você* e *senhor*, conforme demonstrou Cintra (1972). Dessa forma, orientados pela organização da visão de conjunto dos pronomes apresentada em Scherre *et al* (2009, p. 3-4), podemos afirmar que há no português brasileiro diversos subsistemas pronominais. A subdivisão encontrada no trabalho dos autores mostra uma visão geral dos subsistemas pronominais encontrados atualmente no Brasil. Cabe ressaltar que o quadro a seguir corresponde a uma transcrição das ideias dos pesquisadores, a partir do roteiro da apresentação feita por Scherre *et al*, intitulada *Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro*, no II SIMELP (Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa) Universidade de Évora – Portugal – 6 a 11 de outubro de 2009.

1) Subsistema pronominal com predomínio de <i>você</i> :	Uso predominante do pronome <i>você</i> e suas variantes <i>cê</i> e/ou <i>ocê</i> (entre 97% e 100%), nas regiões Centro-Oeste, Sudeste (Belo Horizonte, Montes Claros, Uberlândia, Arcos, em Minas Gerais; Vitória, no Espírito Santo), Sul (Curitiba, no Paraná) e Nordeste (Salvador, Helvécia e Rio de Contas, na Bahia), sem representante conhecido para a região Norte (cf. Andrade, 2004; Coelho, 1999; Ramos, 1997; Herênio, 2006, p. 76-79; Gonçalves, 2008; Calmon, 2009; Loregian-Penkal, 2004, p. 121; Figueiredo, 2005, p. 13).
2) Subsistema pronominal com predomínio de <i>tu</i> com concordância muito baixa:	Uso predominante do pronome <i>tu</i> (acima de 80%), com concordância com o pronome <i>tu</i> abaixo de 10% (menos de 7%), nas regiões Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi, São Borja, Pelotas, No Rio Grande do Sul) e Norte (Tefé no Amazonas), sem representante conhecido para as regiões Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste. (cf. Loregian-Penkal, 2004, p. 138; Amaral, 2003, p. 15; 120; Martins, 2009)
3) Subsistema pronominal com uso equilibrado de <i>tu/você</i> com concordância muito baixa com pronome <i>tu</i> :	Uso equilibrado do pronome <i>tu</i> (50% de <i>tu</i> e 50% de <i>você</i>), com concordância com o pronome <i>tu</i> abaixo de 10% (perto de 1%), na região Sul (Chapecó, em Santa Catarina), sem representante conhecido para as demais regiões (cf. Loregian-Penkal, 2004, p. 133; 137; 167).
4) Subsistema pronominal com predomínio de <i>tu</i> com concordância média:	Uso predominante do pronome <i>tu</i> (entre 76% e 96%), com concordância com o pronome <i>tu</i> acima de 40% (entre 43% e 60%), nas regiões Sul (Florianópolis e Ribeirão da Ilha, em Santa Catarina), Nordeste (São Luís, no Maranhão, com percentuais ainda não disponíveis) e Norte (Belém, no Pará), sem representante conhecido para as regiões Centro-Oeste e Sudeste (cf. Loregian, 1996, p. 65; Loregian-Penkal, 2004, p. 136; 167; Soares e Leal, 1993, p. 51).
5) Subsistema pronominal com uso variável de <i>você/tu</i> ou <i>tu/você</i> , sem concordância com o pronome <i>tu</i> :	Uso variável dos pronomes <i>você/tu</i> ou <i>tu/você</i> (30% a 95% de <i>você</i> ou 5% a 70% de uso de <i>tu</i>), sem concordância com o pronome <i>tu</i> , nas regiões Centro-Oeste - DF (Grande Brasília/Distrito Federal), Sudeste (Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro; Santos, em São Paulo; São João da Ponte, em Minas Gerais), Sul (Paraná, em áreas bilíngües) e Nordeste (Cinzento, Sapé, Poções, Santo Antônio, na Bahia) e Norte (Boa Vista-RO) (cf. Lucca, 2005; Dias, 2007; Paredes Silva, 2003, p. 163; Lopes et alii, 2009; Modesto, 2006, p. 85; Mota, 2008, p. 64; Leão, Altenhofen & Klassmann, 2003; Figueiredo, 2005, p. 13; Figueiredo, 2007, p. 13).
6) Subsistema pronominal <i>tu/você</i> ou <i>você/tu</i> com concordância médio-baixa com o pronome <i>tu</i> :	Uso variável dos pronomes <i>tu/você</i> ou <i>você/tu</i> , com percentuais ainda não completamente conhecidos e com concordância com o pronome <i>tu</i> médio-baixa - entre 14% e 38%, nas regiões Sul (Blumenau - 27% de <i>tu</i> - e Lages ¹² - 15% de <i>tu</i> -, em Santa Catarina) e Nordeste (Recife, em Pernambuco; João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba; Fortaleza, no Ceará; Teresina, no Piauí; Imperatriz, no Maranhão), sem representante conhecido para as regiões Centro-Oeste, Sudeste e Norte (cf. Loregian, 1996, p. 65; Loregian-Penkal, 2004, p.137; Bezerra, 1994, p. 115; Pedrosa, 1999; Soares, 1980; Herênio, 2006, p. 76-79).

Quadro 6¹³ - Transcrição da subdivisão pronominal encontrada no Brasil segundo Scherre *et al* (2009).

¹² Nas referências bibliográficas no quadro constante do trabalho de Scherre *et al* (2009). foi feita uma pequena correção no percentual de *tu* de Lages, que é 15% (e não 27% como contava no quadro original de Scherre (2009) *et al*.

¹³ Transcrição das ideias de Scherre *et al* (2009), a partir do roteiro da apresentação no segundo SIMELP.

2.2 TRABALHOS ESPECÍFICOS SOBRE VOCÊ, OCÊ E CÊ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Com relação aos pronomes *você* e *cê*, Vitral e Ramos têm-se dedicado mais profundamente à sua análise. Um dos trabalhos desses autores (VITRAL; RAMOS, 2006) discorre sobre o processo de gramaticalização dos pronomes *Vossa Mercê* > *cê*. Os autores defendem a ideia de que a forma *cê* seria um pronome em processo de cliticização. Segundo eles, a agramaticalidade de *cê* em ambientes nos quais também outros clíticos não são aceitos no português brasileiro comprovaria a adoção de *cê* como um novo clítico: não pode ser topicalizado (* *cê* ele não viu), nem modificado por advérbios (Só * *cê* podia subir), não pode ser sozinho como resposta a uma pergunta (Quem ganhou? – *Você!* - * *Cê*), não pode ser complemento de preposição, por ser um ambiente em que só se encontram formas fortes ou tônicas (Eu trouxe pra *você*, eu trouxe pr`o *cê*, eu trouxe * pra *cê*), e não pode ser coordenado com uma forma tônica (Ele e *você* podem votar/*Ele e *cê* podem votar).

Em um estudo quantitativo, ao analisar as formas *você*, *ocê* e *cê* em um *corpus* constituído de entrevistas de falantes de Belo Horizonte, em uma amostra de 12 (doze) informantes, divididos em três faixas etárias, em que a autora classifica como jovens, medianos e velhos, Ramos (1997) aponta que a alta frequência da variante *cê* (55%) comprova que o uso dessa forma já está implementada no sistema. A autora afirma que as três variantes *você*, *ocê* e *cê* ocorrem na posição de sujeito, entretanto apenas *você* e *ocê* aparecem nas posições de complemento de verbo e objeto de preposição. Com relação à faixa etária, a variante *cê* apresenta: 54% para jovens, 50% para medianos e 61% para velhos. Ramos (1997), ratificando Duarte (1995), diz que “é inovador na língua o uso de *você* como referência indefinida/arbitrária e complementa afirmando que *cê* também é uma variante inovadora e, por conta disso, os itens se encontram em uma etapa de especialização, quer dizer, os itens tendem a assumir função sintática mais específica, sendo uma delas usada preferencialmente como referência específica e outra como referência genérica” (RAMOS, 1997, p. 49). A autora apresenta resultados relativos ao tipo de referência e conclui que o item *cê* apresenta 54% como referência definida (específica) e 56% como referência indefinida (genérica), não se apresentando como muito significativa a diferença entre os tipos de referência. Entretanto, a forma *você* ocorre com baixa frequência (28%) como referência indefinida (genérica) e 37% como definida (específica). Já o item *ocê* aparece 9% como referência definida e 16% como

indefinida. Portanto, independentemente da referência, é o pronome *cê* que possui maior produtividade nas referências genérica (56%) e específica (54%).

Andrade (2004) também se dedicou ao estudo das formas *você*, *ocê* e *cê* em Brasília, no Distrito Federal. A pesquisa teve uma amostragem de 1.258 (mil duzentos e cinquenta e oito) dados de fala em entrevistas realizadas no ano de 1991, tendo como informantes quinze falantes (oito do gênero masculino e sete do feminino), entre 10 e 14 anos, e a fala da entrevistadora, de 25 anos. Ao lado da entrevistadora, natural do Rio de Janeiro, que na época residia há 19 anos em Brasília, os outros informantes foram distribuídos da seguinte forma: 6 (seis) da área rural de Boa Vista, no Distrito Federal, e 9 (nove) da área urbana, em Brasília. O objetivo da pesquisa foi verificar, por intermédio de resultados estatísticos, orientados pela sociolinguística laboviana, a ambiência sintática, discursiva e social favorecedora de cada uma das variantes pronominais e testar em que proporção os condicionamentos sociais foram capazes de influenciar a escolha das formas *você*, *ocê* e *cê*. Para isso, a autora comparou os resultados estatísticos de seus dados com aqueles encontrados por Ramos (1997) e Coelho (1999).

A autora, com base em leituras diversas, apresenta pesquisas que descrevem o pronome Vossa Mercê até a forma mais reduzida *cê*, discorrendo sobre o processo da gramaticalização de Vossa Mercê, ao investigar o estatuto morfofonológico e sintático do item *cê*. O intuito inicial da pesquisa foi avaliar argumentos a favor do comportamento de *cê* como forma fraca, tomando como referência os estudos de Kato (1999), Cyrino, Duarte & Kato (2000) e Kato (2002) e de Cardinaletti & Starke (1994). Baseou-se, também, na proposta de cliticização da forma *cê*, proposta essa encontrada em Ramos (1997, 2002) e Vitral (1996, 2002).

Andrade (2004), ao comparar seus resultados com os de Ramos (1997) e os de Coelho (1999), pôde verificar que no Distrito Federal o processo de gramaticalização de *cê* encontra-se menos avançado do que em Minas Gerais. Isso pelo fato de ter comprovado que no dialeto mineiro houve uma frequência muito maior da forma reduzida *cê* (55% em Ramos, em amostra de Belo Horizonte; e 56% em Coelho, em amostra da área urbana e rural da região de São Francisco, norte de Minas Gerais). Nos dados de Andrade (2004) o item *cê* apareceu em um percentual de 29%; *ocê*, 5%; e *você*, 52%, na área urbana, ou seja, no espaço urbano, houve o predomínio da variante *você* sobre as outras verificadas. Já na área rural, a forma *você* apresentou um resultado de 42%, *cê* 48% e *ocê* 6%, evidenciado o equilíbrio entre *você* e

cê na área rural de Brasília. Comparando os seus resultados com os de Coelho, a autora assegura que a variante *cê* é favorecida na área rural do Distrito Federal, assim como na fala de São Francisco, comunidade pesquisada por Coelho. A pesquisadora Andrade segue afirmando que as entrevistadas do gênero feminino produzem mais o item *você*, do que as outras formas.

Os resultados finais de Andrade (p. 55, 59, 65 e 108) encontram-se elencados a seguir:

1) Corroborando as conclusões de Ramos, Andrade também afirma que o item *cê* assume somente função de sujeito e *você*, *ocê* podem aparecer como sujeito, objetos de verbo, complemento de preposição.

2) *Cê* não ocorre em sentenças marcadas (nas orações clivadas, e nas topicalizadas, e nas orações com sujeitos coordenados), conforme também asseguram os estudos de Kato.

3) Dentro da proposta de Kato, que aponta a existência de três tipos de pronome fracos em distribuição complementar – pronomes livres, clíticos e afixos de concordância –, os resultados de Andrade demonstraram a inserção de *cê* na subcategoria clítica de pronome fraco.

4) Na verificação dos vários tipos de oração, aquela que mais favorece *cê* é a interrogativa do tipo “que-que”.

5) Com base em Vitral, que aponta o item *cê* como clítico, os resultados da autora mostraram que os elementos intervenientes com caráter não-clítico desfavorecem relativamente o uso de *cê*, enquanto os de caráter clítico e a contiguidade em relação ao verbo tendem a favorecer esse item. Essa variável, entretanto, não foi estatisticamente significativa.

A autora afirma que “*cê* pode estar adquirindo comportamento clítico, sem, no entanto, apresentar todas as características de um clítico verdadeiro” (p. 139), porque os dados indicam características tanto de pronome fraco como de clítico.

6) Com relação ao paralelismo, explicado em Scherre (1998) como um princípio universal de repetição no sistema linguístico, na pesquisa de Andrade foi verificada que a precedência de *cê* favorece o uso da variante *cê* subsequente, e a forma *você* desfavorece o item *cê*.

7) Na questão estilística, os dados investigados apontam para o uso de *você* nos contextos de maior grau de formalidade. A pesquisadora faz uma ressalva explicando que o efeito grau de formalidade, na variação estilística, só pôde ser medido nos dados dos falantes de 10 a 14 anos, uma vez que os entrevistados dessa faixa etária é que variaram nos usos dos pronomes *você*, *ocê* e *cê*, tanto nos estilos de fala do tipo entrevista quanto narrativo. Já a entrevistadora usou os pronomes apenas no registro de entrevista. Com isso, não foi possível captar o grau de formalidade na fala da entrevistadora. A autora segue ressaltando que “o estilo de fala da narrativa é um evento de letramento, segundo o qual os falantes entrevistados narram histórias criadas a partir de ilustrações a elas fornecidas” (2004, p. 134) e acrescenta seu raciocínio dizendo que o uso das formas linguísticas predominantes nos eventos de letramento está associado ao estilo de fala formal.

Em um trabalho mais recente sobre os itens *você*, *ocê* e *cê*, Gonçalves (2008) fez um estudo da oralidade na cidade de Arcos, no centro-oeste mineiro, com uma abordagem quantitativa, seguindo os pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista, e também com uma abordagem qualitativa, orientada pela sociolinguística interacional. O *corpus* corresponde a 100 (cem) narrativas, entendidas como “relato lingüístico de eventos passados e acabados, estocados e disponíveis na memória do falante” (GONÇALVES, 2008, p. 160). Essas narrativas correspondem a 50 (cinquenta) da área urbana e a 50 (cinquenta) da área rural. Foram 510 (quinhentos e dez) dados no total, de 40 (quarenta) informantes, sendo 20 (vinte) da área urbana e 20 (vinte) da área rural. Os informantes são alunos e estudantes dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da PUC Minas Arcos, e todos com certo grau de intimidade com o documentador, inseridos na faixa etária 15-30 anos, 31-59 anos e 60 anos ou mais.

O pesquisador analisa as relações de interação do informante, do documentador e dos personagens narrativos criados pelos falantes. O estudo teve como objetivo verificar a forma *você* e suas variantes, no que tange à investigação dos fatores linguísticos e sociais que condicionam a variação, a partir de estudos realizados sobre essas variedades. E também apontar se seria possível considerar a função interacional do item *você*, como pronome de

poder, e *ocê* e *cê* como pronomes de solidariedade. Para validar sua proposta, buscou aporte teórico em Brown & Gilman (1960), que tratam do assunto sobre pronomes de poder e pronomes de solidariedade e nos estudos de Ramos (1997), Coelho (1999) e Peres (2008).

O autor faz um levantamento bibliográfico de estudos diacrônicos e sincrônicos do item *você*, bem como aponta o comportamento deste no português de Portugal.

Em suas conclusões, assegura a existência de alta frequência de *cê* no centro-oeste de Minas Gerais, fato que corrobora os resultados obtidos em Coelho e Peres. Na pesquisa do autor, tem-se 54% de *cê*, na de Coelho 50% e na de Peres 72,6%. Com relação a *você*, em uma análise isolada, Gonçalves mostra que esse item estaria sendo usado em contexto de interpretação indefinida e *cê* no contexto definido.

Na distribuição das variantes segundo a função sintática, a evidência é que a função de sujeito é a única que favorece a ocorrências das três variantes: de 510 dados, há 451 como sujeito, correspondendo a 88,5%. Em Ramos 322/342 (94%); em Coelho 569/622 (92%); Peres 1396/1453 (96%) de ocorrências no total, respectivamente.

Na verificação dos tipos de frase, o autor aponta que *você* e suas variantes (80% de *você*, 70% de *ocê* e 56% de *cê*) são mais produtivas em frases afirmativas.

As ocorrências *você*, *ocê* e *cê* constituem-se variáveis condicionadas por fatores sociais, tais como: procedência geográfica, classe social, faixa etária e gênero.

Na procedência geográfica, *você* é próprio da área urbana, e *ocê* é próprio da área rural. Na classe social mais privilegiada socialmente, há o predomínio de *você*. No total de 510 dados a distribuição geográfica é a seguinte:

Tabela 3 - Resultados de acordo com a distribuição geográfica das formas *você*, *ocê* e *cê* em Arcos (MG), segundo Gonçalves (2008, p. 192)

	Você	Ocê	Cê	Total
Urbana	87/113 = 77%	32/120 = 26,5%	108/277 = 39%	
Rural	26/113 = 23%	88/120 = 73,5%	169/277 = 61%	
Total	113	120	277	510

Com relação ao item *cê*, o autor faz as seguintes considerações sobre essa forma:

- Na distribuição das variantes há um alto índice: 277 ocorrências de um total de 510, correspondendo a 54%, destacando-se das outras (22% de *você* e 24% de *ocê*), e ocorre nas três faixas etárias. Esse é um resultado não esperado, visto que os mais velhos tendem a não usar a variante *você*.
- Encontra-se implementada na língua, de acordo com o que sugere Ramos (1997).

A conclusão a que chega Gonçalves é a seguinte:

Depois de se analisarem os resultados da amostra selecionada, fica comprovada a variação das formas pronominais *você*, *ocê*, *cê* na fala dos moradores da área rural e urbana da cidade mineira de Arcos. É evidente a influência de fatores sociais e lingüísticos na variação das formas estudadas. Além disso, é possível afirmar, ainda, que os participantes do processo de interação da linguagem tendem a escolher, no fator Poder, a forma pronominal padrão (*você*); enquanto que, no fator Solidariedade, as formas não-padrão (*ocê* e *cê*)". (GONÇALVES, 2008, p. 221).

Conforme podemos observar na página anterior, na tabela 3, de Gonçalves, os resultados apontados pelo autor em seu trabalho foram elaborados em termos de uma análise sob o ponto de vista da distribuição isolada de cada uma das formas *você*, *ocê* e *cê*. Assim, tem-se a seguinte distribuição: 77% de *você* na área urbana e 23% na área rural; de *ocê* 26,5% na área urbana e 73,5% na área rural; e de *cê* 39% na área urbana e 61% na área rural.

Na apresentação de nossa pesquisa estamos mostrando os resultados em termos de efeito da localidade geográfica das variáveis analisadas, por isso a nossa leitura se dá em função dos desvios em relação à média, ou seja, em termos de efeitos e não da distribuição global. Já Gonçalves (2008, p. 192), ao contrário, valoriza a distribuição de cada uma das formas. Para tornar a tabela com os resultados do autor mais semelhantes às nossas, e, portanto, mais comparáveis aos nossos resultados, buscamos nos apoiar na interpretação de Scherre *et al*¹⁴, conforme aponta a tabela 4 a seguir.

¹⁴ Os dados de Gonçalves, constante da tabela 4, foram reinterpretados por Scherre *et al* em apresentação intitulada *Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro*, no II SIMELP (Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa), na Universidade de Évora, Portugal – 6 a 11 de outubro de 2009.

Tabela 4 - Tabela de frequências de uso das formas *você*, *ocê* e *cê*, em função da localidade geográfica dos falantes de Arcos (MG), de acordo com Scherre *et al* (2009)¹⁵

	Você	ocê	Cê	Total
Urbana	87/227=38%	32/227=14%	108/227=48%	227
Rural	26/283=9%	88/283=31%	169/283=60%	283
Total	113=22%	120=24%	277=54%	510

Conforme leitura da tabela 4, houve, na área urbana, para o item *você* uma diferença de 16 pontos percentuais, com representação acima da média global (22%) e na área rural, ocorreu 13 pontos percentuais abaixo dessa média. Para a forma *cê*, na área urbana, a diferença foi de 6 pontos percentuais abaixo da média (54%) e na área rural, ao contrário, houve um aumento de 6 pontos percentuais para essa forma. Com relação ao item *ocê*, na área urbana, a diferença foi de 10 pontos percentuais abaixo da média geral (24%) e na área rural houve um aumento de 7 pontos percentuais acima da média global. Com essa segunda leitura, podemos verificar que a forma *cê* emerge na zona urbana e na rural, portanto, está implementada nas duas comunidades, sendo, inclusive preponderante nessas localidades. Dessa forma, ratifica a posição de Ramos (1997), quando a autora diz que a forma *cê* já está implementada no português brasileiro, pelo menos na variedade mineira.

Com relação ao pronome *ocê* ser característico da zona rural, como aponta Gonçalves (2008), também podemos ver esse resultado na tabela de Scherre *et al* (2009), pois há um aumento significativo em relação a essa forma naquela comunidade rural: a média é de 24%, com um índice de 31%. Já na área urbana, há um decréscimo significativo: 14% de uso de *você*, com uma diminuição de 10 pontos percentuais em relação à média de 24%.

Sobre a forma *você* ser mais característico da área urbana, como mostra Gonçalves (2009), também temos essa confirmação em Scherre *et al* (2009), pois há um aumento significativo em relação à média, pois essa média é de 22% e a área urbana usa o pronome *você* 38%. Além disso, essa é uma forma pouco frequente na área rural: 9% dos casos, menos 13 pontos percentuais em relação à média de 22%.

Em trabalho desenvolvido no Rio de Janeiro, Paredes Silva (1998) afirma que nos dados de fala da capital é possível observar a forma *tu* ocorrendo ao lado das formas *você* e *cê*. A

¹⁵ Tabela 4 - adaptada.

autora aponta o pronome *tu* como um uso distante da forma padrão, além de *tu* constituir-se um tratamento mais íntimo com o interlocutor e aparecer com verbo na terceira pessoa, sem marca de concordância com a segunda pessoa.

Para a linguista, há certa resistência por parte desses autores em admitir a forma *você* como pronome pessoal, provavelmente em decorrência de esse pronome pessoal ter advindo da forma de tratamento Vossa Mercê (*vosmecê*, *vossuncê*, *vancê*), até chegar às formas atualmente usadas: *ocê* e *cê*.

Sobre as manifestações de ocorrência de *tu* e *você*, Paredes insere em seu estudo os autores Said Ali, Duarte e Mattoso Câmara, os quais discorrem sobre o assunto, mostrando, nesses estudos, a tendência usual das formas, conforme observamos no quadro 7.

Said Ali (1969) (<i>apud</i> Paredes)	Afirma, em sua <i>Gramática Secundária</i> , que a ocorrência de <i>tu</i> no Brasil vinha perdendo espaço para a forma <i>você</i> .
Mattoso Câmara(1970) (<i>apud</i> Paredes)	O autor constata a substituição de <i>tu</i> pelo pronome <i>você</i> no Rio de Janeiro. Para Mattoso Câmara, a forma <i>você</i> é um registro informal, concorrendo com <i>o senhor</i> , mais cerimonioso.
Duarte (1993) (<i>apud</i> Paredes)	A tendência do uso de <i>você</i> acentua-se na década de 30, período em que passa a prevalecer o que a autora denomina como segunda pessoa indireta (<i>você</i>) em detrimento da segunda pessoa direta (<i>tu</i>)

Quadro 7¹⁶ - Tendência usual das formas *tu* e *você*, segundo Said Ali, Mattoso Câmara, Duarte (*apud* PAREDES, 1998, p. 126).

Em se tratando dos itens *ocê* e *cê*, Paredes (1998) reafirma o que diz Ramos (1997), ou seja, em Minas Gerais as duas formas competem. Já no Rio de Janeiro, segundo Paredes, o clítico *cê* concorre com *você*, inclusive a autora afirma que a forma *cê* pode ser mais frequente do

¹⁶ Quadro 7 - adaptado.

que *você*. A pesquisa da autora aponta a ocorrência de *cê* em 38% dos casos e o *você* em 32%, a diferença é relativamente pequena.

A autora exemplifica as ocorrências no Rio de Janeiro apresentando quatro possibilidades de ocorrência das variantes:

Você vai ao cinema ?

Cê vai ao cinema?

Tu vai ao cinema?

Ø Vai ao cinema?

O trabalho de Paredes tem como embasamento teórico o funcionalismo. Os resultados apontados por ela dizem respeito ao estudo da forma *você*, *cê* e *zeros*.

O *corpus* utilizado pela autora constitui-se de gravações diversas de situações de fala espontânea Banco de Dados Internacionais – BDI, pertencentes ao PEUL/UFRJ. As gravações são interações orais das quais participam vários informantes do Rio de Janeiro e foram efetuadas em ambientes tais como restaurante universitário, alojamento de estudantes, sala de professores de uma escola, entre outros. A maioria das gravações foi realizada com o conhecimento dos participantes, porém estas não seguiram os moldes das entrevistas labovianas.

A autora apresenta a análise dos seus dados explicando que o intuito foi captar a distinção entre *você* e *cê*. Para tanto, as gravações, já existentes, foram novamente ouvidas. Foram tomados alguns procedimentos: não foram incluídas as formas verbais do imperativo, visto que essas ocorrências apresentaram a omissão do sujeito de maneira quase categórica; foram excluídas as formas nominais do verbo, pelo fato de, na ausência do sujeito, o infinitivo pessoal poder ser confundido com o impessoal; foram também excluídos os usos da referência genérica. Para os cálculos, somente a segunda pessoa de referência específica foi levada em consideração.

A autora apresenta os seguintes resultados:

Tabela 5 - Distribuição das variantes *você, cê, zeros*, no Rio de Janeiro, segundo Paredes (1998, p. 128)

Você	75/236	32%
Cê	89/236	38%
Zero	72/236	30%
Total	236	100%

Um outro trabalho que merece destaque é o artigo de Peres (2008) intitulado *O uso da forma cê em Vitória (ES): uma mudança em curso?*. Nesse artigo, a autora apresenta os resultados de um teste aplicado a 48 (quarenta e oito) informantes nascidos em Vitória. O objetivo do trabalho, segundo a autora, foi verificar se as formas *você, ocê* e *cê* se aplicavam à linguagem dos moradores de Vitória. Os informantes foram divididos nos seguintes grupos de fatores:

- 1) em quatro faixas etárias, que correspondem: 10 – 14; 15 – 29; 30 - 49 e acima de 49 anos;
- 2) em duas classes sociais: média e baixa. Para a classe média incluíram-se pessoas com nível de escolaridade universitária e que exerciam profissão na qual se fazia necessário ter o nível superior, sendo eles: professores, pedagogos e uma assistente social; e estudantes cujos pais exerciam atividades profissionais de nível superior. Os informantes da classe baixa eram aqueles que não possuíam nível de escolarização universitária e suas atividades profissionais foram consideradas, pela autora, como mais modesta: auxiliares de limpeza, cozinheiras, faxineiras, um jardineiro e um pipoqueiro; e estudantes cujos pais exerciam trabalhos modestos. No teste feito pela autora, a pergunta consistia em saber se a frase proposta parecia normal ou estranha para o informante. As frases foram lidas pelos entrevistadores e contextualizadas, a fim de que os informantes se inteirassem da situação em que elas seriam produzidas.

Tabela 6 - Resultados de teste de atitude no Espírito Santo segundo Peres (2008, p. 51)¹⁷

Frases	Normal		Estranha	
	Nº	%	Nº	%
1.a Como é que você entrou aqui?	47	97,9	1	2,1
1.b Como é que ocê entrou aqui?	5	10,4	43	89,6
1.c Como é que cê entrou aqui?	39	81,3	9	18,7
2.a Você vai pra escola/trabalho como?	45	93,8	3	6,2
2.b Ocê vai pra escola/trabalho como?	3	6,2	45	93,8
2.c Cê vai pra escola/trabalho como?	41	85,4	9	14,6
3.a E você conseguiu fazer o trabalho?	43	89,6	5	10,4
3.b E ocê conseguiu fazer o trabalho?	4	8,3	44	91,7
3.c E cê conseguiu fazer o trabalho?	25	52,1	23	47,9
4.a Eu vou pegar você!	47	97,9	1	2,1
4.b Eu vou pegar ocê!	4	8,3	44	91,7
4.c Eu vou pegar cê!	2	4,2	46	95,8
5.a Eu vou pegar um copo d`água pra você.	48	100	0	0
5.b Eu vou pegar um copo d`água pr`ocê.	24	50	24	50
5.c Eu vou pegar um copo d`água p`cê.	32	66,7	16	33,3
6.a Eu vou com você.	48	100	0	0
6.b Eu vou c`ocê.	6	12,5	42	87,5
6.c Eu vou c`cê.	5	10,4	43	89,6

De acordo com os resultados da autora, *você* é uma forma comum entre os capixabas; *ocê*, na função de sujeito e de complemento de verbo, não é usual de Vitória. Peres acrescenta que os informantes achavam estranha a forma *ocê* quando usada na função de sujeito. Foi perguntado aos informantes que pessoas fariam daquela maneira e as respostas foram as seguintes em ordem decrescente:

¹⁷ Tabela 6 - transcrita do artigo de Peres (2008, p. 51) – *O uso da forma cê em Vitória (ES): uma mudança em curso?*.

Nº de informantes	Resposta
18	“mineiro”
9	“gente da roça”
8	“roceiro”
7	“gente do interior”
3	“analfabeto”
2	“caipira”

Quadro 8¹⁸ - Respostas sobre a forma *ocê* na posição de sujeito de acordo com o número de informantes, segundo Peres (2008).

De acordo com a autora, houve um certo preconceito nas resposta dos informante quando estes mencionaram “gente da roça”, “roceiro”, “gente do interior”, “analfabeto”, “caipira”.

Peres (2008, p. 52) diz:

“[...] na, função de objeto de preposição, a forma *ocê* é relativamente comum em Vitória, pois foi aceita pela metade dos informantes, o que demonstra que o uso das formas - neste caso *ocê* – é determinado pela frequência de uso das expressões em que elas estão inseridas, e não da palavra isolada. Em outras palavras, a comunidade usa a expressão *pro`ce*, mas não usa a forma *ocê*; pelo contrário esta é vista como forma negativa pela população”.

Quanto ao item *cê*, a autora assegura que essa forma é normalmente aceitável na função de sujeito, mas quando aparece depois de vogal, a forma aceita é *você*.

Nos dados da pesquisa avaliativa da autora (PERES, 2008, p. 53) foi encontrada a ocorrência *p`cê*, configurando-se, portanto, segundo a pesquisadora, em uma forma aceita. Entretanto, a forma *c`cê* não teve a mesma aceitação, embora as duas formas sejam semelhantes quanto à estrutura fonética, fonológica, morfossintática e semântica do português. Para a autora, “uma expressão começa a ser aceita, enquanto a outra não” (2008, p. 53), ou seja, a única realmente aceita é a forma acompanhada da preposição *para* (*p`cê*).

Segundo Peres, há um julgamento favorável da forma *cê* em *p`cê* na ordem de 66,7%, mas como objeto de preposição precedida de vogal, em “pegar *cê*” na fala, o julgamento, é desfavorável, com 95,8% de estranhamento.

¹⁸ Quadro adaptado - p. 52

Embora o tipo de *corpus* da autora tenha sido elaborado de um modo diferenciado dos nossos *corpora*, pode-se dizer que o trabalho avaliativo de Peres ratifica alguns dos nossos resultados e não corrobora outros, conforme veremos no Capítulo 7, p. 115, que trata da comparação do PORTVIX e da Fala Casual com alguns estudos feitos no Brasil.

3 O ESTUDO PIONEIRO DE WILLIAM LABOV, DESENVOLVIDO NA ILHA DE MARTHA`S VINEYARD

Neste capítulo discorreremos sobre o estudo pioneiro de William Labov, uma vez que mais adiante faremos uma analogia desse estudo de Labov com fatos ocorridos na Ilha de Vitória, (ES) cujos resultados se assemelham àqueles encontrados pelo autor na Ilha de Martha`s Vineyard.

3.1 O ESTUDO PIONEIRO DE WILLIAM LABOV, DESENVOLVIDO NA ILHA DE MARTHA`S VINEYARD

Foi na década de 60 que William Labov iniciou os estudos sociolinguísticos. O primeiro deles foi desenvolvido na ilha de Martha`s Vineyard, no estado de Massachussets, Estados Unidos. Esse trabalho comprovou que a variação linguística é objeto de sistematização e análise e é influenciada também por fatores externos.

Labov, depois de ter observado a ocorrência da variação fonológica da vogal dos ditongos /aw/ (como em *house*) e /ay/ (como em *right*), constatou que a comunidade de Martha`s Vineyard sofreu mudanças sociais, em decorrência da chegada de grande número de veranistas. Essas mudanças interferiram na fala dos moradores da ilha.

Depois de pesquisar sobre o sentimento dos falantes sobre a própria ilha, Labov chegou à conclusão de que os falantes que possuíam um sentimento positivo em relação à ilha Martha`s Vineyard procuravam aumentar a centralização dos ditongos. Por outro lado, os falantes que não tinham esse sentimento, que, inclusive, valorizavam o que era externo à variedade local, isto é, tudo que era originário do continente, no caso, em especial, de Boston, aumentavam menos a centralização e mantinham o uso dos ditongos de forma menos centralizada, a exemplo dos veranistas.

O estudo diacrônico de Labov (2008, p. 30) aponta que, na estrutura interna do inglês vianeyardense, os ditongos ocorriam, inicialmente, com mais centralização (ou maior elevação da vogal central base do ditongo). Houve, por um período, a diminuição dessa vogal central base do ditongo. Entretanto, em um outro período voltou-se a elevar a vogal central

base do ditongo, ocorrendo, portanto, uma retomada dos ditongos centralizados. Esse aspecto característico de Martha's Vineyard tem como propósito marcar a identidade local. Dessa forma, os moradores que possuem um sentimento definitivamente positivo acerca de Martha's Vineyard possuem a tendência de centralizar os ditongo, pois, “as formas centralizadas fazem parte de um caráter ilhéu” (LABOV, 2008, p. 58). Se um morador pretende permanecer na ilha, é o modelo de centralização dos ditongos que vai estar presente na sua mente, mas, ao contrário, se pretender ir embora irá adotar como referência o modo de falar do continente.

Essa situação evidencia o fato de a língua ser um fator de identidade social, como explica Labov (2008, p. 343), em sua análise final: “o estudo em Martha's Vineyard se concentrou na relação de fatores sociais com mudança linguística; demonstrou que a direção e o desenvolvimento daquela mudança não podiam ser compreendidos sem vinculá-la às categorias básicas da identidade local” (LABOV, 2008, p. 343). Em outras palavras, na teoria laboviana a língua é estudada levando-se em consideração as comunidades de fala. O fenômeno linguístico é descrito e interpretado no contexto social, pois, segundo Labov (2008, p. 214), “a língua é uma forma de comportamento social”. O estudo desse componente social, aliado ao caráter da “heterogeneidade ordenada” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 25) dos sistemas linguísticos, assinalando que a variação não é aleatória, mas predizível e passível de sistematização, ficou, então, conhecido como o estudo da Teoria da Variação e Mudança ou Sociolinguística Variacionista.

Com esse estudo pioneiro, o autor deu relevância à variação inerente a todas as línguas, permitindo o desenvolvimento de muitas outras pesquisas, e é sob essa concepção que este trabalho está inserido, objetivando explicar a ocorrência da variação dos pronomes *você*, *ocê*, *cê* e *te* na cidade de Vitória.

4 A COMUNIDADE DE VITÓRIA

Antes de discorrermos sobre os procedimentos metodológicos desta pesquisa, apontaremos, resumidamente, a organização histórica e social da comunidade de Vitória (ES), em função da necessidade de se destacar o contexto social em que os usos linguísticos ocorrem.

4.1 BREVE HISTÓRICO: ORIGEM DA CIDADE DE VITÓRIA

Segundo o site <http://www.achetudoeregiao.com.br/es/vitoria/historia.htm>, a origem da cidade de Vitória deu-se no segundo quartel do século XVI, em 1º de janeiro de 1534, data em que Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo português, recebeu do Rei de Portugal, D. João III, uma das capitanias na costa brasileira. O título de doação, expedido em Évora, foi registrado em 25 de setembro e confirmado em 7 de outubro do mesmo ano.

O fidalgo lusitano, após reunir uns sessenta homens, partiu em uma caravela, a nau *Glória*, rumo ao Ocidente para tomar posse de cinquenta léguas de terra na dita costa do Brasil. No domingo de 23 de maio de 1535, já em território brasileiro, a embarcação atravessa a baía e ancora em uma enseada próxima ao morro da Penha, ao norte do morro do Moreno, hoje Vila Velha. A data da chegada dos colonizadores coincidiu com a celebração da festa do Divino Espírito Santo, pela Igreja Católica, motivo por que deram à terra chegada o nome de Espírito Santo.

Essas terras eram habitadas pelos índios Goitacazes que, armados de arcos e flechas, para defender seu próprio território, reagiram contra os desconhecidos portugueses. Portanto, a posse da terra por Vasco Fernandes Coutinho não se fez com facilidade.

Foi nesse contexto que se iniciou o povoamento do solo espiritosantense, com as suas primeiras cabanas e culturas agrícolas.

Devido a grandes ataques sofridos pelos indígenas, os portugueses decidiram mudar a sede da capitania, onde hoje é o município de Vila Velha, para uma ilha mais próxima do continente, a qual deu origem à cidade de Vitória, elevada à categoria de cidade pela Lei de 17 de março de 1823.

4.2 SOBRE A COMUNIDADE PESQUISADA

Fundada oficialmente em 8 de Setembro de 1551, Vitória, conhecida como *Cidade Presépio*, é uma das dez cidades mais antigas do Brasil, mas, ao mesmo tempo, encontra-se inserida na modernidade. Os quase 459 anos da secular história, (re) contada nos antigos casarios, igrejas, escadarias, misturam-se à arquitetura contemporânea, harmonizando o passado com o presente.

O município de Vitória está localizado na Região Sudeste, no estado do Espírito Santo. Essa unidade federativa do Brasil possui como limites o Oceano Atlântico, a leste; a Bahia, a norte; Minas Gerais, a oeste e noroeste; e o estado do Rio de Janeiro ao sul, ocupando uma área de 46.077,519 km².



Figura 1 - Mapa de limites geográficos do Espírito Santo

Fonte: <http://www.suapesquisa.com/mapas/m>.

Nota: Mapa Adaptado pela autora deste trabalho

Segundo site http://pt.wikipedia.org/wiki/Vit%C3%B3ria_%28Esp%C3%ADrito_Santo%29.

Vitória é uma das três ilhas-capitais do Brasil, com uma população de 320.156 habitantes. Segundo estimativas de 2009 do IBGE, é a quarta cidade mais populosa do estado, integrando uma área geográfica de grande nível de urbanização, denominada Região Metropolitana da Grande Vitória.



Figura 2 - Mapa da Região Metropolitana da Grande Vitória

Fonte: <http://www.suapesquisa.com/mapas/m>

Nota: Mapa Adaptado pela autora deste trabalho

A metrópole é cercada pela Baía de Vitória, e é uma ilha de tipo fluviomarinho, formada por várias ilhas. A capital possui dois grandes portos: o Porto de Vitória, situado às margens da área central da cidade, e o Porto de Tubarão. Esses portos fazem parte do maior complexo portuário do Brasil.

As pontes também são uma atração à parte na ilha de Vitória. A cidade atravessa o mar rumo ao continente em seis pontes. Entre elas destaca-se a Ponte Carlos Fernandes Lindenberg, conhecida como a *Ponte da Passagem* (a qual inspirou o título desta dissertação), inaugurada no dia 29 de agosto de 2009, obra que representa o crescimento e a modernidade da capital.

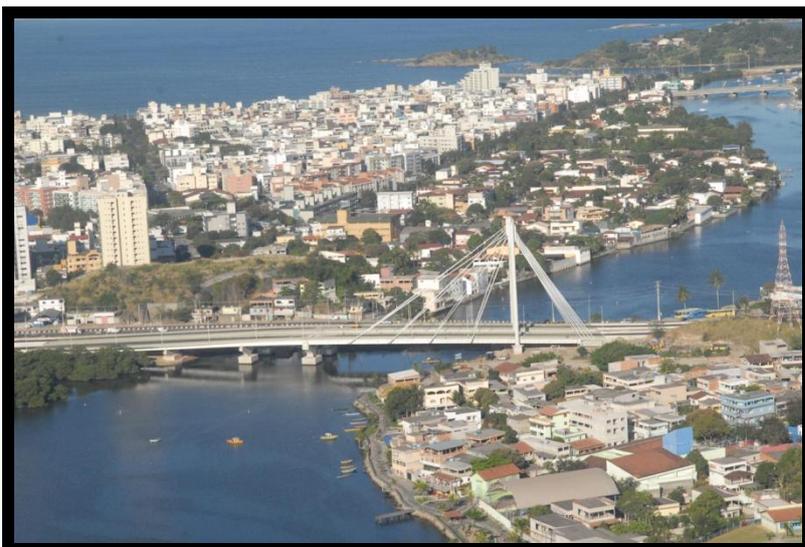


Figura 3 - Vista aérea da Ponte da Passagem, inaugurada em 29 de agosto de 2009.
Fonte: Martins, 2009.

O município é um das menores do território brasileiro, com área de apenas 93,381 km². Além disso, 40% da área da cidade é montanhosa, ou seja, não é possível grande expansão no local. Sua geografia é caracterizada por sinuosidades, recortes, afloramentos rochosos, encostas, baías e canais.

4.3 *SOBRE A CULTURA POPULAR*

Segundo Mazoco (2002, p. 142), o primeiro século da colonização do Espírito Santo teve como sustentação a cultura indígena, assim como ocorreu em todo o território brasileiro.

Os portugueses, com o intuito de dominar as terras espiritosantenses, buscavam a matéria-prima, a mão-de-obra e o meio fabril provenientes dos índios. Essa era uma estratégia de aproximação com os nativos, pois quanto mais os brancos portugueses se aproximavam deles, mais conheciam e dominavam as novas terras conquistadas.

A língua falada pelos indígenas era o Tupi, e os colonizadores, na necessidade de estabelecer contato, esforçavam-se para usá-la. Entretanto, “no esforço de falar o Tupi, criam o “nheengatu” que será a língua geral da colonização nos núcleos missionários e aldeias” (MAZOCO, 2002, p. 142).

A cultura indígena é a base formadora da nacionalidade brasileira. [...] o primeiro século da colonização se deu, tendo, como matéria-prima, mão-de-obra, meio fabril e de vida a cultura indígena. O branco

português comia a comida dos índios, usava os seus utensílios domésticos e fabris, chamava as coisas pelo seus nomes, seguia os seus passos, para, assim, ir, aos poucos, conhecendo e dominando a nova conquista. No esforço de falar o tupi, cria o “*nheengatu*” que será a língua geral da colonização nos núcleos missionários e aldeias. (MAZOCO, 2002, p. 142):

O legado da cultura indígena permanece até os dias atuais, conforme nos informa com muita propriedade o professor e historiador Ribeiro (2002, p. 37):

Temos uma base étnica, materna, lingüística, dos primitivos habitantes dessa terra e isto nos legou traços no próprio gentílico que nos identifica “*capixaba*” (do Tupi, ‘*Kapi`xawa*’, roça, terra de plantação), que marca nossa origem agrária, rural.

Dessa forma, podemos dizer que a nossa origem é rural e agrária.

Como dito anteriormente, o contato com a cultura indígena continua presente nos nossos costumes, os quais podem ser apreciados na culinária, por exemplo, na moqueca, no uso da panela de barro, no milho, na mandioca (*aipim*). Além dos utensílios artesanais, como na peneira, e nos adornos, tais como colares e pulseiras de miçanga.

Um outro elemento étnico é o branco europeu português, do qual também herdamos a própria língua portuguesa e outros elementos, como o catolicismo, os santos e suas festas, por exemplo, São Pedro e Santo Antônio, as procissões, as folias de reis, a culinária de doces, vinhos e frutos do mar. Além de vários sobrenomes, como Coutinho e Pereira.

Aos índios e portugueses juntaram-se os negros, que aqui chegaram no século XVI, provenientes, principalmente, de Angola e Moçambique, dos quais recebemos influências culturais, como podem ser vistas, entre outras, nas manifestações folclóricas representadas pelas bandas de congo dessa matriz afro.

O negro, pela condição de subserviência a um senhor, imposta pelo regime escravocrata, tinha a necessidade de aprender a língua portuguesa como um meio dialógico. Assim, os negros aprendiam uns com os outros essa nova modalidade de fala: a língua portuguesa. Essa língua aprendida pelo negro proporciona uma frequência maior do seu uso, que, conseqüentemente, vai suplantando a língua geral *nheengatu* e, ao mesmo tempo, reafirmando a Língua Portuguesa.

Ao encontro da tríade tupi-luso-afro, chegam, no século XIX, os povos europeus, em sua maioria italianos e alemães, que também vão contribuir fortemente para o conhecimento técnico-agrícola, tendo como base uma organização social voltada para o trabalho familiar. Além desses imigrantes, ainda nesse século, outros povos europeus provenientes de vários outros países e também povos orientais chegam às terras capixabas.

No século XX, a partir da década de 70, muitas multinacionais se instalaram em terras capixabas e, com isso, tem-se a chegada de japoneses e coreanos, bem como de pessoas vindas de outros estados, atraídos pelas possibilidades de trabalho nessas empresas.

Com relação ao crescimento demográfico de Vitória, é relevante demonstrar a distribuição da população residente, dos imigrantes por origem, dos imigrantes externos por local de nascimento e a taxa de escolaridade, conforme tabelas 7, 8, 9 e 10, segundo fonte do IBGE.

Tabela 7 - População residente em Vitória (ES), segundo fonte do IBGE

Ano	2000	2007
Número de residentes	292.304	314.042

Tabela 8 - Imigrantes por origem, segundo fonte do IBGE

Municípios	do ES	Outros estados	E países	Total	Total
1991	2000	1991	2000	1991	2000
67.125	65.833	58.419	66.575	125.543	132.407
53.5%	49.7%	46.5%	50.3%		

Tabela 9 - Imigrantes externos por local de nascimento – 2000, segundo fonte do IBGE

MG	BA	RJ	SP	Demais estados	Outros países	Total
29.095	10.460	12.383	4.340	8.820	1.477	66.575
43.7%	15.7%	18.6%	6.5%	13.2%	2.2%	

Tabela 10 - Taxa de escolaridade – ano 2000, segundo fonte do IBGE

Faixa etária	Número de pessoas	População que frequenta escola/creche	Taxa de escolaridade
0 a 6 anos	31.680	17.427	55%
7 a 14 anos	39.204	38.137	97%
15 a 24 anos	60.436	36.352	60%

Dados demográficos de vitória (www.ijsn.es.gov.br). Fonte: IBGE.

4.4 SOBRE O TURISMO

Mais adiante, conforme dito anteriormente, faremos uma analogia acerca do que acontece na cidade de Vitória com o trabalho desenvolvido por Labov (2008) na Ilha de Martha's Vineyard, por esse motivo continuamos a discorrer sobre o município de Vitória.

Da mesma forma como Labov nos descreveu sobre Ilha de Martha's Vineyard, Vitória, que também é uma ilha, recebe muitos turistas, principalmente de Minas Gerais. A ilha de Vitória tem muito a oferecer, pois reúne belas praias e reservas naturais da Mata Atlântica, vida noturna, bons hotéis, excelentes restaurantes e grandes áreas de lazer. Atribui-se o grande contingente de turistas mineiros nas terras capixabas ao fato de Minas Gerais não ser banhado pelo mar e à proximidade geográfica daquele estado com o Espírito Santo. Acrescente-se a isso o fácil acesso às terras capixabas pelas malhas rodoviária, ferroviária e aérea.

O transporte ferroviário é bastante antigo. A Estrada de Ferro Vitória-Minas foi criada em 1903 e tinha como objetivo principal transportar a produção de café, madeira, carvão vegetal e outros produtos que eram escoados pelo porto de Vitória. Atualmente, o minério de ferro é o principal responsável pelo fluxo do transporte ferroviário.

A Estrada de Ferro Vitória a Minas é uma das poucas ferrovias no Brasil que mantêm os trens de passageiros. O trem da Vale, como é conhecido, sai todos os dias da Estação Ferroviária de Belo Horizonte (MG) e vem para Vitória (ES), atravessando o Quadrilátero Ferrífero e o Vale do Rio Doce, passando por vinte e seis estações. O percurso dos trens entre as capitais de Minas Gerais e Espírito Santo facilita o trânsito dos turistas mineiros. Cabe dizer também que o acesso aos ônibus rodoviários interestaduais é uma opção bastante viável.

Além dessas opções, há uma grande utilização do transporte aéreo com um fluxo considerável de turistas. Segundo o site da Empresa Futura (<http://www.futuranet.ws/>), em janeiro de 2008 o número de turista no aeroporto Eurico Salles foi de 31.108, e em janeiro de 2010 esse número foi de 142.269.

Além dos turistas, Vitória recebe imigrantes externos provenientes de outros países e estados, conforme atesta o Censo do IBGE. Muitas pessoas vêm de outros estados, como da Bahia, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, de São Paulo, que aqui chegam para trabalhar em grandes empresas, entre elas, a Arcelor Mittal Tubarão e a Companhia Vale do Rio Doce.

Vitória também apresenta um segmento populacional crescente, representada pela migração de origem rural ocorrida nas décadas de 60 e 70. Além disso, são crescentes os setores de produção industrial, comercial e de serviços, absorvendo uma camada de população mais qualificada para o sistema de produção. Dessa forma, o capixaba vem desempenhando papéis sociais diferenciados. A influência modernizadora, na década de 70, com a implantação de grandes empresas na cidade pode ser um fator preponderante, no sentido de se observar se a variação do vernáculo sofre influência pela mobilidade e diversidade social, de acordo com o gênero, faixa etária e escolaridade.



Figura 4 - Vista aérea da cidade de Vitória (Centro, Ilha do Príncipe e Ponte Seca) na década de 60
Fonte: Bonino, 1960.



Figura 5 - Vista aérea atual da cidade de Vitória
Fonte: Matheus, 2009

5 OBJETIVOS E HIPÓTESES

5.1 OBJETIVOS E HIPÓTESES

O objetivo desta pesquisa, em especial, é situar a ocorrência da variação linguística *você* e *cê* na fala de Vitória e, conseqüentemente, no contexto de uso do vernáculo do Brasil, buscando verificar o sistema pronominal relativo à segunda pessoa.

Com o intuito de investigar os fatores linguísticos e sociais da comunidade de fala de Vitória que contribuem para o condicionamento dessa variação, é feita uma comparação com os resultados de pesquisas que já foram realizadas no português brasileiro sobre o uso de *você* e suas variantes.

As hipóteses assumidas são as seguintes:

- a) O item *tu* não ocorre na fala de Vitória.
- b) Na distinção de formalidade, o item *você* transita em qualquer situação: da [+ formal] para o [+ informal].
- c) O elemento *cê* possui um traço informal: é usado em um tratamento com pessoas de mais proximidade e é um tratamento mais íntimo.
- d) Na questão sintática, tanto *você* como *cê* se alternam e podem ocupar posição de sujeito. Entretanto, o item *cê* não é usado no contexto de objeto direto e não há ocorrência desse elemento na posição de objeto indireto, de complemento de preposição, de adjunto adverbial ou de complemento nominal, ou como tópico, por não possuir autonomia fonética.

5.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia aplicada nesta pesquisa segue o modelo variacionista postulado por Labov.

Para a análise quantitativa dos dados de fala, e para a observação desse processo, trabalhamos com o programa computacional denominado GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Esse aplicativo, de modelo matemático, possibilita dar um tratamento estatístico aos dados coletados, pois “[...] trabalha na base de pesos relativos ou probabilidades [...] e [...] quantifica a influência relativa a cada variável, atribuindo pesos devidos aos seus diversos fatores” (SCHERRE, 1996, p. 45). Assim, o programa apresenta em peso relativo, a partir de cálculos estatísticos e de probabilidades¹⁹, a influência que cada fator exerce sobre o fenômeno analisado.

Com relação ao método e aos resultados obtidos pelo programa, temos em Guy e Ziles (2007, p. 21) a seguinte observação:

A explicação, obviamente, está além do domínio da metodologia; explicações satisfatórias virão do nosso conhecimento e experiência como lingüistas e das teorias que desenvolvemos sobre a natureza da linguagem humana.

Como também afirma Naro (2004, p. 25):

Cabe ao linguista interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua, pois “o progresso da ciência lingüística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas”.

Scherre (1996, p. 43), em consonância com Sankoff²⁰ (1988), Guy e Ziles (2007), Naro (2004), também afirma que:

Cabe ao pesquisador variacionista a responsabilidade de apontar os fenômenos variáveis da língua, levantar as hipóteses e codificar os dados relevantes. Além disso, também é dele a tarefa de descrever a interpretação dos dados apurados na pesquisa.

Sob essa orientação, com o intuito de verificar a coexistência das variantes *você* e *cê*, trabalhamos, como dito anteriormente, com dois *corpora*: os dados do Projeto *O Português Falado na Cidade de Vitória* (PORTVIX), o qual corresponde a um banco de dados que registra a língua em seu uso efetivo por meio da situação de entrevista (LABOV, 2008, p. 102, 110, 126), e os dados de Fala Casual, que se constituem em duas gravações secretas de fala.

¹⁹ Naro (2004, p. 24) explica que probabilidades superiores a 0,5 são favoráveis à explicação da regra e menores do que 0,5 desfavorecem-na.

²⁰ SANKOFF, David desenvolveu um programa computacional, de modelo matemático, denominado VARBRUL, que trabalha com cálculos estatísticos e probabilísticos.

5.3 VARIÁVEL DEPENDENTE E VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Na Teoria da Variação é precípua a relação entre linguagem e sociedade. É necessário, pois, considerar a linguagem em seu contexto social, a fim de que possamos apontar o efeito que as características sociais podem exercer sobre o desempenho linguístico do falante.

A variação da língua pressupõe a existência de escolhas linguísticas alternativas chamadas *variantes*. Essas variantes são, de acordo com Labov (2008, p. 313), “a opção de dizer a mesma coisa de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística”. Podemos, pois, definir variantes como as diversas formas de escolhas linguísticas, as quais se configuram em um fenômeno variável, que, por sua vez, recebe o nome de variável dependente.

A escolha das formas variantes não se dá de maneira aleatória, conforme aponta Scherre (1996, p. 40), em consonância com Labov, quando a autora aduz também que a variação da língua não é aleatória. E acrescenta “que os fenômenos lingüísticos variáveis, aqueles expressos por duas ou mais variantes, apresentam tendências regulares, passíveis de serem descritas e explicadas por restrições de natureza lingüística e não-lingüística”. A escolha das formas variantes se dá por influência dos *grupos de fatores*, também chamados de *variáveis independentes*. Essas variáveis podem ser de natureza interna (lingüística) e externa (extralingüísticas). Tanto uma quanto a outra influenciam sobremaneira o uso das escolhas linguísticas, podendo intensificar ou diminuir a frequência de sua ocorrência na fala.

A seguir mostraremos a variável dependente e as variáveis independentes selecionadas para este trabalho: para a variável dependente, foram controladas cinco possibilidades de variantes: *você* (explícito), \emptyset de *você* (não-explícito), *cê* (explícito), \emptyset de *cê* (não-explícito), *ocê* (explícito), \emptyset de *ocê* (não-explícito) e *te*, conforme exemplos do quadro a seguir:

5.3.1 Variável dependente

Exemplos:	
a) <i>Você</i> explícito:	(Informante 5) - Eu gosto de ouvir <i>você</i> contar seus casos, viu? Mas Raul, <i>você</i> é um cara super alegre, onde <i>você</i> chega assim [...]
b) <i>Cê</i> explícito:	(Informante 5) - Eu conheço esses músicos mais velhos: Papel, Rodrigo... <i>Cê</i> conhece Rodrigo Tristão? Ele tava lá na Abralim (Informante 1) - Alguns eu conheço [...]
c) <i>Te</i> :	(Informante 40) - Olha, é: é aquilo que eu <i>te</i> falei: ônibus eu tô meio por fora. Até preço de passage eu tô por fora.
d) <i>Você</i> implícito (antes do segundo verbo fazer):	(Informante 1) - Não que esse à vontade seja pra <i>você</i> fazer bagunça, Ø fazer baderna.
e) <i>Cê</i> implícito (antes do verbo ficar):	(Informante 1) - Aí <i>cê</i> vai outro lugar que Ø fica a vontade.
f) <i>Ocê</i> explícito	(Informante 14) - <i>Cê</i> viu que tanto de ônibus? Ó, começa su/ é... vem um-meia-um; um-meia-dois; um-meia-três; um atrás do outro. Aí vem um-oito-quatro; um-meia-quatro... Aí quando <i>ocê</i> chega aqui no quartel de Maruípe. saiu um-sete-um; um-sete-cinco e um-sete-dois, que sou eu.
g) <i>Ocê</i> implícito (antes do verbo olhar):	(Informante 14) - :Ah eles ligam um monte de coisa, é grande, fala um monte de coisa. Eu acho bonito o salmo 91. Se <i>cês</i> tivé uma Bíblia em casa, <i>cês</i> pega <i>ocê</i> vê os salmo e Ø olha o salmo 91. Ele é muito bonito, o salmo 91.

Quadro 9 - Exemplos de ocorrências das variantes da variável dependente.

5.3.2 Grupos de fatores ou variáveis independentes

No grupo de fatores foram levados em consideração três aspectos, quais sejam: o social, o sintático e o semântico.

Os aspectos linguísticos controlados foram:

- a) O aspecto sintático, dentro do qual selecionamos o sujeito; o complemento de preposição e o complemento sem preposição, com o intuito de observarmos qual posição sintática favorece o uso das variantes da variável dependente.

- b) O aspecto semântico, para verificarmos a ocorrência do tipo de referência, se específica ou genérica.

Dentro dos fatores sociais, as escolhas das variáveis foram as seguintes:

- a) A faixa etária:

A análise comparativa da linguagem entre pessoas de diferentes faixas etárias pode revelar diferentes estágios da língua. Segundo Oliveira e Silva e Paiva (1996, p. 350), a correlação entre idade e variação linguística aponta para duas possibilidades: uma diz respeito aos fenômenos variáveis, mas sem a ocorrência de uma mudança linguística e a outra é a existência de mudança na língua. Portanto, a variável faixa etária é um fator significativo para se observar se um fenômeno linguístico encontra-se em estado de variação estável ou de mudança na língua. Há uma hipótese de que pessoas de maior idade refletem a fala de anos atrás e as de menos idade refletem a fala atual. Com isso, é possível projetar o comportamento linguístico de falantes em um determinado momento.

Neste trabalho, os informantes foram divididos em faixas etárias com o objetivo de demonstrar se a diferença de idade interfere no emprego das variantes em análise e qual a tendência de uso de acordo com a idade.

- b) O gênero:

Muitas pesquisas sobre variação e mudança linguística demonstram a existência de diferenças entre a fala de homens e mulheres, conforme postula Labov (2008, p. 281): “na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que homens”.

Em se tratando de gênero, Labov (1990, p. 210, 213, 215) aponta alguns princípios sobre a influência da variável social gênero:

Princípio I: Em variáveis sociolinguísticas estáveis, homens usam uma frequência maior de formas não-padrão do que as mulheres.

Princípio Ia: Em mudança de cima (*change from above*), em níveis fortes de consciência, as mulheres favorecem a forma de prestígio inovadora mais do que os homens.

Princípio II: Em mudança de baixo (*change from below*), as mulheres são frequentemente as inovadoras.

Em síntese, em 1990, Labov coloca as mulheres como inovadoras. Na situação de mudança linguística as mulheres são mais propensas a usarem as formas inovadoras, quando estas não são percebidas. Os homens, por outro lado, tendem a usar as formas não-padrão quando se trata de uma situação de variação estável. Seleccionamos a variável independente *gênero* para analisarmos o comportamento dos homens e das mulheres com relação ao uso da variável dependente, no sentido de responder qual deles possui a tendência de usar mais uma forma ou outra.

c) A escolaridade:

Naro (2003, p. 16) aponta que entre os fatores sociais a formação escolar é relevante para qualquer estudo da variação da língua. Oliveira e Silva e Paiva (1996, p. 337) citam o estudo de Labov desenvolvido com falantes de New York. O resultado do estudo aponta que o fator nível de escolarização pode estar ligado a variações fonológicas:

Falantes com mais escolarização empregam mais frequentemente as fricativas enquanto os menos escolarizados privilegiam africadas e oclusivas, formas não-padrão. Também a variação de *-ing* é condicionada pelo fator escolarização: falantes mais escolarizados usam menos a forma não-padrão, a pronúncia alveolar. (OLIVEIRA E SILVA; PAIVA, 337).

Com essa variável independente, em específico, o nosso objetivo é apontar qual é a tendência de uso das variantes da variável dependente de acordo com o grau de escolaridade, uma vez que o efeito da escolaridade pode, aliada aos outros fatores sociais, revelar a fala de uma mesma comunidade, apontando a ocorrência de variação da língua.

A expectativa é que, quanto maior for o nível de escolaridade, maior será a tendência de uso da variedade padrão, levando-se em consideração a hipótese de que os falantes com mais escolaridade tendem ao uso da variedade padrão, a exemplo dos resultados encontrados em Labov.

5.4 A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

Os dados que constituem essa amostra foram obtidos em dois *corpora*: no PORTVIX e em um grupo de controle composto de gravações de conversas casuais sem que o falante tivesse conhecimento prévio do evento. A seguir discorreremos sobre cada um dos *corpora*:

5.4.1 A constituição do PORTVIX

O PORTVIX corresponde a banco de dados do português falado na cidade de Vitória, elaborado por gravações de entrevistas orais, tendo como orientação a abordagem da metodologia laboviana, em situação de entrevista entre dois entrevistadores e entrevistado.

Seguindo esse modelo, que busca obter um maior número de dados com o máximo de qualidade, com vistas a representar a comunidade linguística pesquisada, as entrevistas do PORTVIX foram efetuadas obedecendo a etapas, conforme veremos adiante. Cabe informar que a intenção sempre foi a de minimizar, cuidadosamente, o *paradoxo do observador*, buscando, dessa forma, atingir o vernáculo, a fala distensa, com o mínimo de interferência do observador, em outras palavras, atingir a fala casual, o correlato da fala espontânea, na situação de entrevista, segundo Labov (2008, p. 111).

Na etapa inicial das entrevistas, houve a realização de, pelo menos, dois contatos entre entrevistador e entrevistado. Em um primeiro momento, os pesquisadores levantaram os

dados gerais do informante, perguntando o nome, o grau de escolaridade, endereço. Depois, houve a elaboração de um roteiro de entrevistas. Finalmente, estas foram efetuadas, por intermédio de perguntas semidirigidas, nas quais os informantes discorriam sobre vários temas, realizando, assim, diferentes tipos discursivos, como narrativos, descritivos, dissertativos, receitas, relatos de vida, entre outros.

De acordo com Yacovenco (2002, p. 107), para a coleta de dados do Projeto PORTVIX foram feitas (46) quarenta e seis entrevistas, controladas pelas variáveis sexo, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes, cujas características comuns eram as de serem naturais de Vitória, de terem pais capixabas e de residirem sempre nesta cidade. As entrevistas foram distribuídas da seguinte maneira:

(idade→)	07-14		15-25		26-49		+ de 50		
(sexo→)	H	M	H	M	H	M	H	M	
Ensino fundamental	4	4	2	2	2	2	2	2	20
Ensino médio			3	3	2	2	2	2	14
Ensino Universitário			2	2	2	2	2	2	12
Número total de informantes a serem entrevistados									46

Quadro 10 - Distribuição das células sociais.

Para se desenvolver um estudo sobre a variação, uma das principais etapas está relacionada à coleta dos dados, que deve ser obtida na situação real do discurso, inserida no contexto social em que se manifesta. A escolha dos dados ocorre usando-se o método de gravações de entrevistas orais com falantes de uma comunidade. Para captar a língua usada em determinada comunidade, a melhor modalidade linguística é aquela em que o falante não monitora a sua fala, permitindo, assim, chegar ao vernáculo, ou seja, a uma fala distensa em que o falante presta o mínimo de atenção à sua própria fala. Entretanto, tem-se uma situação contraditória, denominada por Labov como *paradoxo do observador*, porque “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas” (Labov, 2008, p. 244), porém, para se coletarem os dados, é necessário que o pesquisador esteja em uma situação direta de interação com o informante e essa proximidade pode prejudicar o caráter natural da fala.

As entrevistas do PORTVIX foram feitas em etapas, conforme explicado anteriormente, de acordo com as orientações apontadas pela teoria dos estudos labovianos. Além disso, foram usados todos os procedimentos a fim de se minimizarem os aspectos do *paradoxo do observador*. Mas, mesmo seguindo a metodologia laboviana, ocorreu a seguinte situação: em observação empírica, intuitiva, dos falantes de Vitória, percebia-se a presença recorrente de *cê*, mas ao se fazer a análise quantitativa de parte dos dados do *corpus* do Português Falado na Cidade de Vitória (PORTVIX) observou-se um número elevado do pronome *você*.

Esses cálculos iniciais foram obtidos pelo cálculo de frequência da variante da variável dependente por meio do programa computacional GOLDVARB X, que possibilitou apontar os primeiros resultados estatísticos dos dados coletados. Para este trabalho, foram analisadas 24 entrevistas, como será explicitado na página 78.

A partir desses resultados, surgiu o interesse de se gravar, de forma também sistemática, mas de modo anônimo, conversas que não se constituíssem em entrevistas, pois era intuitivamente percebido na fala de Vitória o uso frequente do item *cê*. A observação era de que as duas formas coexistiam e a nossa hipótese apontava para o fato de que as ocorrências transcorriam de forma equilibrada. Porém, os resultados iniciais do PORTVIX não indicavam esse fato, pois *você* encontrava-se estatisticamente muito acima do pronome *cê*. Por esse motivo, surgiu a necessidade de se constituir um *corpus*, diferente daquele normalmente captado em entrevistas labovianas típicas, o qual pudesse se constituir em um grupo de controle, a fim de que pudessemos compará-lo ao PORTVIX, e, assim, confirmar ou não a nossa hipótese.

Existem situações em que o falante presta menos atenção ainda à sua fala, como aponta Labov (2008, p. 110), “por mais que o falante nos pareça informal ou à vontade, podemos sempre supor que ele tem uma fala mais informal, outro estilo no qual se diverte com amigos e discute com a mulher”. Seguindo essa linha de pensamento, julgamos pertinente fazer gravações secretas, como será explicado a seguir, para captar uma fala casual (*casual speech*) em que os falantes empregam um estilo menos monitorado.

5.4.2 A constituição da amostra da Fala Casual

Para a amostra desse grupo de controle, foram feitas duas gravações de conversas sem que os falantes tivessem o conhecimento prévio do evento. Nas duas situações de captação de fala, teve-se o cuidado de trabalhar somente com pessoas que fossem bem próximas do âmbito familiar e com pessoas da própria família da pesquisadora. Cabe dizer que se buscou captar uma conversa aleatória entre as pessoas, geralmente um bate-papo bastante descontraído.

É importante frisar que, ao final da gravação, os participantes foram informados que sua fala havia sido gravada. Nesse momento, também foram informados que o registro oral seria aplicado em um estudo científico sobre a ocorrência da variação *você* e suas variantes na cidade de Vitória.

Depois desse procedimento, foi solicitada dos falantes autorização para o uso dos dados, havendo a anuência de todos os participantes em relação ao uso do documento, a qual se encontra devidamente comprovada na gravação. Ressaltamos que, se porventura não houvesse concordância para o uso da fala por parte de algum dos envolvidos, a gravação seria apagada na presença dos falantes.

5.4.2.1 A primeira gravação do grupo de controle com a Fala Casual

O documento da primeira gravação constitui-se da fala de cinco informantes capixabas, residentes em Vitória, sendo três do gênero masculino e dois do gênero feminino. Destas, uma delas é a própria pesquisadora. Inclusive, a intuição da pesquisadora era de que ela própria pronunciava mais *cê* do que *você*, o que não se confirmou, conforme veremos adiante. Os informantes inserem-se em duas faixas etárias (entre 26 a 49 anos e mais de 49 anos) e nos três níveis de escolaridade (ensino fundamental, médio e universitário). Cabe ressaltar que, dos cinco informantes, quatro são membros de uma mesma família (mãe, dois filhos e um sobrinho) e a pesquisadora se encontra na condição de amiga dessa família.

5.4.2.2 A segunda gravação do grupo de controle com a fala casual

A segunda gravação foi feita com a própria família da pesquisadora e participaram quatro pessoas, representando gerações que vão da bisavó ao bisneto. A matriarca – 78 anos, a filha desta – 50 anos, a neta da matriarca – 33 anos e o bisneto – 7 anos. Todos os participantes são naturais de Vitória, com exceção da pesquisadora.

Neste ponto, cabe dizer que a pesquisadora se colocou como participante e observadora das duas gravações de Fala Casual. É também pertinente dizer que ela é moradora de Vitória há 39 (trinta e nove) anos, é natural de Resende (RJ), mas, aos 20 (vinte) dias de nascida, foi morar em Governador Valadares (MG), permanecendo naquela cidade até os 11 (onze) anos, quando se mudou para Vitória (ES).

Os níveis de escolaridade dos participantes são o fundamental e o universitário.

5.5 SOBRE OS ENTREVISTADORES DO PORTVIX

Para a constituição do *corpus* do PORTVIX, participaram sete entrevistadores do gênero feminino e um do masculino. A princípio, não se pretendia usar o fala dos entrevistadores na análise dos dados, porém, ao se ouvirem as entrevistas, e depois de se verificar a transcrição, foi identificado o uso das duas variantes, *você* e *cê*, também na fala dos entrevistadores.

Aparentemente, tínhamos a impressão de que os entrevistadores tinham uma frequência bastante alta do item *cê*, inclusive parecia que essa forma era mais produtiva do que *você*. Cabe dizer que esse foi um ponto importante para uma reflexão, porque era de nosso interesse testar todas as ocorrências das variantes, para validar com bastante propriedade a nossa pesquisa.

Relembramos que Labov (2008, p. 102) adverte que para empreender uma pesquisa sociolinguística são necessárias na amostra, entre outras formas de capturar a fala, as entrevistas estruturadas, formais, denominadas pelo autor como “fala monitorada” (*careful speech*). O linguista acrescenta, ainda, que “de um modo geral, uma entrevista, que tem como objeto explícito a língua do falante, alcançará um grau mais elevado na escala de formalidade

do que na maioria das conversações”. Se Labov evidencia o aspecto formal contido em uma entrevista, era de se esperar que os entrevistadores se posicionassem usando mais a forma *você*, considerada como padrão, com traços mais formais. Entretanto, houve na fala dos entrevistadores uma variação estilística, a qual direcionava para um *continuum* que transitava desde a forma mais padrão - a utilização de *você* - até a menos padrão - o uso de *cê*, conforme se verifica no excerto abaixo.

Exemplo 1:

Entrevistador: *o que que você tá estudando em ciências? Cê LEMbra agora?*

Informante: *Lembro... a a gente terminou a fase da astronomia aí a gente vai entrar na conquista do esPAço*

Exemplo 2:

Entrevistador: *Você assistiu o Big Brother?*

Informante: *Assisti*

Entrevistador: *Gostou?*

Informante: *gostei*

Entrevistador: *Cê tava torcendo pra quem?*

Informante: *eu tava torcendo pro André*

Esse fato nos instigou a averiguar o porquê da ocorrência desse fenômeno. Decidimos, então, fazer um recorte específico da fala dos entrevistadores para investigar se haveria correlação linguística entre os falantes entrevistados e os entrevistadores.

5.6 O TRATAMENTO QUANTITATIVO DOS DADOS

A Sociolinguística Quantitativa se vale da quantificação de dados controlados, os quais apontam a sistematização da língua. Essa quantificação é controlada pela combinação de fatores sociais e linguísticos com base em um modelo matemático. Esse modelo de análise variacionista opera com um tratamento estatístico das configurações dos dados coletados.

Esse tratamento baseia-se na teoria da probabilidade aplicada aos dados, a fim de extrair regularidades altamente ordenadas que governam a variação na comunidade (LABOV, 1994, p. 25; SANKOFF, 1988, p. 141). Dessa forma, podem-se identificar os fatores que favorecem ou desfavorecem o uso de certa variante.

De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 101), os modelos procuram explicar as possibilidades linguísticas e também os padrões quantitativos de uso dessas possibilidades, por meio de um modelo matemático.

Para esta pesquisa, após a transcrição dos *corpora*, foi feita a codificação dos dados de acordo com os grupos de fatores, ou seja, esses dados receberam um código com o intuito de ser reconhecido pelo programa GOLDVARB X. Foram, então, codificadas a variável dependente e as variáveis independentes.

Com esse procedimento, o aplicativo GOLDVARB X executou diversos níveis de análise a partir de cálculos estatísticos e probabilísticos. Assim, o programa selecionou as variáveis e apontou um nível de significância, de acordo com o valor encontrado, apresentando os resultados das porcentagens e dos pesos relativos.

Os pesos relativos variam entre 0 e 1 e, na explicação de Naro (2004, p. 24), os valores maiores que 0,5 são os mais favorecedores ao uso de uma dada variante. Para o autor, o modelo que trabalha com pesos relativos é mais adequado do que aqueles que evidenciam somente as probabilidades, porque aos diversos fatores são atribuídos os devidos pesos relativos.

Guy e Zilles (2007, p. 31), Naro (2004, p. 25) e Scherre (1996, p. 45), conforme o exposto anteriormente, explicitam que a responsabilidade de leitura, descrição e interpretação dos dados cabe exclusivamente ao pesquisador. Sob essa visão, passemos, então, no próximo capítulo, à análise dos dados.

6 ANÁLISE DOS DADOS EM TERMOS DE FREQUÊNCIA ABSOLUTA E PESO RELATIVO DOS *CORPORA*

6.1 *CORPUS PORTVIX E FALA CASUAL*

Do corpus do PORTVIX, mencionado no capítulo 4, foram controladas 24 entrevistas distribuídas conforme os quadros 11 e 12:

(idade→)	07-14		15-25		26-49		+ de 50		
(sexo→)	H	M	H	M	H	M	H	M	
Ensino fundamental	2	4		1	2	2	2	1	14
Ensino Universitário			4	2		1	1	2	10
Número total de informantes									24

Quadro 11 - Distribuição das células sociais do PORTVIX, estudadas nesta pesquisa.

Entrevista	Nível	Sexo	Idade	Localização
3	1º grau	H	07 a 14	Praia do canto
4	1º grau	H	07 a 14	Santo Antônio
7	1º grau	M	07 a 14	Santo Antônio
8	1º grau	M	07 a 14	São Pedro
9	1º grau	H	15 a 25	São Pedro
10	1º grau	H	15 a 25	Jucutuquara
11	1º grau	M	15 a 25	Centro
12	1º grau	M	15 a 25	Santo Antônio
13	1º grau	H	26 a 49	Maruípe
14	1º grau	H	26 a 49	São Pedro
15	1º grau	M	26 a 49	Jucutuquara
16	1º grau	M	26 a 49	Maruípe
17	1º grau	H	50 ou +	Santo Antônio
18	1º grau	H	50 ou +	Maruípe
19	1º grau	M	50 ou +	Maruípe
35	universitário	H	15 a 25	Jucutuquara
36	universitário	H	15 a 25	Maruípe
38	universitário	M	15 a 25	Centro
39	universitário	H	26 a 49	Praia do canto
40	universitário	H	26 a 49	Maruípe
42	universitário	M	26 a 49	Centro
43	universitário	H	50 ou +	Praia do Canto
45	universitário	M	50 ou +	Jucutuquara
46	universitário	M	50 ou +	Maruípe

Quadro 12 - Características dos 24 informantes seleccionados nesta pesquisa.

Nesta presente pesquisa trabalhamos com as duas extremidades do *corpus*: os falantes mais escolarizados e os de escolaridade mais baixa, respectivamente. O ensino médio²¹ será trabalhado em pesquisas futuras.

Apresentamos a seguir, no quadro 13, as variantes da variável dependente controladas neste trabalho:

Variável dependente	Variantes
<i>Formas de expressão de 2ª pessoa</i>	<i>Você</i>
	<i>Cê</i>
	<i>Ocê</i>
	<i>Te</i>
	<i>Ø de você,</i>
	<i>Ø de ocê</i>
	<i>Ø de cê</i>

Quadro 13 - Distribuição das variantes da variável dependente.

Como afirma Labov (2008, p. 101), para uma informação precisa sobre o comportamento da oralidade, é interessante complementar as amostras de fala, de modo que a variação regular possa ser testada em vários contextos discursivos. No caso desta pesquisa, optamos, como anteriormente explicado, por acrescentar ao *corpus* PORTVIX, representado pela entrevista tipicamente laboviana, a Fala Casual, definida pelo autor como “uma fala cotidiana, usada em situações informais em que nenhuma atenção é dirigida à linguagem” (2008, p. 111). Assim, os *corpora* serão analisados e comparados.

No PORTVIX, foram codificados 4.976 dados, sendo 3.328 casos de *você*, 1.043 de *cê*, 22 de *ocê*, 130 de *te*, 329 de *Ø de você*, 123 de *Ø de cê* e 1 de *Ø de ocê*. Foi controlada a fala dos entrevistados bem como a dos entrevistadores, representada na tabela 11 a seguir:

²¹ Nesta pesquisa não se trabalhou com o ensino médio do PORTVIX em função do tempo disponível para a execução do presente trabalho

Tabela 11 - Distribuição geral das variantes da variável dependente nos dados dos informantes e dos entrevistadores em Vitória (PORTVIX)

	Você	Ø você	Cê	Ø cê	ocê	Ø ocê	Te	Total
PORTVIX(Falantes)	1477	219	477	107	17	0	66	2363
	62,5%	9,3%	20,2%	4,5%	0,7%	0,0%	2,8%	
PORTVIX(entrevistadores)	1851	110	566	16	5	1	64	2613
	70,8%	4,2%	21,7%	0,6%	0,2%	0,0%	2,4%	

Conforme observamos na tabela 11, não é muito alta a produtividade do item *cê* se relembarmos os percentuais de *você* e *cê* para os dados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Esse fato, entretanto, na nossa observação empírica, não era claro, pois a impressão que tínhamos é que essa forma era muito mais frequente e, por esse motivo, constituímos um novo *corpus*, levantando dados de Fala Casual, conforme explicado anteriormente. Dessa forma, chegamos ao resultado a seguir.

Tabela 12 - Distribuição geral das variantes da variável dependente nos dados dos informantes da Fala Casual em Vitória (gravação 1 e 2)

	Você	Ø você	Cê	Ø cê	Ocê	Ø ocê	Te	Total
FALA CASUAL (1)	58	4	84	8	0	0	13	167
1ª gravação	34,7%	2,4%	50,3%	4,8%	0,0%	0,0%	7,0%	
FALA CASUAL (2)	115	6	57	4	0	0	14	196
2ª gravação	58,7%	3,1%	29,1%	2,0%	0,0%	0,0%	7,1%	
TOTAL	173	10	141	12	Ø	Ø	27	363

No *corpus* de Fala Casual, foram codificados 363 dados, distribuídos em 173 casos de *você*, 10 de *Ø* de *você*, 141 de *cê*, 12 de *Ø* de *cê*, 27 de *te* e não ocorreram casos de *ocê*, nem *Ø* de *ocê*.

Após esse procedimento, constatamos que na Fala Casual 2, o percentual de ocorrência do pronome *você* foi de 58,7%. Já na outra gravação, na Fala Casual 1, para o mesmo pronome a porcentagem encontrada foi de 34,7%. O pronome *cê*, nesta gravação de Fala Casual 1, foi mais recorrente, mostrando um percentual de ocorrência de 50,3%. Mas, de forma geral, podemos afirmar que a forma mais frequente entre os falantes de Vitória é a forma *você*. Vamos discutir a questão da baixa frequência de *você* na Fala Casual 1 mais adiante, ao falarmos sobre a variável gênero.

Entendemos ser pertinente apontar a distribuição global das amostras para se ter uma visão geral dos *corpora*, motivo pelo qual ocorre, na tabela 13, a seguir, a inserção de todos os dados dos *corpora*.

Tabela 13 - Distribuição global com todas as variantes dos *corpora* de Vitória

	Você	Ø você	Cê	Ø cê	Ocê	Ø ocê	Te	Total
PORTVIX(Falantes)	1477	219	477	107	17	0	66	2363
	62,5%	9,3%	20,2%	4,5%	0,7%	0,0%	2,8%	
PORTVIX(entrevistadores)	1851	110	566	16	5	1	64	2613
	70,8%	4,2%	21,7%	0,6%	0,2%	0,0%	2,4%	
FALA CASUAL (1)	58	4	84	8	0	0	13	167
	34,7%	2,4%	50,3%	4,8%	0,0%	0,0%	7,0%	
FALA CASUAL (2)	115	6	57	4	0	0	14	196
	58,7%	3,1%	29,1%	2,0%	0,0%	0,0%	7,1%	

Nos dados preliminares, já é possível observar que, no conjunto das variantes, *você* e *cê* apresentam frequências mais altas, enquanto *ocê* possui uma ocorrência bastante baixa em relação às outras duas variantes.

A partir desse ponto, convém explicar que o fenômeno analisado é binário, no sentido de que a pesquisa evidencia duas possibilidades de variação produtiva: *você* ou *cê*. O pronome *ocê*, embora também tenha sido codificado, não nos será possível analisá-lo em termos de peso relativo, pois a forma *ocê* não apresenta número suficiente para esse tipo de análise. Entretanto, a baixa ocorrência do pronome *ocê* pode capitalizar a importância linguística, como veremos mais adiante.

Com relação aos zeros, foram codificados como forma de controle, mas, neste presente trabalho, eles não serão analisados, por, principalmente, não termos tempo hábil para isso, e por, até o momento, não haver tratamento sistemático dado a eles na literatura lida.

Na fala analisada, além de praticamente não ter a forma *ocê*, quando ele ocorre, tende a aparecer na função de complemento de preposição. Ao lado disso, o teste avaliativo feito por Peres (2008) evidencia a rejeição dessa forma pelos falantes de Vitória.

Os pesos relativos foram calculados em relação à forma *você*, pelo fato de ser a escolha linguística mais frequente na cidade de Vitória. Para o cálculo dos pesos relativos, foram retirados os casos de complemento de preposição e de complemento sem preposição, visto que há invariância, pois a forma *cê* não ocorre nessas duas funções²². Além desses casos, também não foram levados em consideração os contextos discursivos nos quais havia casos duvidosos, nos quais não foi possível identificar a referência. Entretanto, os fenômenos invariantes retirados da análise quantitativa não foram excluídos da análise linguística, pois o objetivo principal de um estudo variacionista é entender o funcionamento da língua, portanto, um efeito categórico pode apontar questões importantes sobre o sistema da língua.

6.2 DADOS ESPECÍFICOS DE VOCÊ E CÊ

Nas rodadas comentadas a seguir, apresentaremos, na tabela 14, de que forma estão distribuídos em termos percentuais os pronomes *você* e *cê* na amostra geral, após terem sido retirados os casos de complemento de preposição e de complemento sem preposição e também os casos duvidosos, que foram impossíveis de identificar a referência, conforme dito anteriormente.

Na sequência da análise da alternância *você* e *cê*, fizemos rodadas em separado, visto que o nosso propósito era testar o comportamento da variação dos informantes e dos entrevistadores do PORTVIX, bem como o dos falantes e o do observador tanto da Fala Casual 1 quanto da Fala Casual 2, conforme tabela 14, da página a seguir:

²² Vamos retornar essa questão mais a frente.

Tabela 14 - Distribuição das formas *você* e *cê* nos dados dos falantes e entrevistadores do PORVIX, nos falantes da Fala Casual 1 e 2 e no observador da Fala Casual 1 e 2

	Você	Cê	Total
PORTVIX(Falantes)	1350 74,2%	469 25,8%	1819
PORTVIX(entrevistadores)	1793 76,0%	566 24,0%	2359
FALA CASUAL (1)	32 31,4%	70 68,6%	102
FALA CASUAL (2)	79 63,2%	46 36,8%	125
OBSERVADOR CASUAL (1)	14 63,6%	8 36,4%	22
OBSERVADOR CASUAL (2)	11 61,1%	7 38,9%	18

No PORTVIX, percebe-se que tanto na fala dos informantes como na dos entrevistadores a preferência é pelo uso da forma *você*. Em termos percentuais, a diferença de uso dessa escolha entre eles não é significativa, 74,2% para os falantes contra 76,0% para os entrevistadores, apresentando uma margem de 1,8 pontos percentuais. Portanto, pode-se dizer que a escolha da forma *você* ocorre de forma equilibrada entre falantes e entrevistadores. A forma *cê*, embora ocorra em menor escala, também ocorre de modo equilibrado: 25,8% para falantes e 24%,o para entrevistadores, resultando em uma diferença também de 1,8 pontos percentuais. Ao compararmos a diferença de escolha entre *você* e *cê*, a diferença para os falantes é de 48,4 pontos percentuais e para os entrevistadores é de 52 pontos percentuais, demonstrando que a forma *você* possui uma frequência muito mais alta que *cê*. Dessa forma, podemos afirmar que, na fala de Vitória, em dados colhidos da situação de entrevista laboviana, a escolha linguística é pelo uso do item *você*, conforme pode ser verificado nos gráficos 1 e 2 a seguir:

	Você	Cê
PORTVIX Falantes	74,20%	25,80%

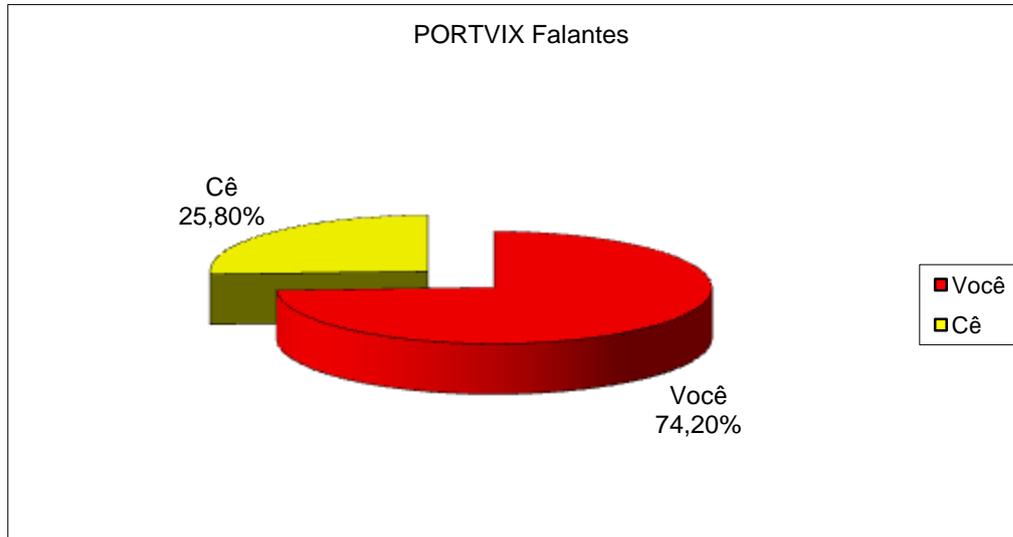


Gráfico 1 - Distribuição dos pronomes você e cê nos dados dos falantes do PORTVIX

	Você	Cê
PORTVIX Entrevistadores	76,00%	24,00%

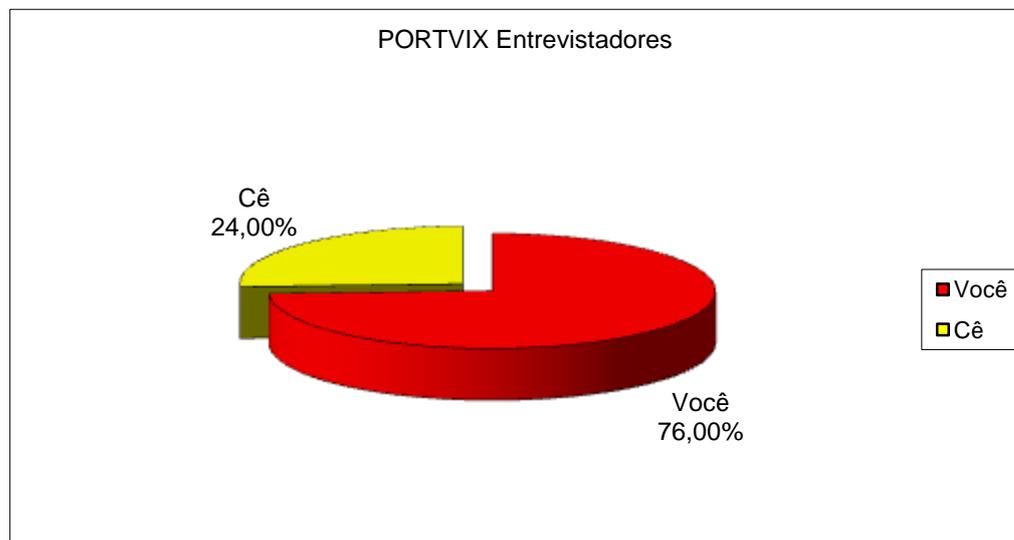


Gráfico 2 - Distribuição dos pronomes você e cê nos dados dos entrevistadores do PORTVIX

Como já vimos, essa escolha é bem diferente da escolha de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, um dos estados com que o Espírito Santo tem amplas fronteiras. Além da diferença com relação ao uso de *você*, a preferência da fala mineira é pela forma *cê*, na mesma situação de entrevista. Na relação *você/cê*, teríamos para Belo Horizonte 37% para *você* (112/301) e 63% para *cê* (89/301), quase o inverso do que ocorre em Vitória.

Em se tratando da Fala Casual, enquanto na amostra 1 houve uma porcentagem de 31,4% do item *você*, na amostra 2, a frequência foi relativamente maior, apresentando uma porcentagem de 63,2%. Nos falantes da amostra 1, a diferença entre uma forma e outra é de 37,2 pontos percentuais, o que demonstra uma margem significativa desfavorecendo o uso de *você* e favorecendo o uso de *cê*. Já na amostra 2, ocorre o contrário: os falantes favorecem o uso de *você* com 63,2% e desfavorecem o uso de *cê*, com 36,8%. A diferença na escolha entre *você* e *cê* é de 26,4 pontos percentuais, resultando em uma maior predominância da forma *você*. A forma *cê* apresentou índices elevados na amostra 1, e, na amostra 2, a porcentagem se reduziu para 36,8%. Esses dados podem ser visualizados nos gráficos 3 e 4 a seguir:

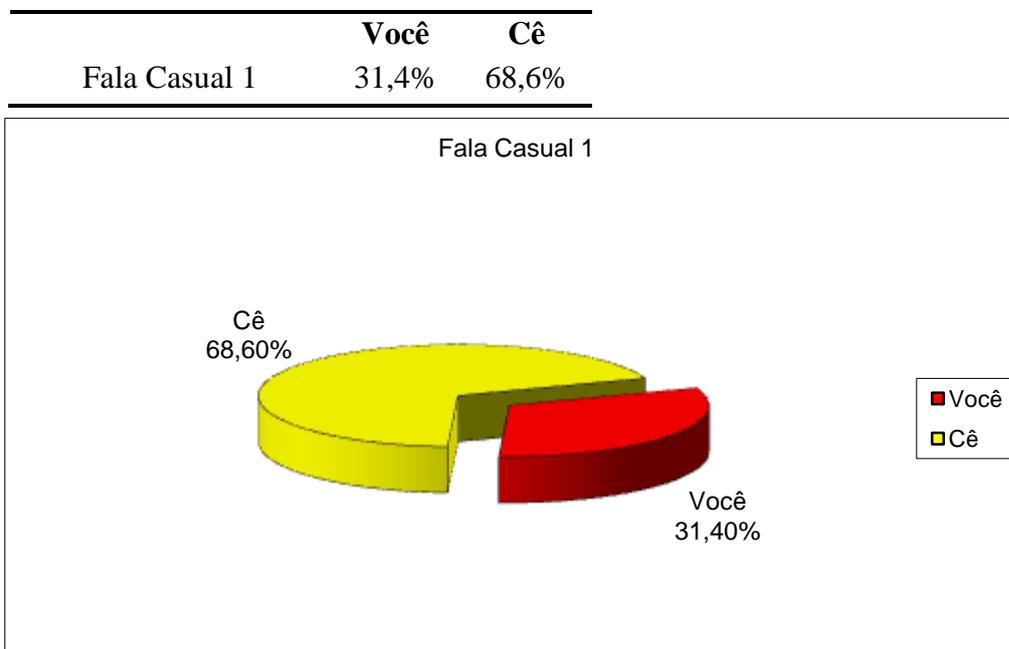


Gráfico 3 - Distribuição dos pronomes você e cê nos dados dos falantes da Fala Casual 1

	Você	Cê
Fala Casual 2	63,2%	36,8%

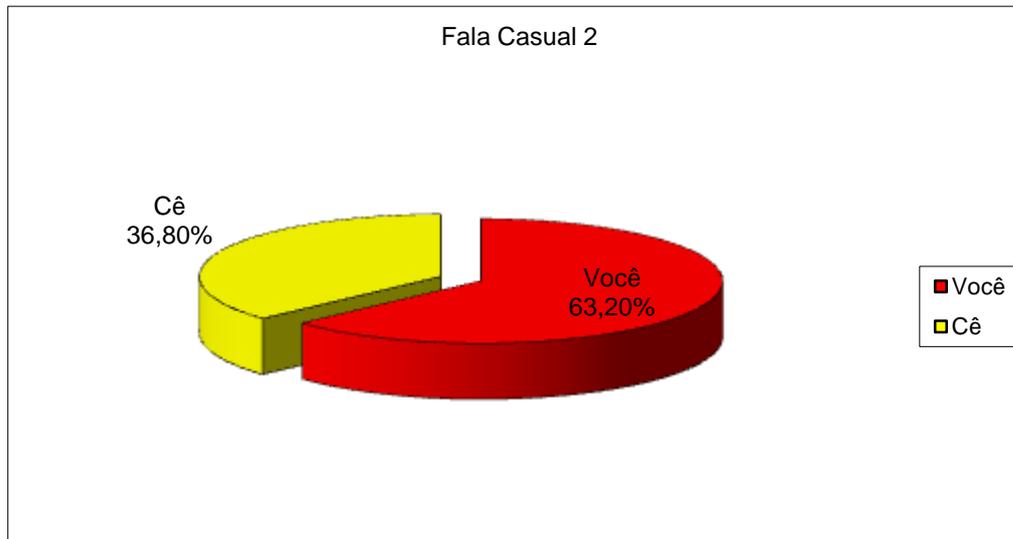


Gráfico 4 - Distribuição dos pronomes *você* e *cê* nos dados dos falantes da Fala Casual 2

Com referência à fala da observadora que, conforme dito anteriormente, foi a própria pesquisadora a observadora, a intuição dela era a de que em sua fala haveria uma predominância de *cê*, o que não se confirmou, pois a variante preferida foi *você*, como atestam os resultados apresentados nos gráficos 5 e 6, referentes à Fala casual 1 e à Fala Casual 2, respectivamente:

	Você	Cê
Observador 1	63,6%	36,4%

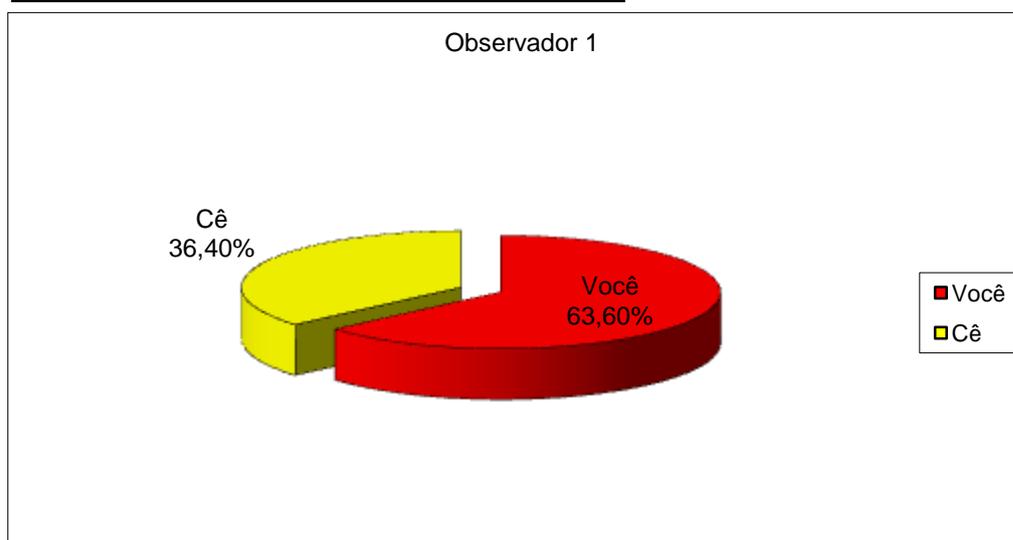


Gráfico 5 - Distribuição dos pronomes *você* e *cê* nos dados do observador da Fala Casual 1

	Você	Cê
Observador 2	61,1%	38,9%

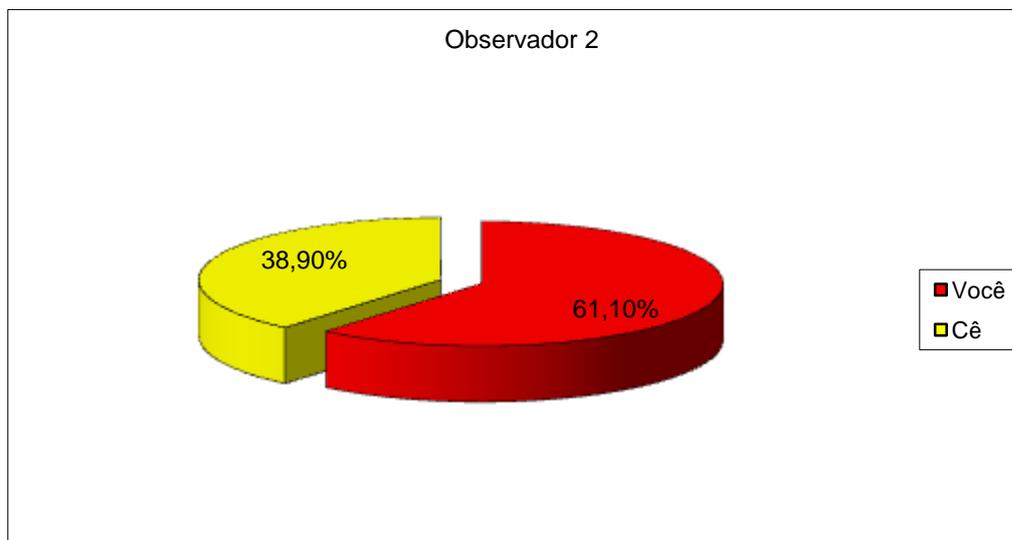


Gráfico 6 - Distribuição dos pronomes você e cê nos dados do observador da Fala Casual 2

A análise dos dados da Fala Casual, como se pode ver, mesmo nessas circunstâncias (observador) apresenta frequências relativamente elevadas da variante *você*, parcialmente contrário às expectativas desta pesquisadora.

6.3 SOBRE FALANTES E ENTREVISTADORES DO PORTVIX

Impressionou a esta pesquisadora, além do alto índice de *você* na amostra do PORTVIX, também o percentual praticamente igual da fala dos entrevistadores (74,2% para falantes e 76% para entrevistadores), em termos médios.

A pesquisadora, ao se deparar com esse resultado, reportou-se, novamente, a Labov (2008, p. 244), visto que a teoria mostra a questão do *paradoxo do observador* nas entrevistas de modelos labovianos. O interesse da Sociolinguística é observar o vernáculo de uma comunidade de fala e de “descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas” (Labov, 2008, p. 244). Porém, para que se capte esse tipo de fala, é imprescindível a observação sistemática, com a presença do pesquisador, que muitas vezes é um elemento estranho à comunidade, além do gravador, material usado para esse tipo de trabalho. Assim, como fazer com que o entrevistador use espontaneamente o seu vernáculo se ele próprio é tomado como objeto de análise?

Os resultados obtidos (74,2% para falantes e 76% para entrevistadores, em termos médios) foram, no mínimo, intrigantes, pois havia uma semelhança muito grande entre os percentuais globais dos falantes e dos entrevistadores no uso dos pronomes. Surgiram, então, algumas perguntas: esse resultado poderia ser resultado da influência do entrevistador sobre a fala do entrevistado? O fenômeno sob estudo, pronomes de segunda pessoa, era uma forma usada constantemente pelo entrevistador e essa ocorrência poderia estar influenciando a fala do entrevistado, especialmente por meio da variante *você*? Poderia estar ocorrendo o que Labov (2008, p. 244) considera como *paradoxo do observador*, haja vista a incrível semelhança de uso das formas entre entrevistador e entrevistado? Esse fato poderia estar refletindo alinhamento entre falantes e entrevistadores?

Para responder a todos esses questionamentos, a pesquisadora analisou os percentuais individuais dos falantes, e também o desempenho de cada entrevistador em cada uma das entrevistas, em busca de uma eventual correlação entre o uso de *você* por parte dos falantes e o uso de *você* por parte dos entrevistadores.

Foi produzida, primeiramente, uma tabela geral dos percentuais do uso de *você* versus o uso de *cê* na fala dos falantes e na dos entrevistadores, conforme veremos a seguir.

Na maioria das 24 (vinte e quatro) entrevistas analisadas, havia dois entrevistadores para cada entrevista. Muitos dos entrevistadores participaram de mais de uma entrevista. Por esse motivo, levantamos separadamente a média percentual entre falante e entrevistador, conforme podemos observar na tabela 15, da página seguinte. Cabe salientar que, por motivos éticos, usaremos nomes fictícios para cada entrevistador.

Tabela 15 - Percentuais de uso de *você* versus *cê* na fala dos falantes e na fala dos entrevistadores por entrevista

Células FALANTES	Ocorrência	%	E1 ou E2	Nome entrevistador	Ocorrência	%
3	23/23	100,00%	E1	Vi	62/66	93,90%
			E2	Re	85/92	92,40%
4	35/39	90,00%	E1	Sa	51/56	91,10%
			E2	Su	87/89	97,80%
7	36/45	80,00%	E1	Jô	157/182	86,30%
			E2	Sa	35/41	85,40%
8	19/23	83,00%	E1	He	85/98	86,70%
			E2	Vi	59/70	84,30%
9	40/40	100,00%	E1	Vi	310/310	100,00%
			E2	He	30/30	100,00%
10	36/36	100,00%	E1	Vi	80/81	98,80%
			E2	He	40/40	100,00%
11	76/96	79,00%	E1	Vi	54/81	66,70%
			E2	He	29/44	65,90%
12	178/204	83,00%	E1	He	17/22	77,30%
			E2	Vi	11/12	91,70%
13	9/45	20,00%	E1	Lê	33/122	27,00%
			E2	Não ocorrência		
14	8/64	12,00%	E1	He	30/110	27,30%
			E2	Não ocorrência		
15	7/8	87,50%	E1	Lê	40/76	52,60%
			E2	Não ocorrência		
16	9/24	37,50%	E1	Lê	27/114	23,70%
			E2	Jô	8/27	29,60%
17	11/26	42,00%	E1	Lê	3/3	100,00%
			E2	Jô	2/4	50,00%
18	175/189	93,00%	E1	Não ocorrência		
			E2	Lê	0/1	0,00%
19	78/78	100,00%	E1	Vi	7/7	100,00%
			E2	Não ocorrência		
35	36/156	23,00%	E1	Jô	46/81	56,80%
			E2	Lê	26/39	66,70%
36	19/19	100,00%	E1	Jô	57/57	100,00%
			E2	Lê	36/36	100,00%
38	46/51	90,00%	E1	Lê	30/30	100,00%
			E2	Jô	47/47	100,00%
39	56/123	45,50%	E1	Sa	39/53	73,60%
			E2	Su	45/46	97,80%
40	52/57	91,00%	E1	Lo	35/64	54,70%
			E2	Su	18/18	100,00%
42	17/85	20,00%	E1	Jô	9/34	26,50%
			E2	Lo	1/11	9,10%
43	228/228	100,00%	E1	Jô	2/2	100,00%
			E2	Lê	30/30	100,00%
45	149/153	97,00%	E1	Não ocorrência		
			E2	Jô	3/3	100,00%
46	7/7	100,00%	E1		52/53	98,10%
			E2		12/14	85,70%

Embora a metodologia da entrevista laboviana seja eficaz no registro das opiniões do falante, há uma ideia de que a técnica adotada de entrevista interacional, face-a-face, pode aumentar a influência linguística do entrevistador sobre o entrevistado. Além da presença do entrevistador, também o gravador pode ser um fator inibidor para o falante, conforme já dissemos.

Oliveira e Silva (2004, p. 125), em artigo intitulado *Coleta de Dados*, relata um episódio no qual a linguista Scherre – à época (1974) auxiliar dos professores Naro e Lemle – levantava dados para uma pesquisa solicitada pelo MOBREAL, resultando no Relatório Competências Básicas do Português, de 1977, quando um fato inesperado aconteceu: Scherre convidou um informante para ir a casa dela. Assim que terminou de fazer a gravação com o rapaz, ela o avisou de que havia terminado a entrevista. Contudo, a conversa entre os dois continuou sem que a professora percebesse que o gravador continuava ligado. Esse fato foi comunicado aos professores orientadores. Estes, depois de analisarem o registro, constataram haver diminuição da concordância de número quando o rapaz não sabia que sua fala estava sendo gravada. Esse exemplo pode ilustrar a influência do observador sobre o observado, ilustrando, mais uma vez, o efeito do *paradoxo do observador*. Tendo isso em mente, testamos, inicialmente, se havia correlação entre a fala dos entrevistadores e dos entrevistados. Como em cada entrevista havia dois entrevistadores, fizemos a média de uso de *você/cê* dos dois e, em seguida, fizemos o teste de correlação, usando o programa Excel²³.

A tabela 16 a seguir foi elaborada de modo a evidenciar uma ordem crescente do uso de *você*, tomando como referência a porcentagem de uso do falante. Porém, cautelosamente, para se obter um resultado seguro de medida de correlação entre entrevistador e falante, foram retiradas as células com poucos dados, nas quais o falante produziu menos de 10 (dez) dados ou quando houve menos de 10 (dez) dados nos dois entrevistadores. São elas: entrevistas 15, 17, 18, 19, 45 e 46 (menos 6 falantes). Portanto, a tabela foi elaborada com 18 falantes.

Vejamos a tabela 16 e o gráfico correspondente à tabela. A seguir, faremos os comentários devidos.

²³ As medidas de correlação foram feitas por Edilene Patrícia Dias, a quem agradeço muitíssimo.

Tabela 16 - Distribuição percentual entre falantes e média dos entrevistadores de *você vs. cê*

Ordenação crescente	% dos falantes	% médio dos entrevistadores
1 (célula 14)	12%	27,30%
2 (célula 13)	20%	27,00%
3 (célula 42)	20,00%	17,80%
4 (célula 35)	23,00%	61,75%
5 (célula 16)	37,50%	26,65%
6 (célula 39)	45,50%	85,70%
7 (célula 11)	79%	66,30%
8 (célula 07)	80%	85,85%
9 (célula 08)	83%	85,50%
10 (célula 12)	83%	84,50%
11 (célula 04)	90%	94,45%
12 (célula 38)	90,00%	100,00%
13 (célula 40)	91,00%	77,35%
14 (célula 03)	100%	93,15%
15 (célula 09)	100%	100,00%
16 (célula 10)	100%	99,40%
17 (célula 36)	100,00%	100,00%
18 (célula 43)	100,00%	100,00%

Teste de correlação entre percentual (%) médio de *você vs. cê* dos falantes e dos entrevistadores

<u>% médio dos falantes</u>	<u>% médio entrevistador</u>
Coefficiente de correlação	0,89325

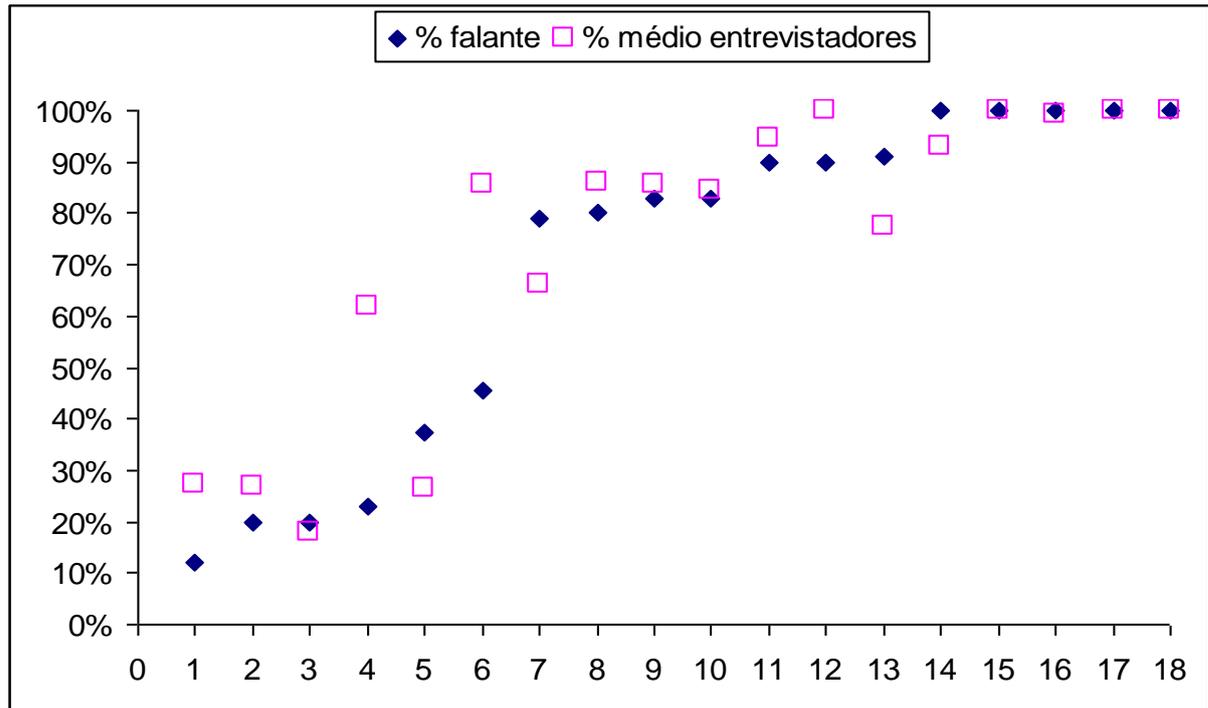


Gráfico 7 - Correlação linguística entre falantes e entrevistadores: uso de *você* vs. *cê*

O teste feito evidencia de fato uma correlação positiva de 0,89325 entre a fala dos entrevistadores e a dos entrevistados, mas não aponta a direção da correlação, ou seja, não revela quem influencia quem. Para verificar a direção da correlação, fizemos uma medida específica, por entrevistador, tendo em vista que um mesmo entrevistador entrevistou separadamente diversos entrevistados.

Seguem as tabelas individuais 17, 18, 19, 20, 21 e 22 de porcentagens entre falantes e entrevistadores, com a medida de correlação entre os percentuais de uso de *você* vs. *cê* de diversos falantes e os percentuais de uso de *você* vs. *cê* de um mesmo entrevistador com entrevistadores diferentes.

Relembramos que a medida de correlação entre duas variáveis é um valor entre 1 e -1. Índices de correlação maiores do que zero indicam correlação positiva; menores do que zero indicam correlação negativa. Assim, quanto mais próximos de 1, maior a correlação positiva; quanto mais próximos a -1, maior a correlação negativa. Valores próximos a zero indicam ausência de correlação. Como veremos a seguir, nos seis casos analisados, a correlação é sempre positiva e em cinco dos seis casos o índice de correlação é próximo a 1. Para o cálculo dos coeficientes de correlação foi usado o programa *Excel*, que opera com o Coeficiente de Correlação de Pearson.

Tabela 17 - Distribuição percentual individual de *you* vs. *ce* de seis falantes e da entrevistadora Jô com os 6 falantes

Célula/Falante	% dos falantes	% da entrevistadora Jô
07	80%	86,30%
16	37,50%	29,60%
35	23%	56,80%
38	100%	100,00%
36	100%	100%
42	20%	26,50%

Teste de correlação entre percentual (%) médio de *you* vs. *ce* de seis falantes e da entrevistadora Jô

% médio dos falantes	% médio entrevistador
Coefficiente de correlação	0,89325

Tabela 18 - Distribuição percentual individual de *you* vs. *ce* de sete falantes e da entrevistadora Lê com os 7 falantes

Célula/Falante	% dos falantes	% da entrevistadora Lê
13	20%	27%
15	87,50%	52,60%
16	37,50%	23,70%
35	23%	66,70%
36	100%	100%
38	90%	100%
43	100%	100%

Teste de correlação entre percentual (%) médio de *you* vs. *ce* de sete falantes e da entrevistadora Lê.

% médio dos falantes	% médio entrevistador
Coefficiente de correlação	0,773721082

Tabela 19 - Distribuição percentual individual de *você* vs. *cê* de seis falantes e da entrevistadora Vi com os 6 falantes

Célula/Falante	% dos falantes	% da entrevistadora
03	100%	93,90%
08	83%	84,30%
59	100%	100%
10	100%	98,80%
11	79%	66,70%
12	83%	91,70%

Teste de correlação entre percentual (%) médio de *você* vs. *cê* de seis falantes e da entrevistadora Vi

% médio dos falantes	% médio entrevistador
Coeficiente de correlação	0,808548313

Tabela 20 - Distribuição percentual individual de *você* vs. *cê* de cinco falantes e da entrevistadora He com os cinco falantes

Célula/Falante	% dos falantes	% da entrevistadora
08	83%	86,70%
09	100%	100%
11	79%	65,90%
12	83%	77,30%
14	12%	27,30%

Teste de correlação entre percentual (%) médio de *você*. vs *cê* de cinco falantes e da entrevistadora He

% médio dos falantes	% médio entrevistador
Coeficiente de correlação	0,96270026

Tabela 21 - Distribuição percentual individual de *você* vs. *cê* de três falantes e da entrevistadora Su com três falantes

Célula	% falante	% entrevistador
04	90%	97,80%
39	45,50%	97,80%
40	91%	100%

Teste de correlação entre percentual (%) médio de *você* vs. *cê* de três falantes e da entrevistadora Su

% médio dos falantes	% médio entrevistador
Coefficiente de correlação	0,516571014

Tabela 22 - Distribuição percentual individual de *você* vs. *cê* de três falantes e da entrevistador Sa com os três falantes

Célula	% falante	% entrevistador
04	90%	91,10%
07	80%	85,40%
39	45,50%	73,60%

Teste de correlação entre percentual (%) médio de *você* vs. *cê* de três falantes e do entrevistador Sa

% médio dos falantes	% médio entrevistador
Coefficiente de correlação	0,994046676

Como já havíamos antecipado, as tabelas 17, 18, 19, 20, 21, 22 indicam presença de correlação positiva entre a fala de cada um dos entrevistadores e de seus respectivos entrevistados, tendo em vista que, nas seis instâncias arroladas acima, o que variava era o falante e não o entrevistador. O índice mais baixo de correlação é da ordem de 0,516571014. Os demais índices aproximam-se todos de 1, valor máximo de correlação positiva. Dessa forma, fica evidenciado, até prova em contrário, quando completarmos a análise das 46 (quarenta e seis) entrevistas do PORTVIX, que é, contrariamente às expectativas do efeito do *paradoxo do observador*, o entrevistador é que se alinha ao informante e não o contrário. Portanto, não temos como não inferir que, na situação de entrevista laboviana, os falantes de Vitória têm alto índice médio de uso do pronome *você*. Podemos, por ora, dizer que essa ocorrência não é fruto da influência do entrevistador.

Em síntese, na nossa pesquisa, ao fazermos as tabelas correlatas dos percentuais do uso das formas *você* e *cê* entre entrevistador e falante, notamos que, à medida que o informante fazia a sua escolha pronominal, o entrevistador, geralmente, usava o mesmo pronome. Dessa forma, foi o entrevistador quem absorveu a influência do estilo da fala do informante.

Vejamos, a seguir, alguns exemplos, tomando como referência a entrevistadora Lê, que participou das entrevistas de número 13 e 38. O falante da entrevista 13 teve 20% de produção da forma *você* e a entrevistadora produziu 27% da forma citada. Nessa entrevista houve o desfavorecimento do item *você*. Essa mesma entrevistadora atingiu 100% de *você* quando entrevistou o informante da entrevista 38, que por sua vez usou 90% do pronome *você*.

Entrevista 13:

Exemplo 1: Falando sobre violência e roubo do bairro onde mora o entrevistado.

Entrevistadora: **VOCÊ** (ininteligível), né? Vai lá, defende na hora...

Informante: *Defendo. Tem um um rapazinho aqui em cima, da pedra, que é um bandidinho de mão cheia. Terrível. O pai dele é polícia... o pai dele é polícia, mas não tem jeito, quer dizer, nem não tem jeito. pode ser filho de de de de tenente, pode ser filho do capitão, pode ser filho de quem que for. Mas a lei do Brasil, quer dizer, prende hoje, amanhã tá solto. Se se prendesse e desse um jeito de... ingual... ing eu tava escutando o programa esses dias, pegasse um, fizesse uma jaula lá no meio da Amazonas... e prendesse, jogasse o camarada lá no meio daquele daquela lagoa lá, tem crocodilo lá, jogasse ele lá no meio, ó: “Ninguém tá te matando, agora, se **VOCÊ** conseguir escapar daqui ó, com certeza **CÊ** não vai escapar de jeito nenhum. Quer dizer: “Ah, mas na cadeira elétrica é é um é um crime, não pode, porque taria induzindo a matar as pessoa.” Mas não é! As pessoa tá tá A Bíblia fala: “Tudo aquilo que o homem pranta, ele colhe.” Se ele tá plantando bondade, ele vai colher bondade. Se ele tá colhendo plant...plantando mal ele vai colher maldade. Quer di o emprego tá difícil, com certeza. Eu passei muito tempo desempregado, e na minha profissão. Trabalhava até na UFES, de eletricista, aí eu a firma acabou... aí eu fui obrigado trabalhar, **CÊ** não acredita, quebrador de pedra. Pra mim não poder fazer coisa errada. Sustentar minha família numa boa, na paz, no... e e dentro da lei, que é trabalhando.*

Entrevistadora: **CÊ** já foi assaltado, M?

Informante: *Olha, já me roubaram, mas ass assim, na na minha frente, não. Já fui me roubaram, assim, até no meu quintal aqui mesmo. Então (ininteligível) meu passarinho, semana passada, roubaram ele aqui na parede! Eu sei quem foi e tudo, mas não falo nada. Eu sei mora aqui na pedra, mas eu não corro atrás não.*

Entrevistadora: **VOCÊ** escutou a pessoa entrando?

Informante: *Não, mas me falaram. Ele é tão abusado que ele passou com o passarinho na minha frente, **CÊ** vê...*

Entrevistadora: *Passou aqui que CÊ*

Informante: *Passou... na minha frente! Ah, então eu deixo quieto, pra mim não envolver em confusão, porque e eu eu acho que eu tenho mais a perder do que eles, porque eu tenho filho, eu trabalho o dia todo, pode meu filho pode querer fazer alguma coisa, meu filho sair na rua, tiver brincando e querer se vingar em cima do meu filho... Aí, uma coisa vai puxando a outra, vai virar uma bola de neve, porque eu também não vou deixar pra trás. Então eu prefiro deixar, porque aí um dia eles vão achar o que eles merecem.*

Entrevistadora: *Hã, hã!*

Entrevista 38

No exemplo, um excerto de fala em que a informante compara as brincadeiras infantis atuais com as de antigamente.

Informante: — *a televisão [é:: era... é::... era muito diferente era uma coisa mais assim mais... infantil mesmo era Pica Pa::u assim era uma coisa muito::... era Sítio do Pica Pau que eu assistia... não era essas coisas de luta... não sei eu acho que as coisas tão... não sei se isso é legal... isso tá acabando com/ com a infan/ com/ com... por exemplo meus irmãos por parte de pai... eles tem uma infância totalmente diferente da que eu tive... entendeu? apesar assim não sei se é por falta de oportunidade... porque eu morava num prédio...aí...morava num prédio que tinha assim muita criança da minha idade... a gente teve uma infância MUIto legal... apesar de morar na Praia do Canto de ser uma coisa assim... que não/ não sei não era pra ter... agora meus irmãos moram na Praia do Canto... e tem uma:: uma... uma vida muito if/ diferente da que eu tinha... não tem essa coisa de brincar muito na rua igual brincava no... lá no play mesmo né?... eles tem isso mas não brincam... ficam muito no computador::... em vídeo-ga::me... mas mesmo assim meu pai puxa pra essa questão de brincador de boneca de:: de jogar bola... minhas irmãs de... andar de bicicleta... ainda tem isso... mas eu tinha uma vida totalmente diferente eu andava muito da patins na Praça dos Namorados coisa que eles não fazem... acho que tudo aumentou... a violência aumentou... então... fica com muito medo eu acho... de deixar sair entendeu?... por exemplo nós/ com a idade do meu irmão tá com quin/ com treze anos eu já ia pra show no Álvares... ele não sai ainda de casa... é muito diferente... ficou muito diferente... os desenhos são totalmente outros essa coisa de... eu lembro era... trocava papel de carta... elas não trocam... era... ah! Era tudo diferente... tudo diferente... tudo diferente... eu dava valor igual elas ah! Barbie... tudo não sei o que eu tinha minhas coisas da barbie mas era tudo de madeira... não era daquela coisa::... eu tinha sim uma roupinha uma cama... coisa assim... mas era maioria tu/ outra coisa... não era aquela coisa assim que a televisão bota na sua cabeça... **VOCÊ** tem que comprar isso se não **VOCÊ** é inferior... aquele consumismo...né?*

Entrevistadora: **VOCÊ** acha que as crianças **HOJE** por exemplo são menos imaginativas

Informante: *AH! Isso com/ com certeza porque isso acaba... in/ influenciando... se **VOCÊ** não tem... se **VOCÊ** não escuta história igual minha avó contava muita história **VOCÊ** acaba não tendo essa::... não fazendo essa::... nos fazendo isso dentro da sua cabeça... não tendo mais criatividade... sua criatividade diminui... sua questão de imaginar:: de... ser criança mesmo... isso vai diminuindo né?... porque falta muita coisa... agora meus irmãos tão assim...mas tem bastante coisa que ainda que a família... meu pai mesmo puxa sabe? pra essa questão de*

brincar... de muito a mãe dele também de... de brincar de modela::gem... com massinha.. faz muita coisa dentro de casa... mas essa questão de amigo mesmo de brinCAR com os amigos... eles não tem... e acaba acaban/ acaba assim né?... que essa questão mesmo do criativo do imaginário do contar história de pensar de se envolver... isso vai acabando infelizmente vai acabando né?

Entrevistadora: *também parece que a criança tá perdendo... a inocência né?*

Informante: *é:: eles/ assim/ acaba/ é perde a inocência... então as vezes assim... ou... amadurece de um jeito que não era pra amadurecer... sabe?... não sei... fica uma coisa esquisita... eles deixam de ser crianças mesmo...de curtir a infância que é uma coisa assim... que eu lembro como/ como a melhor fase da minha vida até hoje... nem adolescência... foi muito legal... foi muito legal a minha adolescência assim né?... mas a infância foi muito boa era um coisa que **VOCÊ** não tinha preocupação com nada... só com ir pra escola que eu estudava no Nacional da Praia do canto... eles/ engraçado ontem eu fui... anteontem ou ontem não sei... eu fui buscar... eu tava no banquinho em frente à escola... na época que eu estudava na/ na/ na/ que tava na escola... na idade da minha irmã menor... eu tomava banho de mangueira.... em frente à escola... hoje em dia NUNca dá pra fazer isso por causa do TRANsito que passa em frente à escola... é muito diferente*

Entrevistadora: **VOCÊ** era uma criança levada?

Informante: *não:: não era levada mas eu era muito/ assim...primeiro era o brincar depois a escola... eu nunca fui uma aluna assim nota dez... na época de... de brincar mesmo... de Segunda série terceira quarta... eu era sempre a/ sempre/ nunca fiquei de recuperação sempre passava... mas assim era primeiro as/ a brincadeira... o brincar primeiro de manhã era muito mais importante do que/ não/ não/ preferia não comer mas brincar... depois eu fazia qualquer coisa... mas sempre tava lá em baixo brincando de tudo de jogo... sempre participava de tudo... mas não era levada não*

Podemos, então, dizer que no PORTVIX ocorreu um diferencial, um dado novo acerca do que comumente o senso comum dos pesquisadores interpreta sobre o *paradoxo do observador*, pois, os nossos resultados apontaram que é o entrevistador quem modifica a sua fala em função da fala do informante. Enfim, embora o teste de correlação entre o uso médio da fala dos entrevistadores e dos falantes não aponte direcionalidade, nos testes de correlação individuais das entrevistas analisadas pudemos demonstrar que a direcionalidade é do falante para as entrevistadoras, e não o contrário.

6.4 VARIÁVEIS ESTATISTICAMENTE RELEVANTES

Tendo visto que as ocorrências dos pronomes de segunda pessoa na amostra do PORTVIX refletem um uso relativamente independentemente da fala dos entrevistados, submetemos os dados em contextos variáveis e obtivemos os resultados que passamos a relatar:

Nesta parte de análise, evidenciaremos as variáveis que foram selecionadas pelo programa GOLDVARB X como estatisticamente relevantes, quais sejam: a faixa etária, o gênero, o grau de escolaridade e o aspecto sintático.

6.4.1 Sobre a faixa etária

Tabela 23 - Efeito da faixa etária do falante no uso do pronome *você* vs. *cê* na amostra do PORTVIX.

Faixa etária	Frequência absoluta de você	Total das formas você e cê	Percentual da forma você	Peso relativo dos fatores
7 a 14 anos	113	130	86,90%	0,547
15 a 25 anos	450	689	65,30%	0,310
26 a 49 anos	140	320	43,80%	0,164
Mais de 49 anos	647	680	95,10%	0,823
Total	1350	1819	74,20%	

Conforme podemos observar nos dados anteriores, da tabela 23, as faixas etárias de falantes entre 7 e 14 anos e com mais de 49 anos são os que mais favorecem o uso de *você*. Por outro lado, os falantes que se encontram entre 15 e 25 anos e entre 26 a 49 anos são os que menos favorecem o pronome *você*, especialmente os falantes de 26 a 49 anos.

Os falantes das faixas etárias intermediárias (15-25 e 26-49) desfavorecem o uso de *você* e favorecem o uso de *cê*, conforme nos apontam os números percentuais e relativos: 65,3%, com peso relativo de 0.31 para os que estão inseridos na idade de 15-25 anos, e 43,8% com peso relativo de 0,164 para os de idade entre 26-49 anos. A frequência de uso entre os mais jovens é de 86,9%, com peso relativo de 0,547, e dos mais velhos corresponde a 95,1%, com peso relativo de 0,823. Essas duas faixas etárias estão bem acima da média global 74,2%, conforme aponta o gráfico 8, da página seguinte.

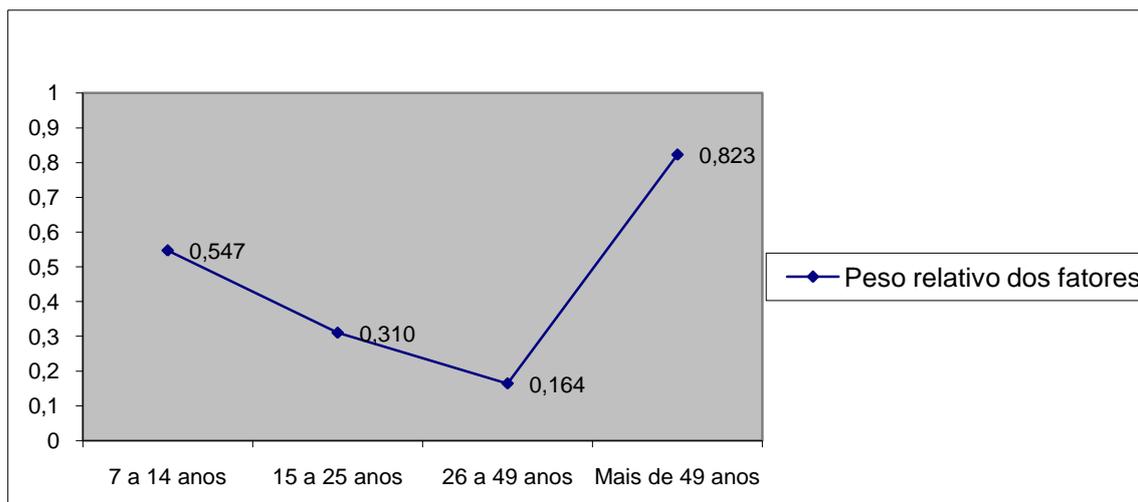


Gráfico 8 - Efeito da faixa etária do falante no uso do pronome *você* vs. *cê* na amostra do PORTVIX

Conforme podemos visualizar no gráfico 8, a faixa etária revela elevado uso de significância estatística para a faixa etária, que exhibe curva de reversão de mudança: a faixa etária acima de 49 anos favorece *você* (peso relativo 0,823); a de 26-49 desfavorece essa forma (peso relativo de 0,164), mudança em direção ao pronome *cê*; a de 15-25 anos revela início de reversão da mudança (peso relativo de 0,310 para *você*) e a de 7-14 anos exhibe aumento de reversão (peso relativo de 0,547 para *você*). Além disso, dos 17 casos do pronome *ocê*, 15 estão nos dados da faixa etária 25-49, que indicava mudança em relação à forma *cê*; os outros 2 estão na faixa 15-25. A faixa etária mais velha e a mais nova não apresentam a forma *ocê*.

Esse resultado do PORTVIX nos mostra que entre os mais jovens e os mais idosos é forte a frequência de uso de *você* na fala de Vitória, fato que pode nos remeter ao estudo pioneiro de Labov, sobre os falantes da ilha de Martha's Vineyard, no qual o autor aponta que houve reversão dos ditongos centralizados, conforme vimos no capítulo 3, p. 54, desta presente pesquisa.

Como dissemos no capítulo 4, p.56, a ilha de Vitória é uma cidade que recebe muitos turistas e com o advento de grandes empresas, como a Companhia Vale do Rio Doce e a Arcelor Mittal Tubarão, houve um aumento de pessoas vindas de outros estados e países, conforme dados demográficos do IBGE referente ao último Censo de Vitória. De acordo com os dados, é o estado de Minas Gerais que apresenta um maior índice de imigração no estado do Espírito Santo, pois há um contingente de 29.095 imigrantes, o que corresponde a 43,7% do total de imigrantes, conforme podemos verificar na tabela 24:

Tabela 24 - Imigrantes externos por local de nascimento – 2000

MG	BA	RJ	SP	Demais estados	Outros países	Total
29.095	10.460	12.383	4.340	8.820	1.477	66.575
43.7%	15.7%	18.6%	6.5%	13.2%	2.2%	

Segundo informações obtidas por pesquisa encomendada pelo Governo do Estado do Espírito Santo, pela Setur (Secretaria de Estado de Turismo) e pelo Sebrae (Serviço Brasileiro de apoio a Micro e Pequenas Empresas) por meio da *Futura Pesquisa* (<http://www.futuranet.ws/>), a qual realizou um estudo denominado “Pesquisa de Turismo Receptivo na Região Metropolitana de Vitória”, no ano de 2008, com a intenção de avaliar o fluxo de turistas na alta temporada, temos como resultado as tabelas 25 e 26:

Tabela 25 - Fluxo turístico em Vitória por indivíduo

Ano 2005	Ano 2006	Ano 2007	Ano 2008
97.864	143.341	131.756	118.550

Tabela 26 - Fluxo turístico por Estado de origem

Estado	2005	2006	2007	2008
Minas Gerais	32,11	38,44	33,67	34,28
Espírito Santo	22,63	23,92	26,28	27,93
Rio de Janeiro	22,02	13,44	16,87	16,01
São Paulo	9,17	-	7,41	5,48
Bahia	1,83	4,84	3,39	5,29
Distrito Federal	1,22	3,76	5,38	1,52
Paraná	1,22	1,08	0,55	1,15
Outros	2,46	10,75	5,01	0,87
NS/NR	-	-	-	0,24
TOTAL	100%	100%	100%	100%
Número de entrevistados	327	372	346	420

Os resultados da pesquisa feita pela Empresa *Futura* também confirmam que o Estado de Minas Gerais é aquele que apresenta um maior contingente de turistas na Região Metropolitana de Vitória.

Segundo Ramos (1997, p. 46), em seus estudos feitos em *corpus* de fala mineira, a distribuição das formas *você*, *ocê* e *cê* é de 33%, 13% e 55% respectivamente. Esse resultado aponta para uma alta frequência do item *cê* em Minas Gerais. Como nos afirma Labov, a língua é um fator de identidade social. Em Vitória a mudança caminhava para o pronome *cê* (0,823 para 0,164) nas faixas etárias mais velhas. Entretanto começa a reverter o processo na faixa etária 15-25 anos (0,310) e isso se acrescenta na faixa 7-14 anos (0,547). Assim, os falantes de Vitória, a exemplo do que ocorreu na ilha de Martha's Vineyard, provavelmente estão intensificando o uso da forma *você* como elemento de afirmação social e cultural, como se tivessem a intenção de diferenciar-se linguisticamente dos mineiros, que chegam às praias capixabas na estação de veraneio. Estudos futuros poderão avaliar a interpretação do que aqui se apresenta.

6.4.2 Sobre o gênero

Tabela 27 - Efeito do gênero do falante no uso do pronome *você* vs o pronome *cê* na amostra do PORTVIX

Gênero	Frequência de <i>você</i>	Total das formas <i>você</i> e <i>cê</i>	Percentual da forma <i>você</i>	Peso relativo dos fatores
Feminino	511	643	79,50%	0,558
Masculino	839	1176	71,30%	0,468
Total	1350	1819	74,20%	

O resultado da tabela 27 mostra que o gênero feminino favorece um pouco mais a forma *você*. A frequência de uso de *você* entre os falantes do gênero feminino é de 79,5%. Os homens, por sua vez, usam esse pronome com uma frequência de 71,3%. O peso relativo para as mulheres corresponde a 0,558, e o dos homens corresponde a 0,468. O gênero feminino encontra-se acima da média global e o masculino, abaixo dessa média. Embora o gênero não seja uma variável de efeito forte (a diferença entre os pesos relativos é de apenas 9 pontos), essa diferença foi considerada estatisticamente significativa pelo programa GOLDVARB.

Observemos, na tabela 28 (Fala Casual) que os resultados apresentados na tabela 27 (PORTVIX) também são confirmados na Fala Casual, ou seja, o pronome *você* é favorecido pelo gênero feminino em 0,628 em peso relativo e desfavorecido pelo gênero masculino em

0,334. Verificamos, contudo, que a amostra do PORTVIX apresenta diferença de pesos relativos de fatores mais equilibrados, uma vez que na Fala Casual a diferença entre os pesos relativos é quase o dobro entre os dois gêneros.

A Fala Casual 1 e a Fala casual 2 foram analisadas conjuntamente, mas é pertinente explicar que a Fala Casual 1 é composta mais de homens, a saber: 4 homens e 1 mulher. É exatamente isso que nos leva a crer que seja de explicação para o baixo índice de *você* na amostra Casual 1, uma vez que, segundo Labov (1990, p. 215) “ nas mudanças abaixo do nível de consciência as mulheres são mais frequentemente as inovadoras”.

Tabela 28 - Efeito do gênero do falante no uso do pronome *você* vs o pronome *cê* na amostra da Fala Casual

Gênero	Frequência de você	Total das formas <i>você</i> e <i>cê</i>	Percentual da forma <i>você</i>	Peso relativo dos fatores
Feminino	97	153	63,4%	0,628
Masculino	41	116	35,3%	0,334
Total	138	269	51,3%	

É interessante ressaltar que, ao fazermos a tabela de correlação falantes/entrevistador, constatamos que os percentuais abaixo de 50% com relação ao uso de *você* ocorreram, de fato, com falantes homens (informantes das células 14, 13, 42 e 16), ou seja, os homens usam mais a forma *cê* que as mulheres, conforme pode ser visto nos resultados da tabela 29:

Tabela 29 - Distribuição percentual entre quatro falantes homens e entrevistadores

Nº da entrevista	% falantes	% médio entrevistadores
14	12,00%	27,30%
13	20,00%	27%
42	20,00%	17,80%
16	37,50%	26,65%

6.4.3 Sobre a escolaridade

Tabela 30 - Efeito da escolaridade do falante no uso do pronome *você* vs *cê* na amostra do PORTVIX

Escolaridade	Frequência de você	Total das formas você e CE	Percentual da forma você	Peso relativo dos fatores
Fundamental	617	791	78%	0,523
Universitário	733	1028	71,30%	0,459
Total	1350	1819	74,20%	

Em Vitória, de acordo com os dados da tabela 30, embora a diferença seja pequena, é o ensino fundamental que favorece o uso da forma *você*, haja vista o percentual apresentado de 78% com peso relativo de 0,523 ser um resultado superior ao do ensino universitário. Em contrapartida, o ensino universitário, comparado ao ensino fundamental, desfavorece o uso de *você* e favorece o uso de *cê*, conforme apontam os resultados apresentados para o grau universitário, ou seja, 71,3% com peso relativo de 0,459.

Os dados da tabela 30 indicam que, quanto maior é o nível de escolaridade do informante, maior é a opção pelo pronome não-padrão *cê*, contrariando a nossa expectativa inicial. Além disso, assim como ocorreu com o efeito do gênero, houve pouca polarização da variável, a diferença é de 0,064 pontos percentuais, embora seja estatisticamente significativa.

Vejam os dois exemplos contextuais: no primeiro, a transcrição oral de um entrevistado universitário e, no segundo, de um informante do ensino fundamental. Veremos que o falante do nível universitário transita entre as duas variantes e o do nível fundamental não varia tanto as formas.

Entrevista 13 – universitário:

Neste segmento o falante dirige-se aos dois documentadores para tecer comentários acerca do tipo de pilha usada no aparelho de gravação:

Informante: *A/alca/ A:: a alcalina ela dura mais né ... só isso ... por porque ela é mais cara ... a parte dela ela tem uma parte química dentro CÊ sabe né que ela não é química a QUÍmica dela é feita pra ela durar mais*

Entrevistador 1: *Mais TANTo mais assim MESmo?(ininteligível).*

Informante:: *é: bem mais né... se fizer um teste com uma alcalina e uma normal a normal dura bem menos assim ... CÊ pode gravar uma hora com a /alca/a:: com a normal e coma alcalina se grava duas ... dura bem mais*

[...]

Informante: *seria mais fácil se VOCÊS conseguirem / adap/ adaptador CÊS iam ver economizar muito mais que a pilha ... que um adaptador desses deve se no máximo cinco reais ... uma pilha :: duração dessa aí é seis ...*

Entrevista 19 – Ensino Fundamental:

Nesse excerto da fala, a informante conversa com as documentadoras, emitindo sua opinião sobre a questão da mulher saber cozinhar e ao final faz uma pergunta para elas:

Informante – *eu acho: ... eu acho que toda mulher é que hoje a vi:da ... é: tem empregadas né? que a pessoa tiver condição pagar uma empregada e tudo né? tem li:vros ... de receita né? ... VOCÊ pode comprar, coisa e tal, mas não tem VOCÊ casar: né? E fazer aquela comida por VOCÊ mesma, esse negócio de receita né? ... e é tão bom quando né? a o cativar o marido ... né? com aquelas comidinha VOCÊS que são solteira né? (risos) casar né? ... fazer aquelas novidade não tem marido que não fica doidão assim né (risos) por causa da comida eu tenho um amigo que ele dizia assim: olha minha mulher me pegou por cau/pela boca ... porque eu nunca vi cozinhar, igual VOCÊ Z., ele dizia, ele vinha muito aqui, quando ele vinha muito, agora ele parou, até porque ele mora muito longe quase não vem aqui; aí: ele falava assim: a mulher pegou, me pegou pelo: pela boca porque eu nu:nca vi tanto capricho saber cozinhar tão bem e a coisa que ele mais admirava numa moça... era saber cozinhar ... e casou certinho, ele disse, é igual VOCÊ: dedica:da na cozinha, dedica:da na comida assim muito bem feito sabe fazer de tudo ... e sou muito feliz ... porque: casei com uma moça assim ... então é bom: DA mais VOCÊS. têm que aprender cozinhar, VOCÊS sabe cozinhar?*

6.5 VARIÁVEL LINGUÍSTICA ESTATISTICAMENTE RELEVANTE

6.5.1 Função sintática

Na função sintática foram codificados e testados quatro fatores linguísticos:

- a) Complemento de preposição.

- b) Complemento sem preposição.
- c) Sujeito não precedido pela preposição *para*.
- d) Sujeito precedido pela preposição *para*.

Vejamos os exemplos de cada caso:

1) Complemento de preposição¹ e complemento sem preposição².

Informante: *Olha eu vou dizer uma coisa pra você¹. o que aconteceu com você¹ aconteceu comigo aconteceu com todo mundo... nós nascemos... sem saber nada... então... quando você começou a sua idadezinha a sua mãe foi começando a educar num é isso?... foi o primário e vo/e você a primeira palavra que você falou foi mamãe ou papai...você entendeu? a primeira palavra que você fez na sua vida quando você nasceu foi mamãe e papai é as duas palavras que você fala...*

Informante: *a :: sim é :: /sup/ supertições né algumas coisa desse tipo NOssa minha vó contava diRETO esses negócio eu lembro assim que mais marcava ela falava que /ti/ que dia da tava chuVEN::do se cê deixasse a janela /aber/ ABER::ta em frente ao /es/esPELHO o raio ia enTRAR:: e bater no esPELHO a viagem dela NAdA vê ai o espelho BATIA ia pegar em alGUÉM :: ficar sem BLUsa ou então ficar descalço PERTo da janela o dia que tá chovendo vai :: o trovão vai vir e vai pegar VOCÊ NO::SSA senhora²*

2) Sujeito não precedido da preposição *para*:

Exemplo 1:

Entrevistador: *Você:: costuma assistir televisão.*

Entrevistador: *Cê já estudou em outras escolas? Ou só essa?*

Exemplo 2:

Informante: *minha mãe fala assim “ minha filha quando VOCÊ crescer o quê que VOCÊ vai ser na vida?”.*

Informante: *hoje...assim... hoje eu/ a menina chegou assim na bola na queimada e tacô bem aqui ni mim aí eu falei assim... CÊ tá ferrada...*

3) Sujeito precedido da preposição *para*:

Exemplo 1:

Informante: *assim pra você desligar o fogão tem que virar e apertar o botão.*

Exemplo 2:

Informante: *agora se eu ver que ele tá querendo largar o estudo... pra trabalhar, também eu não vou deixar... até uma certa idade depois de certa idade não tem ma não tem nem mais jeito.*

Entrevistador: *É, aí da*

Informante: *Só Deus é terrível agora se ele... querer lá chegar a ponto querer largar o estudo pra poder trabalhar eu já dou eu já vou dar conselho ele: “não faça isso! estuda primeiro! Estuda pra cê ter um grau maior de... de de de est de conhecimento.*

Podemos ver todas as funções na tabela 31, com todos os dados:

Tabela 31 - Distribuição de todos os dados pela função sintática da amostra do PORTVIX

	Você	Cê	Total
Complemento de preposição	103 100%	Ø	103
Complemento sem preposição	8 100%	Ø	8
Sujeito não precedido da preposição <i>para</i>	1312 73,5%	472 26,5%	1784
Sujeito precedido da preposição <i>para</i>	44 95,6%	2 4,3%	46
Casos duvidosos	10 77%	3 23%	13

Codificamos separadamente os sujeitos não precedidos da preposição *para* e os sujeitos precedido da preposição *para*, pois tínhamos alguns casos envolvendo complemento de preposição e complemento sem preposição. No resultado, verificamos efeito categórico

positivo para o uso de *você* nas funções de objeto direto e objeto indireto, pois não houve nenhuma ocorrência do item *cê* nessa função sintática.

Dessa forma, excluimos os casos das duas funções citadas para a análise de pesos relativos, e executamos uma rodada de *você* e *cê* apenas na função de sujeito não precedido da preposição *para* e na função de sujeito precedido da preposição *para*. Os resultados aparecem na tabela 32:

Tabela 32 - Efeito do tipo de sujeito no uso do pronome *você* vs *cê* na amostra do PORTVIX

Função sintática	Frequência de você	Total das formas você e CE	Percentual da forma você	Peso relativo dos fatores
Sujeito não precedido da preposição <i>para</i>	1306	1773	73,70%	0,487
Sujeito precedido da preposição <i>para</i>	44	46	95,70%	0,879
Total	1350	1819	74,20%	

Embora o número de dados de sujeito precedido da preposição *para* seja pequeno, este contexto favorece mais o pronome *você* do que o contexto de sujeito não precedido pela preposição *para*. Podemos verificar que o efeito de sujeito precedido da preposição *para*, de acordo com a tabela 32, confirma esse favorecimento, pois de 46 casos dos pronomes *você* e *cê*, 44 são de ocorrência de *você*, apontando um percentual de 95,70%, com peso relativo de 0,879, altamente significativo. O pronome *você* como sujeito não precedido da preposição *para* apresenta um resultado de 73,70%, com peso relativo de 0,487. A diferença entre os pesos relativos dos pronomes *você* (0,487) e *cê* (0,879) é de 0,392 pontos, portanto, trata-se de uma ampla diferença entre o efeito dos dois fatores em jogo.

O trabalho de Ramos (1997, p. 47), no qual a autora analisa o comportamento de alternância entre as variantes *você*, *ocê* e *cê* em dados de Minas Gerais, a autora afirma que a posição de sujeito é a única em que as três variantes ocorrem, entretanto a autora não indica o tipo de sujeito a que ela se refere. A linguista acrescenta, ainda, que *cê* não aparece na posição de objeto de preposição, nem na posição de complemento de verbo.

Nos dados analisados do PORTVIX também constatamos que a forma *cê* é categórica de forma negativa, no sentido de não ter sido identificada nenhuma ocorrência desse elemento como objeto de verbo (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, adjunto adverbial e adjunto adnominal).

6.5.2 Sobre o forma *cê*

De acordo com a proposta de Vitral (1996), o item *cê* passa por uma das etapas da gramaticalização: a cliticização

O autor analisa a forma *cê*, evidenciando essa possibilidade pelo fato de se ter como referência o pronome lexical *Vossa Mercê*, que se apresenta atualmente como forma gramatical. Vitral mostra os seguintes estágios para a forma *cê*:

Item lexical: *Vossa Mercê* > item gramatical: *você* > clítico: *cê* > afixo flexional.

Sobre a ordem proposta por Vitral, podemos demonstrar a gramaticalização do item:

Item lexical > *vossa mercê* (variante *vosmecê* e outras) > item gramatical forma pronominal *você* (variante *ocê*) > clítico *cê*.

Esse processo de gramaticalização, que implica perda de substância fônica, é perceptível tanto na evolução de *Vossa Mercê* > *você* como na evolução de *você* > *cê*. Os clíticos são formas dependentes e não têm autonomia prosódica, por isso não aparecem sozinhos, motivo por que se apóiam em palavras que os acompanham. Assim, os clíticos no português brasileiro dependem de um hospedeiro e não ocorrem sem um elemento à direita. Essa dependência pode ser fonológica e/ou sintática. Na opinião de Vitral (2002), a dependência de *cê* é sintática, tanto que considera que o item sofreu redução fonológica de *você*. Este se tornou um item gramatical com o passar dos tempos e, por isso, sofreu enfraquecimento do significado em sua forma fonológica. Dessa forma, *cê* é um clítico do pronome *você*, uma forma gramatical que depende de um elemento hospedeiro. Os clíticos, no português brasileiro, ocorrem sempre antes do verbo; no português europeu, ocorrem de modo contrário. Assim, para os itens *você*, *ocê* no sintagma nominal na posição pré-verbal não há restrição de

ocorrência, entretanto essa situação não se aplica para o uso da forma *cê*, pois, dependendo do lugar ocupado por essa forma, a frase fica agramatical.

Vejamos os exemplos²⁴, alguns retirados dos *corpora* desta pesquisa, que podem atestar a reflexão anterior, no sentido de se afirmar que *você* e *ocê* transitam em qualquer situação, e, por isso, podem ocupar lugar tanto antes como depois do verbo. Já a forma *cê*, que se encontra em processo de cliticização, como postulam Vitral e Ramos, possui restrição de uso e só aparece em posições específicas.

1) Não pode ocorrer depois de preposição, pois essa ambiência é propícia de formas tônicas:

a) Informante: *Que eu mais gostei quando eu fui pra Fortaleza com meu pai e a minha tia já te falei acho **pra você**, nos fomos pra São Paulo de Vitória pra São Paulo e lá compramos uma Camionete e famo embora lá pra lá pra Fortaleza.*

b) *já te falei acho **pra ocê** (**pro`cê**).*

c) * *já te falei acho **pra cê**.*

2) Não pode ser modificada por um advérbio:

a) Entrevistador: *e:: **você** tem... é sua irmã:: **ela** estuda também:: **ou**:: **só você aqui?***

b): ***ou**:: **só ocê aqui?***

c) * ***ou**:: **só cê aqui?***

3) Não pode ser dado ênfase ou foco na forma *cê*:

a) Informante: ***Aí.. sabe você**...quanto era a verba?*

b) ***Aí sabe ocê** quanto era a verba?*

²⁴ Cabe esclarecer que os dados assinalados pela numeração 1, 2, 3, 4 e 5, todos relativos ao pronome *você*, são dados reais, retirados dos *corpora*, e os dados entre parênteses relativos aos dados *ocê* e *cê* são hipotéticos.

c) * *Aí sabe cê quanto era a verba?*

4) *cê* não pode ocorrer na função de item topicalizado como uma resposta isolada, pois a atonicidade não permite essa construção:

a) Entrevistador: *Quem pulou no Vital?*

Informante: **Você** (risos)

Entrevistador: *Eu não* (risos).

Entrevistador: *e você fica em algum blo::co ou você::*

Informante: *não, eu fico na muvuca* (risos) *só* (ininteligível) *eu fiquei na arquibancada fiquei na arquibancada e papai ia comprar camarote* (ininteligível)

b) Entrevistador: *Quem pulou no Vital?*

Informante: **ocê** (risos)

c) Entrevistador: *Quem pulou no Vital?*

* Informante: **cê** (risos)

5) Não pode ser topicalizado:

a) Entrevistador: *E como era assim a sua vida antes da conversão* (falando sobre a Igreja Evangélica), **você, ela** (referindo-se à mãe da informante) *acha que... quais era as diferenças de antes de depois que mudou.*

b) **ocê, ela** (referindo-se à mãe da informante) *acha que...*

c) ***cê, ela** (referindo-se à mãe da informante) *acha que...*

Segundo Vitral e Ramos, a agramaticalidade de *cê* em ambientes nos quais outros clíticos não são aceitos no português brasileiro comprovaria a adoção de *cê* como um novo clítico. De fato, a forma *cê* não ocorre em todos os ambientes, conforme pôde ser visto nos exemplos anteriores. Em todos os casos teóricos de Vitral, o *cê* comporta-se como um clítico, visto que é pré-requisito para um clítico necessitar de um outro elemento como hospedeiro. Dessa forma, o elemento *cê*, naqueles contextos, tem restrição de ocorrência, pois não houve um

elemento no qual esse item pudesse se escorar. No nosso *corpus*, mesmo aparecendo nas orações de sujeito precedido da preposição *para*, onde ocorre um hospedeiro (verbo+oração), ainda assim a forma *cê* foi inibida, não foi uma situação recorrente, conforme se comprova no *corpus*, na tabela 33, pois de quarenta e seis ocorrências apenas em duas situações foi identificada a presença desse item.

Tabela 33 - Efeito do sujeito precedido da preposição *para* em relação à forma *você* no PORTVIX

Função sintática	Frequência de você	Total das formas você e CE	Percentual da forma você
Sujeito precedido da preposição <i>para</i>	44	46	95,7%

São elas:

Informante: *Estuda pra cê têr um grau maior de... de de de est de conhecimento.*

Informante: *Pra cê vê, né?*

A ausência de *cê* como complemento de preposição, como vimos na tabela 31, p. 107, está conforme as previsões de Ramos e Vitral e também em consonância com os resultados de Andrade (2004) para os dados de Brasília. Temos, dessa forma, evidências também no nosso trabalho do processo de cliticização do pronome *cê*.

6.5.3 Alternância *te* e *você*

Cabe ressaltar que controlamos o item *te* a fim de demonstrar a ocorrência desse elemento como objeto de verbo alternando com a forma *você*. A forma *te* ocorre, em alguns casos, como preposição abstrata, pois *te* ocorre sempre antes do verbo, por exemplo:

a) Como elemento de preposição (verbos transitivos indiretos):

Entrevistador: *Você conhece alguma len::da assim capixaba? Ou alguma lenda assim? que alguém tenha te conta::do* (= que alguém tenha contado para você?).

Entrevistador: *já te ofereceram DROgas?(= oferecem para você).*

Informante: *Você passa / você passa na rua assim:: tem vezes que você passa num lugar assim... onde eles esTÃO... aí eles **te ofeREcem**. (=oferecem para você - drogas).*

b) Como elemento sem preposição (verbos transitivos diretos):

Entrevistador: *não... mais a gente queria que viesse de você ... a gente não queria **te invadir** assim... pra gente num **te pegar** de surpresa assim... eu queria **te deixar**... assim que você *contasse* (= invadir você, pegar você, deixar você).*

Informante: *hoje... assim... hoje eu/ a menina chegou assim na bola na queimada e tacô bem aqui ni mim aí eu falei assim... cê tá ferrada... eu vou **te queimar** (queimar você).*

Vejamos a tabela 34:

Tabela 34 - Efeito do tipo de verbo no uso de *você* vs. *te* na fala dos falantes do PORTVIX

Fatores	Frequência de você	Total das formas você e te	Percentual da forma você	Peso relativo dos fatores
Verbo Transitivo Indireto	96	124	77,42%	0,679
Verbo Transitivo Direto	7	43	16,28%	0,104
Total	103	167	61,68%	

De acordo com a tabela 34, o pronome *você* no contexto de transitivo indireto é mais frequente do que no contexto de objeto direto. Além disso, a transitividade indireta favorece o uso desse pronome *você* e desfavorece o uso de *te*, ou seja, consistentemente o complemento de preposição tende mesmo a favorecer o pronome *você*.

Conforme apontam os resultados, do total das formas *você* e *te*, a forma *você*, na função de objeto indireto, ocorre com o percentual de 77,42%. Encontra-se um pouco acima da média global de 61,68% e com peso relativo de 0,679. Verificamos que dos 43 casos entre *você* e *te* há somente a ocorrência de 7 casos de *você* com transitividade direta, o que demonstra desfavorecimento do uso do pronome *você* nessa função, conforme apontam os dados da

tabela 34: 16,28%, com peso relativo de 0,104. Já complementarmente a forma *te* é mais favorecida como objeto direto e menos favorecida como objeto indireto.

7 COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS DO PORTVIX E DA FALA CASUAL COM OS DADOS DE PESQUISAS FEITAS NO BRASIL

Na tabela 35, apresentaremos pesquisas realizadas em vários pontos do Brasil com os pronomes *você*, *ocê* e *cê*, com todas as funções. Cabe esclarecer que optamos por não inserir os dados da Fala Casual nesta tabela, uma vez que a comparação aqui busca apresentar apenas as pesquisas cujos *corpora* foram elaborados em contextos de entrevista, assim como ocorreu com o PORTVIX. Esse procedimento tem como objetivo comparar *corpora* que se assemelham uns aos outros. Dessa forma, a Fala Casual será comparada, mais adiante, com os resultados obtidos por Paredes (1998), em função de aquela pesquisa possuir um *corpus* mais semelhante ao da Fala Casual.

Tabela 35 - Comparação entre as frequências de uso das formas *você*, *ocê* e *cê*, com todas as funções, em função da localidade geográfica dos falantes e dos entrevistadores - Confronto entre pesquisas realizadas em vários pontos do Brasil²⁵

		Você	Cê	Ocê	
1	Ramos (1997) BeloHorizonte	33% (112/342)	55% (189/342)	13% (41/342)	Falantes de diversas faixas etárias
		44% (14/32)	50% (16/32)	6% (2/32)	Área rural - Falantes de 10-14 anos
2	Andrade (2004) (Brasília)	63% (57/90)	31% (28/90)	6% (5/90)	Área urbana- Falantes de 10-14 anos
		71% (602/843)	27% (226/843)	2% (15/843)	Entrevistadora de 25 anos à época, natural do Rio de Janeiro, há 19 anos em Brasília
3	Coelho (1999) São Francisco	28% (107/388)	57% (220/388)	16% (61/388)	Área urbana – São Francisco/ Norte de Minas
		8% (18/234)	58% (135/234)	35% (81/234)	Área rural – São Francisco/ Norte de Minas
4	Gonçalves (2008) Arcos	38% (87/227)	48% (108/227)	14% (32/227)	Área urbana – Arcos/Centro-Oeste de Minas
		9% (26/283)	60% (169/283)	31% (88/283)	Área rural – Arcos/Centro-Oeste de Minas
5	PORTVIX (2000) Vitória	75% (1477/1971)	24% (477/1971)	1% (17/1971)	PORTVIX – Falantes
		76% (1793/2363)	23% (566/2363)	1% (4/2363)	PORTVIX – Entrevistadores

²⁵ Os dados da tabela 35 foram transcritos da apresentação intitulada *Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro*, dos autores Scherre *et al* no II SIMELP (Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa), com exceção dos dados do PORTVIX.

Conforme podemos verificar, na tabela 35, os resultados envolvendo o estado de Minas Gerais aproximam-se, visto que os dados dos autores Ramos, Coelho e Gonçalves apontam o item *cê* com uma maior frequência de uso, representado por 55% em Ramos, na capital Belo Horizonte; em Coelho, na cidade de São Francisco, norte de Minas, 57% na área urbana e 58% na área rural; e em Gonçalves, no município de Arcos, 48% na área urbana e 60% na área rural. Com esses dados, podemos afirmar que o sistema de segunda pessoa produzido em Vitória é mesmo diferente daquele usado pelos mineiros. Em Vitória, a maior frequência de uso se dá com a forma *você*, como atestam os resultados: 75% para falantes e 76% para entrevistadores. Ainda tomando como base a tabela exposta, podemos dizer que Vitória aproxima-se de Brasília, de acordo com os resultados da forma *você* em Andrade, 71% para a entrevistadora (25 anos), natural do Rio de Janeiro, mas radicada em Brasília há 19 anos, à época da pesquisa, e na área urbana 63%.

Na tabela 35, p. 116, apresentamos os pronomes *você*, *ocê* e *cê* com todas as funções. Na tabela 36 estes serão apresentados exclusivamente na posição de sujeito.

Tabela 36 - Comparação da distribuição de *você*, *ocê* e *cê* na posição de sujeito em função da localidade geográfica

		Você	ocê	Cê
1	Ramos (BH) (1997)	30% (96/322)	12% (38/322)	58% (188/322)
2	Coelho (Norte de MG) (1999)	18% (101/569)	21% (120/569)	61% (348/569)
3	Andrade (Brasília)(2004)	70% (680/977)	2% (23/977)	28% (274/977)
4	Gonçalves (Arcos – MG) (2008)	21% (94/451)	19% (88/451)	60% (269/451)
5	PORTVIX (Vitória) (2000)	76% (3328/4393)	0,5% (22/4393)	23,50% (1043/4393)

Conforme evidenciam os resultados da tabela 36, temos a predominância da forma *você* na posição de sujeito nos dados do PORTVIX (76%) e nos dados de Andrade, em Brasília (70%). Portanto, pode-se dizer que a forma mais recorrente como sujeito nestas duas cidades, é a forma *você*.

Já em Ramos, em Belo Horizonte, o item *cê*, na mesma função sintática, é a mais frequente, assim como em Coelho, no norte de Minas, em São Francisco (61%) e também em Gonçalves, em Arcos (MG), também é essa forma a que mais ocorre (60%). Entre os resultados apurados, em Vitória a forma *cê* ocorre 23,5%, apontando para a menor frequência de ocorrência.

Com relação ao pronome *ocê*, se comparado às formas *você* e *cê*, temos: menos ocorrência de *ocê* (12%) em Belo Horizonte (*você* 30% e *cê* 58%). Na cidade de Arcos (MG) a forma *ocê* (19%) também ocorre menos (*você* 21% e *cê* 60%). Assim como ocorre em Belo Horizonte e em Arcos, conforme os resultados da tabela 36 mostram que há menos ocorrência da forma *ocê* (2%) em Brasília (*você* 70% e *cê* 28%); em Vitória o pronome *ocê* (5%) apresenta-se também com menos ocorrência (*você* 76% e *cê* 23,5%). Embora Belo Horizonte e Arcos apresentem uma produtividade mais baixa da forma *ocê*, podemos verificar que Brasília e Vitória revelam uma baixíssima produtividade desse pronome. No Norte de Minas a forma *ocê* aumenta um pouco em relação ao pronome *você* e diminui muito em relação à forma *cê*.

7.1 COMPARAÇÃO DA GRAVAÇÃO CASUAL COM O ESTUDO FEITO POR PAREDES

Tabela 37 - Distribuição dos dados apresentados por Paredes (1998, p. 128)

Você	75/236	32%
Cê	89/236	38%
Zero	72/236	30%
Total	236	100%

Como explicado anteriormente, os resultados principais da nossa pesquisa expressos em pesos relativos são em relação às variantes binárias, *você* e *cê*. Em decorrência desse aspecto em particular, e a fim de compararmos nossos resultados com o de Paredes (1998, p. 128), procedemos da seguinte forma: retiramos os zeros dos resultados apresentados no trabalho da autora (tabela 37), e encontramos os seguintes dados apresentados na tabela 38:

Tabela 38 - Distribuição dos dados apresentados por Paredes (1998, p. 128), retirados os casos de zeros

Paredes	
Você	$75/164 = 45,7\%$
Cê	$89/164 = 54,3\%$

Esse procedimento resultou em um total de 164 dados totais, sendo 75 de *você* com porcentagem equivalendo a 45,7% e 89 casos de *cê*, com porcentagem de 54,3%.

Como explicado anteriormente, os dados de Paredes (1998) foram constituídos de interações orais e foram efetuados em ambientes tais como restaurante universitário, alojamento de estudantes, sala de professores de uma escola, entre outros. As gravações não seguiram os moldes das entrevistas labovianas. Portanto, achamos pertinente comparar os resultados de Paredes (1998) não com os dados do PORTVIX e sim com os dados da Fala Casual, porque, no que tange à espontaneidade, a Fala Casual se configura em um *corpus* mais próximo ao usado por Paredes.

Para tanto, tivemos o cuidado de retirar da Fala Casual os casos de referência genérica, assim como o fez a autora em seus dados, pois entendemos que seria pertinente aproximar os tipos de ocorrências entre os *corpora* para que ficassem equiparáveis. Assim como procedemos na tabela de resultado de Paredes, na qual retiramos os zeros, também os retiramos da nossa rodada.

Apresentamos na tabela 39 os nossos resultados da Fala Casual em comparação com os de Paredes:

Tabela 39 - Comparação entre as formas *você* e *cê* no *corpus* de Paredes (Rio de Janeiro) e na Fala Casual (Vitória)

	Você	Cê
Paredes (Rio de Janeiro)	$75/164 = 45,7\%$	$89/164 = 54,3\%$
Fala casual (Vitória)	$110/207 = 53,1\%$	$97/207 = 46,9\%$

Como podemos observar, na comparação entre Rio de Janeiro e Vitória, o item *você* em Vitória é ainda assim mais produtivo do que no Rio de Janeiro. Os falantes de Vitória têm 7,4% de diferença percentual sobre a fala do carioca, resultado que aponta para um maior uso

da forma *você* na escolha linguística dos moradores de Vitória em relação aos falantes do Rio de Janeiro, em amostras casuais.

Segundo Paredes (1988, p. 127), “a análise de dados de fala na área do Rio de Janeiro tem permitido observar, ao lado do emprego de *você* ou *cê* (e da sua ausência eventual) para tratamento mais íntimo do interlocutor o emprego de *tu*, com verbo na terceira pessoa, num uso claramente distante do padrão”. À mesma conclusão chegou Lopes (2009).

Em Vitória não há a ocorrência do pronome *tu*, embora haja a forma *te* com baixa produtividade, como já vimos no item 6.5.3, p. 112, (alternância *te* e *você*).

7.2 COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS DE PERES (2008) COM O PORTVIX E COM A FALA CASUAL

Peres (2008), em um de seus trabalhos, usa a metodologia de teste avaliativo sobre as formas *você*, *ocê* e *cê* nos dados de fala de Vitória, apontando que a forma *você* é absolutamente aceitável pelos falantes de Vitória, fato ratificado pelos resultados tanto nos dados do PORTVIX como no da Fala Casual. Podemos dizer, ainda, que não se trata apenas de ser uma forma aceitável, mas confirmamos com a nossa pesquisa que essa é a forma mais frequente em Vitória.

Nos dados da Fala Casual não foi encontrada nenhuma ocorrência da forma *ocê*, e, nos do PORTVIX, em um total de 4976 dados, a ocorrência de *ocê* foi bastante baixa, conforme se demonstra na tabela 40, seguida de exemplos encontrados no *corpus*:

Tabela 40 - Distribuição das formas *ocê* e \emptyset de *ocê* nos dados dos falantes e entrevistadores do PORTVIX

	Ocê	Zero de ocê
PORTVIX(Falantes)	17 0,7%	0 0,0%
PORTVIX(entrevistadores)	5 0,2%	1 0,0%

- 1) Informante : *Falei, ó: “Vou trabalhar um ano **procê** de graça*
- 2) Informante: *pro **cê** levantar com a lata de tinta!”*
- 3) Informante: *Aí quando **ocê** chega aqui no quartel de Maruípe, saiu um-sete-um; um-sete-cinco e um-sete-dois, que sou eu. Não vai embora não! Chega lá na frente, encontro com um-sete-três... e vai andando aquele monte de carro, um atrás do outro. Depois aparece um-zero-sete-quatro também, que faz um pouquinho do trajeto... Aí tem o cento e vinte e cinco também, aí fica aquele monte de ônibus na avenida...*
- 4) Informante: *Se **ocê** ficar indo na igreja, **cê** não vai ver... Eu já não tô vendo nem direito... aí **cê** não vê ning (ininteligível) não vê esposa, não vê nada. Ficar indo na igreja... toda semana, aí não!*
- 5) Informante: *Se **ocê** sabê lidá com ele, né?*
- 6) *Se **ocê** vê alguma coisa, **cê** vê passô por cima, faz de conta que não viu nada. Ele até te ajuda.*
- 7) Entrevistador: *Cê tá parada agora porque **ocê** qué...?*
 Informante: *Porque eu quero não. Porque não consegui ainda. Têm três meses já. Entendeu? Que eu tô parada (Falando que está desempregada).*
- 8) Entrevistador: *Se **ocê** pudesse escolhê **cê** ia querê trabalhá em que?*
 Informante: *Ah minha filha qualqué coisa eu pegava. (risos) Até a casa de família eu tava conseguino/ eu queria. Não tinha escolha não.*
- 9) (Comparando o atendimento nos hospitais públicos e nos particulares):
 Entrevistador: (risos) *E **ocê** confia assim que tem o mesmo resultado?*
 Informante: *Eu acho que sim.*
- 10) Entrevistador: *Ah é? E pra fazê exame? Eles oferecem tudo quanto é tipo de exame? Tudo que **ocê** precisá...? Ou tem que realmente pagá pra podê conseguir?*
 Informante: *Não, eles o/ eles oferece sim. Agora tem agora se tivé que pagá, tem exame num faz, né, No, no SUS, né? Tem que pagá, né? Mas eu nunca precisei não.*
- 11) Informante: *Ah eles ligam um monte de coisa, é grande, fala um monte de coisa. Eu acho bonito o salmo 91. Se **cês** tivé uma Bíblia em casa, **cês** pega **ocê** vê os salmo e*
- 12) (Ø de **ocê**) *olha o salmo 91. Ele é muito bonito, o salmo 91.*
- 13) Informante: ***Procê** tê uma idéia, esse curso de soldado que tá seno feito, as pessoas não ganham bem.*
- 14) Informante: *Se **ocê** pegá um/ um promotor de justiça, um membro do ministério público, eles se acham os deuses.*
- 15) Informante: *Programa de policiamento e ação de segurança pública, chamado PROPAZ. Isso/esse PROPAZ ele é composto né de oito istruturas. Uma dessas istruturas é o corredor de segurança. Qual foi a idéia dele? Colocá em pontos de/chamados pontos estratégicos*

corre/é: abrigos pra 160 pulícia. Se ocês perceberam nos corredores de segurança onde eles ficavam. Ficavam um na [Dante Miquelini], que é...

16) Informante: Agora, **procê** tê uma idéia, era pra eu tá no terceiro período no curso de 7

17) Informante: Calcanhar, dói demais, parece que **ocê** tá na ponta de um um ferro assim pisando.

18) Informante: (ininteligível)Vendo/ ouvindo isso na televisão ontem. É:: “Será que **ocê** não tá andando com com ninguém que tava com carga/ de carma pesado, não?”, falando pra (risos) uma fotógrafa, Clodovil falano pra uma fotógrafa.

19) Entrevistador: Aí o médico te deu um livro, e falou o quê **procê**?

20) Informante: Aí eu tinha feito projeto pra ela, eu falei “Olha essas essas medida que **ocê** me deu aqui, tá tudo desencontrada, tudo danada”

21) Informante - Se **ocê** pega um juiz ele se acha todo poderoso...

22) Informante - Calcanhá dói demais parece que **ocê** ta na ponta de um ferro assim pisando

23) Informante – Agora...eu como igual eu falei com **ocê**

24) Informante – Pro **cê** vê vê, né?

Com relação à forma *ocê*, houve uma baixa frequência de uso desse item em nossos dados. Dessa forma, os resultados dos testes perceptuais de Peres (2008) ratificam os nossos. No trabalho da autora, os falantes deveriam dizer se a frase soava normal ou estranha para um falante de Vitória. Vejamos as frases consideradas “estranhas” com a presença da forma *ocê* na posição de sujeito e o respectivo percentual: “*Ocê* vai pra escola/trabalho como? (93,8%); Como é que *ocê* entrou aqui (89,6%); E *ocê* conseguiu fazer o trabalho? (91,7%)” (p. 31), ou seja, de acordo com o teste avaliativo da autora, essa não é uma forma usual em Vitória. Seguindo essa linha de pensamento, podemos ratificar em parte os resultados de Peres, mas não podemos afirmar que a “*comunidade usa a expressão pro`ce, mas não usa a forma ocê; pelo contrário esta é vista como forma negativa pela população*”, pois a autora aponta em seus dados que os falantes de Vitória avaliam a forma *ocê* “estranha” na função de sujeito. Entretanto os exemplos anteriores, encontrados em nosso *corpus*, o PORTVIX, embora a frequência de *ocê* tenha sido baixa, esta ocorreu na maioria das vezes na função de sujeito.

[...] na função de objeto de preposição, a forma ocê é relativamente comum em Vitória, pois foi aceita pela metade dos informantes, o que demonstra que o uso das formas - neste caso ocê – é determinado pela

frequência de uso das expressões em que elas estão inseridas, e não da palavra isolada. Em outras palavras, a comunidade usa a expressão pro`ce, mas não usa a forma ocê; pelo contrário esta é vista como forma negativa pela população (PERES, p. 52).

“Quando as frases com essa forma (ocê, grifo meu) na função de sujeito eram faladas e os informantes diziam que eram estranhas, foi-lhes perguntado quemalaria dessa maneira. As respostas foram estas, em ordem decrescente de ocorrências: “Mineiro”: 18 informantes; “Gente da roça”: 09; “roceiro”: 08; “Gente do interior”: 07; “Analfabeto”: 03; “Caipira”: 02” (PERES, p. 52).

Com relação à forma *cê*, a autora assegura que essa forma é normalmente aceitável na função de sujeito, fato também comprovado em nossos dados.

Nos dados de Peres (2008, p. 50) foi julgada natural a ocorrência *p`cê*, como objeto de preposição, como nos exemplos: *Eu olho ele p`ce* (homem, jovem, contador, residente em Vila Velha), *Eu vou trocar p`ce* (homem, adulto, professor universitário, Vitória). Nos nossos resultados encontramos apenas duas ocorrências de *cê* antecedido de preposição, entretanto a função exercida não era exatamente de objeto de preposição, mas, sim, de sujeito de uma outra oração. Conforme se verifica nos casos abaixo, a forma *cê* aparece depois da preposição *para*. Eis os casos:

Informante: *Só Deus. É terrível. Agora se ele... querer lá chegar a ponto querer largar o estudo pra poder trabalhar, eu já dô... eu já vou dar conselho ele: “Não faça isso! Estuda primeiro! **Estuda pra cê tê um grau maior de... de de de est de conhecimento.***

Informante: *É. Hoje nós temos sedex dez, sedex hoje, temos sedex convencional, né, que... tem um sedex que cê coloca hoje em Vitória(ininteligível) entrega no mesmo dia, quer dizer... sedex dez que no outro dia dez horas da manhã tem que entregar. Se não entregar, cê perde qualidade. Temos feito isso com pouca gente, com pessoa/com pessoal /bem/bem/bem pouquinho, né? que nós era/era/éramos em setenta, caiu pra trinta e cinco. **Pra cê vê, né?***

Os resultados do PORTVIX e da Fala Casual comprovam alguns dados do teste avaliativo efetuado por Peres (2008), enquanto outros não foram possíveis de ser corroborados.

Em se tratando dos nossos dados, a forma *você* é altamente produtiva, fato que confirma os da autora. A forma *ocê*, ratificando Peres, não é um dado usual na fala de Vitória e o item *cê*, embora apareça como objeto de preposição em nossos resultados, ocorre de uma maneira diferenciada daquela apresentada nos dados avaliativos da autora, pois, no caso do PORTVIX, quando aparece a estrutura de *preposição + cê*, ocorre sempre antes de um sujeito seguido de

um verbo, ou seja, há sempre uma restrição. Na Fala Casual não foi identificado caso de *cê* como objeto de preposição.

7.3 VARIÁVEL NÃO SELECIONADA PELO GOLDVARB X

A variável que trata do pronome *você* no aspecto da referência genérica ou específica não foi selecionada pelo programa, mas, mesmo assim, apresentamos, na tabela 41, a seguir, o efeito do tipo de referência no uso da variante, dado o fato da importância desta variável em outras pesquisas, como vimos no capítulo 2.

Conforme nos adverte Guy (2007, p. 185), mesmo que um grupo de fatores “não seja significativo, mesmo assim não seria aconselhável abandoná-lo, sem antes entender porque teve tanta importância em outros lugares [...]”. O autor prossegue explicando que, se um pesquisador iniciasse um estudo sobre o mesmo tema, no caso em tela a forma *você*, provavelmente iria querer testar amplamente os fatores já estabelecidos em outras regiões, neste caso em Vitória. Em vista disso, a investigação sobre essa variável independente, referente ao aspecto semântico (referência específica ou genérica), pelo fato da rodada executada pelo GOLDVARB X não ter apresentado significância, não foi descartada dessa análise, pois, se assim procedêssemos, implicaria, certamente, deixar de prestar informações importantes.

Tabela 41 - Efeito do tipo de referência no uso da variante *você* vs *cê* nos dados dos falantes do PORTVIX. (Variável não selecionada pelo programa)

	Frequência de você	Percentual da forma você	Peso relativo dos fatores
Referência genérica	1048/1403	74,7%	(0,509)
Referência específica	302/416	72,6%	(0,469)
Total	1350/1819	74,2%	

Ao observarmos a tabela 41, podemos verificar que os resultados em termos percentuais são bastantes próximos um do outro, 74,7% para a referência genérica e 72,6% para a específica. Além disso, os pesos relativos são praticamente iguais, pois apresentam uma diferença mínima de 0,04, não estatisticamente significativa; com esse resultado, podemos afirmar o

seguinte: não há entre os falantes de Vitória efeito do tipo de referência no pronome *você* em termos percentuais tampouco em termos de pesos relativos.

Com relação às referências genérica e específica, Ramos (1997, p. 49) aponta que “no que diz respeito à forma *cê* a diferença não é significativa, havendo certa neutralidade em relação ao tipo de referência, respectivamente, 54% e 56%”. Em Vitória, embora a grande maioria dos dados desta pesquisa seja de referência genérica (1403/1819 = 77%), esta variável não revela efeito significativo sobre o maior uso de *você*.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho apresentamos um estudo dos itens *você*, *ocê*, *cê* e *te* falados na cidade de Vitória (ES), embasado no arcabouço teórico da sociolinguística variacionista, tendo como suporte estatístico, para a análise dos dados coletados, o programa computacional GOLDVARB X.

Partimos da codificação e análise de dois *corpora*, a FALA CASUAL e o PORTVIX. Este, um *corpus* de entrevistas labovianas, composto de 4.976 dados de fala de informantes e documentadores, se caracteriza pela maior frequência do uso da forma *Você*. Retiradas as realizações nulas da forma, temos 4.523 dados. Verificamos, então, que *Você* (73,6%) era a forma mais frequente, além de haver um uso bastante pequeno de *ocê* (0,5%) e de *te* (2,9%). A Fala Casual, por seu turno, apresenta resultado diverso: havia 363 dados codificados, sendo 341 de formas expressas. Nesse *corpus* há 50,8% de *você* e 41,3% de *cê*; 7,9% de *te*, não havendo nenhum caso de *ocê*. A partir desses resultados, pudemos, enfim, responder às nossas hipóteses:

- 1) Ficou comprovado que o pronome *tu* não ocorre na fala de Vitória, visto que esse pronome não foi identificado nos *corpora*.
- 2) Há indícios de que o pronome *você* transita em qualquer situação, da [+ formal] para a [+ informal], uma vez que é comum e o mais frequente nas duas amostras, até mesmo na Fala Casual.
- 3) Confirmamos que o item *cê* possui um traço de maior informalidade, já que aparece mais frequentemente na Fala Casual e não nas entrevistas do PORTVIX, em que os falantes tinham consciência da gravação.
- 4) Confirmamos o fato de as formas *você* e *cê* se alternarem, podendo ambas ocupar a posição de sujeito.
- 5) Verificamos que não ocorre a forma *cê* nem como complemento de preposição nem como complemento sem preposição, confirmando a tese de Ramos (1997) e de Vitral (1996).

6) Dissemos que não há ocorrência de *cê* como complemento de preposição. De fato, não ocorreu nos *corpora* a presença de *cê* nessa função. Nos nossos resultados, encontramos apenas duas ocorrências de *cê* antecedido de preposição. Contudo a função exercida não era exatamente de complemento de preposição, mas, sim, de sujeito de uma outra oração.

7) Não ocorreu topicalização com o item *cê*, ratificando o que dissemos.

8) Confirmamos a hipótese de que *te* e *você* alternam na posição de complemento de verbo. Verificamos, entretanto, que *te* ocorre menos do que *você* ($43/167 = 26\%$ para *te* e $124/167 = 74\%$ para *você*) nos contextos em que podem se alternar.

9) Confirmamos também que a combinação de *seu* e *te* é com *você*, uma vez que o pronome *tu* não ocorre em nossos *corpora*.

A análise dos *corpora* permitiu que observássemos alguns fatos e chegássemos às seguintes conclusões:

1) Comprovamos uma correlação entre a fala do informante e a do entrevistador. Com relação aos dados dos entrevistadores, mostramos que, embora a literatura sociolinguística advirta sobre o *paradoxo do observador*, ao focar que a presença do documentador e até mesmo do gravador podem inibir a fala do entrevistado, e isso, de certa forma, pode influenciar na espontaneidade da oralidade do falante, na nossa pesquisa verificamos uma situação contrária a essa: nos nossos resultados, comprovamos que foi o falante o agente influenciador da fala do entrevistador, uma vez que era o entrevistador quem modificava sua fala ao se deparar com situações diversas, com informantes que faziam maior ou menor uso de uma das variantes.

2) Como variáveis estatisticamente relevantes tivemos a faixa etária, o gênero, o grau de escolaridade e a função sintática.

2.1) Na interpretação da faixa etária, verificamos que as duas faixas etárias mais velhas revelam claramente uma linha de mudança de *você* para *cê*: falantes com mais de 49 anos favorecem *você* (peso relativo de 0,823) e falantes de 26-49 anos desfavorecem *você* (com peso relativo de 0,164). Os falantes de 15-25 anos revelam início da reversão da mudança

favorecendo, relativamente, menos *você* (peso relativo de 0,310) e os falantes de 7-14 anos revertem ainda mais a mudança, favorecendo mais *você* (com peso relativo de 0,547).

Com esse resultado, pudemos dizer que há um forte indício de que a forma *cê* se encontrava em um processo de implementação na cidade de Vitória, mas houve uma retração dessa forma, ou seja, tudo indica um retorno da forma *você* nas faixas mais jovens (7-14 anos). Há dois padrões de mudança: um em direção à forma *cê*, mostrado pelo movimento das faixas etárias de 25 a 49 anos e de 15 a 25 anos, e outro, em direção à forma *você*, iniciado na faixa de 15 a 25 anos, que, mesmo desfavorecendo *você*, revela um leve retorno a essa forma, quando comparada à faixa etária de 25 a 49 anos.

Com relação ao pronome *ocê*, houve 17 casos de ocorrências, sendo 15 casos na faixa de 26-49 anos, faixa também que favorece o uso de *cê* e 2 casos para falantes na faixa etária 15-25 anos, que também favorece o uso de *cê*. Nas faixas etárias 7-14 e mais de 49 anos não houve ocorrência do pronome *ocê*. Vemos, portanto, uma rejeição à forma *ocê*, confirmada por sua inexistência no *corpus* da Fala Casual.

Após esse resultado, hipotetizamos, a exemplo do que ocorreu na Ilha de Martha's Vineyard, palco do estudo pioneiro de Labov, que os falantes de Vitória podem estar em um momento de intensificação do uso de *você* para se diferenciarem dos falantes de Minas Gerais, visto que naquele estado a forma mais frequente é *cê*, segundo estudo de Ramos (1997), que aponta o percentual de 55% dessa forma em Belo Horizonte. Uma outra questão a se levar em conta é o baixíssimo índice de ocorrência da forma *ocê* na fala de Vitória, o que pode nos levar a inferir que nos distanciamos ainda mais dos falantes mineiros, que também apresentam índices significativos da forma *ocê*, especialmente nas áreas rurais.

Essa hipótese que levantamos também teve como base os dados do IBGE, no último censo, que apontam que a maior porcentagem de pessoas que fixaram residência em Vitória são provenientes de Minas Gerais (43,7%), em comparação aos estados da Bahia (15,7%), do Rio de Janeiro (18,6%), de São Paulo (6,5%) e de outros estados (13,2%). Além desses residentes mineiros, temos também uma grande parcela de turistas nas terras capixabas provindos de Minas Gerais.

Sobre essa hipótese, cabe ressaltarmos que é de nosso interesse a continuação desta presente pesquisa e somente mais adiante é que poderemos, com mais propriedade, confirmar a

hipótese aqui levantada. A análise de toda amostra (de mais 22 falantes do PORTVIX) nos permitirá o avanço desta discussão.

2.2) A variável dependente *gênero* apontou o gênero feminino como levemente mais favorecedor da forma *você* na amostra do PORTVIX. A frequência do uso desse pronome pelas mulheres foi de 79,5%, com peso relativo de 0,558. Os homens ficaram abaixo da média (74,3%), ou seja, a produção do gênero masculino foi de 71,3%, com peso relativo de 0,468. Dessa forma, pudemos conferir que os homens usam mais o pronome *cê* do que o pronome *você*. Essa ocorrência foi ratificada também quando fizemos a tabela de correlação entre os falantes e os entrevistadores. Os homens quem produziram percentuais abaixo de 50% desse item, conforme vimos nas entrevistas 13, 14, 16 e 42. Na amostra Casual, este efeito é mais forte: as mulheres apresentam 63,4% de *você* com peso relativo de 0,619 e os homens, 35,3% de *você*, com peso relativo 0,345. Este é um resultado abaixo do nível de consciência, nos termos de Labov (1990).

2.3) Com relação à escolaridade, vimos que o ensino fundamental é levemente favorecedor da forma *você*, por ter apresentado um percentual acima da média (74,2%), ou seja, de 78% e peso relativo 0,523. Por outro lado, foi o nível universitário que mais produziu a forma *cê*, com 71,3% e peso relativo de 0,459. Com esse resultado, comparando o ensino fundamental com o ensino universitário, pudemos chegar à conclusão de que até o levantamento dos resultados atuais, quanto mais alto é o grau de escolaridade, maior é a escolha pela forma *cê* entre os falantes de Vitória. Podemos, então, supor que as variantes *você* e *cê* não são objeto de estudo na escola, nem mesmo estigmatizadas pela sociedade. Entretanto, a interpretação mais adequada deste efeito somente será possível quando forem analisados os dados dos falantes do Ensino Médio.

Ao confrontarmos os resultados relativos ao PORTVIX, *corpus* de entrevista semi-dirigida, com outros da mesma natureza, pudemos verificar que, ao contrário do que ocorre em Minas Gerais, seja na área urbana ou na rural, há grande diferença na realização das formas de 2ª pessoa entre o estado mineiro e a capital capixaba. Naquele, prevalecem as formas inovadoras *cê* e *ocê*, ao passo que em Vitória, a forma conservadora *você*. Destacamos, ainda, o fato de a forma *ocê* praticamente inexistir no PORTVIX, sendo sua realização correspondente a apenas 0,5% do total das ocorrências. Há, ainda, o fato de essa forma ser rejeitada, conforme aponta o estudo de Peres (2008). Mesmo no *corpus* denominado Fala Casual, que apresenta

características bastante diferentes do PORTVIX, havendo interação entre os falantes, também prevalece a forma *você*. A distribuição das formas *você* e *cê*, entretanto, ocorreu de maneira diferenciada da observada no PORTVIX, havendo maior ocorrência da variante *cê* do que no PORTVIX.

Também comparamos os resultados de Paredes (1998), relativos a *corpus* gravado no Rio de Janeiro, caracterizado por os falantes não terem conhecimento da gravação, observamos que nesse *corpus* há maior frequência de *cê* (54,3%) do que de *você*. Vimos que no *corpus* capixaba denominado Fala Casual, ao contrário do encontrado na pesquisa de Paredes, também prevalecia a variante *você*.

Ao compararmos os nossos resultados com o de Peres, no seu teste avaliativo, feito, também, na cidade de Vitória, com as formas *você*, *ocê* e *cê*, pudemos verificar que há pontos convergentes e divergentes. As pesquisas convergem quanto à alta frequência da variante *você*, seja no teste avaliativo, seja na nossa pesquisa. Também convergem quanto à baixa produtividade da variante *ocê*. Entretanto, há divergências quanto à função sintática exercida pela forma *ocê*, que ocorreu, mesmo que em raros casos, em nossa pesquisa, mas que no teste avaliativo de Peres, não foi bem aceito. Também o item *cê* não ocorreu em nossos dados como complemento de preposição, como se nota em Peres, como no exemplo; *eu vou pegar um copinho p`cê*. Contudo, há ocorrência da estrutura de preposição + *cê* nos nossos dados, ressaltando-se que sempre na função de sujeito, isto é, precedido da preposição *para* e seguido de verbo. Destacamos que essa estrutura sofreu restrição em nossos dados, pois, de 46 ocorrências, somente 2 (duas) aparecem com a forma *cê* (4,35%). Na amostra da Fala Casual temos 2/10, ou seja, 20% dos casos.

É importante ressaltar que nem sempre devemos descartar uma variável não selecionada, por não ter sido estatisticamente significativa, porque esse pode ser um dado que carrega informações importantes para outros pesquisadores, os quais abordam o mesmo tema, e, certamente, poderão se interessar em testar amplamente os resultados dos dados encontrados em regiões diferenciadas. Evidenciamos esse fato apontando que no aspecto semântico, o pronome *você* ocorrendo como específico ou genérico, não foi selecionado pelo programa GOLDVARB X. Pudemos verificar que os resultados entre ambos são bastante próximos: 72,6% como referência específica e 74,4% como referência genérica. Dessa forma, pudemos

assegurar que não houve na fala de Vitória efeito de tipo de referência para o item *você*, da mesma forma que aponta Ramos (1997) para dados de Belo Horizonte, em relação à forma *cê*. Finalmente, de acordo com Guy e Ziles (2007, p. 19), para um empreendimento satisfatório de uma pesquisa dialetal é necessário olhar, simultaneamente, em duas direções: na organização das formas linguísticas e na sua significância social. Para isso é sempre necessário percorrer algumas fases da análise quantitativa. Isso significa dizer que é de suma importância coletar, codificar, fazer rodadas estatísticas e de pesos relativos por intermédio de um programa, e apresentar os resultados dos dados. Cabe ao linguista, entretanto, a responsabilidade de interpretá-los, analisá-los e explicá-los, pois, como aponta Naro (2004, p. 25), “o progresso da ciência linguística não está nos números, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas”. Foi sob essa visão que toda a nossa pesquisa foi construída. Como dissemos na introdução deste trabalho, muitas pesquisas acerca da variação *você*, *ocê*, *cê* têm sido feitas no Brasil, mas não se tinha conhecimento de pesquisas feitas em termos dessa descrição no Espírito Santo. Esperamos, pois, que este presente trabalho sobre os falantes de Vitória (ES) possa se juntar aos dos outros pesquisadores e que venha a se constituir em uma contribuição a mais para os estudos linguísticos brasileiros.

9 REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006. v. 1, parte 1, p.21-47

ALVES, A. P. M. **Um estudo sociolinguístico da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos jovens de Barra Longa MG que residem em Belo Horizonte**. 155 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

ANDRADE, A. L. V. S. de. **A variação de você, cê e ocê no português brasileiro falado**. 145 f. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

BONINO, Paulo. **Vista aérea da cidade de Vitória (Centro, Ilha do Príncipe e Ponte Seca) na década de 60**. 1960. 1 fotografia. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/vitoria-em-dois-tempos>>.

BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BROWN, P.; GILMAN, A. The pronouns and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCCER, G. R. (Ed.). **Sociolinguistics: the essential reading**. [S.l.: s.n.], 1978.

BUTLER, C. S. **Statistics in linguistics**. Oxford, EUA: Basil Blackwell, 1985.

CAMACHO, R. Sociolinguística. MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2006. v. 1, parte2.

CARVALHO, C. de. **Para compreender Sausurre: fundamentos e visão crítica**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2003.

CARVALHO, J. A. **Gramática superior da língua portuguesa**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

CASTILHO, A. T. de. A gramaticalização. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n. 19, p. 25-63, mar. 1997.

CHAVES, E. **A implementação do pronome você: a contribuição das pistas gráficas**. 124 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

CINTRA, L. F. L. **Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

COELHO, M. do S. V. **Uma abordagem variacionista no uso da forma você no norte de Minas Gerais**. 85 f. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

CORRELAÇÃO. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Correlação#Coeficiente_produto-mome>. Acesso em: 02 mar. 2009.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, E. P. **O uso do tu no português brasileiro falado**. 104 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. **Style and sociolinguistic variation**. [S.l.]: Cambridge University, 2001.

FARACO, C. A. O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica. **Fragmenta**, Curitiba, v. 13, p. 51-82, 1996.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FUTURA. c2008. Disponível em: <<http://www.futuranet.ws/>>. Acesso em maio 2010.

GONÇALVES, C. R. **Uma abordagem sociolinguística das formas *você*, *ocê* e *cê* no português**. 348 f. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GUY, G.; ZILES, A. R. **Sociolinguística quantitativa-instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HENRIQUES, M. **Revista Marly mostra quase tudo**, 2006.

HISTÓRIA de Vitória ES. In: ACHE tudo e região: o portal do Brasil. c1999. Disponível em: <<http://www.achetudoeregiao.com.br/es/vitoria/historia.htm>>. Acesso em: 2 mar. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 12 dez. 2009.

JOHNSON, K. **Quantitative methods in linguistics**. [S.l.: s.n.], 1958.

LABOV, W. **Modelos sociolinguísticos**. Madrid: Cátedra, 1983.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Marcos, 2008.

_____. The intersection of sex and social class in course of linguistic change. **Language Variation and change**, v. 2, n. 2, p. 205-254, 1990.

LIMA JÚNIOR, C. B.; SOARES, S. C.; BONICENHA, W. **Baía de Vitória: aspectos históricos e culturais**. Vitória: FCAA, 1995.

LINS, M. da P. P.; YACOVENCO, L. C. (Org.). **Caminhos em lingüística**. Vitória: NUPLES, 2002.

LOPES, C. R. dos S. et al. **Quem está do outro lado do túnel? Tu ou você** na cena carioca. p. 12-28, 2009. Texto inédito a ser publicado na revista *Neue Romania*, 39 (número especial).

LOPES, C. R. dos S.; DUARTE, M. E. L. O processo evolutivo vossa mercê>*você* (português) e vuestra merced>usted (espanhol). In: ABRALIN, 26, 2001. p. 106-108

_____. De Vossa Mercê a *você*: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S.; MOTA, M. (Org.). **Análise contrativa de variedades do português**: primeiros estudos. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/70994-4.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2009.

LOPES, C. R. dos S.; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre segunda e terceira pessoas em cartas de avós. In: LOPES, C. R. dos S. (Org.). **Norma brasileira em construção**: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2005. p. 45-66.

LUZ, M. S. Fórmulas de tratamento do português. **Revista portuguesa de filologia**. Coimbra, v. 2, t. 1-2, p. 256-363, 1956.

MARTINS, E. **Vista aérea da Ponte da Passagem, inaugurada em 29 de agosto de 2009**. 2009. 1 fotografia. Disponível em: <<http://www.folhaacademica.com.br/site/hartung-e-coser-inauguram-hoje-a-nova-ponte-da-passagem.html#>>.

MATHEUS, A. **Vista aérea da atual cidade de Vitória**. 2009. 1 fotografia. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=932802>>.

MODESTO, A. T. T. Notícias de estudos realizados sobre as formas de tratamento no português brasileiro. **Revista Letra Magna**: revista eletrônica de divulgação científica em língua portuguesa, lingüística e literatura, ano 2, n. 2, 1. sem. 2005.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolingüística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

MONTEIRO, J. L. **Os pronomes pessoais**. Fortaleza: PUC, 1994.

MOZOCO, E. Cultura popular capixaba: breve perfil histórico. In: BITTENCOURT, G. (Org.). **Espírito Santo**: um painel da nossa história. Vitória: EDIT, 2002. p. 141-152.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 15-25.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA E SILVA, G. M.; PAIVA, M. da C. A. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). **Padrões**

sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 335-378.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 117-133.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-42.

PAREDES SILVA, V. L. Relevância das variáveis lingüísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 67-71.

_____. Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª pessoa do singular no português carioca. **Revista de estudos da linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 120-138, jul./dez. 1998.

PERES, E. P. O uso da forma *cê* em Vitória (ES): uma mudança em curso?. **Cadernos Camilliani**: revista do Centro Universitário São Camilo-ES, Cachoeiro de Itapemirim, v. 9, n. 2, p. 45-56, 2008.

PESQUISA de Turismo Receptivo na Região Metropolitana de Vitória. Disponível em: < http://www.turismo.es.gov.br/_midias/pdf/236-4bbb1fb9d719f.pdf >. Acesso em: 9 jun. 2009.

RAMOS, J. M. O uso das formas *você*, *ocê* e *cê* no dialeto mineiro. In: HORA, D. da. (Org.). **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 43-60.

RAMOS, J. M. **Tratamento na díade pai e filho**: uso de *você* e *senhor*. Palestra apresentada na Universidade de Tübingen em 2001. (Em fase de publicação).

RIBEIRO, F. A. Cultura capixaba. In: BITTENCOURT, G. (Org.). **Espírito Santo**: um painel da nossa história. Vitória: EDIT, 2002. p. 35-40.

SAID ALI, M. **Gramática secundária da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

_____. **Investigação filosóficas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Grijó, 1976.

SANKOFF, D. Sociolinguistics and syntactic variation. In: NEW-MEYER, F. J. (Ed) **Linguistics**: the Cambridge survey. New York: Cambridge University Press, 1988. v. 4, p. 141-160.

SANKOFF, D, TAGLIAMONTE, S., SMITH, E. **Goldvarb X: variable rule application for Macintosh and Windows**. Toronto: University of Toronto, 2005.

SAUSURRE, F. de. Curso de lingüística geral. In: BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (Org.). **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação VARBRUL. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 147-178.

SCHERRE, M. M. P. et al. **Usos do pronome *você* e *tu* no português brasileiro**. Texto apresentado como palestra no Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa, 2., realizado em Évora, Portugal, de 6 a 11 de outubro 2009.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. **Alfa**, São Paulo, v. 51, p. 189-222, 2007.

_____. Paralelismo lingüístico. **Revista de estudos da linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 30-59, jul./dez. 1998.

_____. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 35-50.

SILVA, M. Z. e. **A Vale do Rio Doce na estratégia do desenvolvimento brasileiro**. Vitória: EDUFES, 2004.

SOTO, U. De *você* a *vossa mercê*: um percurso de mudanças no tratamento de 2ª pessoa. **Boletim da ABRALIN**, v. 21, jun. 1996. Contém as Atas do I Congresso Nacional da ABRALIN.

TAGLIAMONTE, S. A. **Analysing sociolinguistic variation**. [S.l.]: Cambridge University, 2006.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

VILELA, M.; KOCH, I. V. **Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso**. Coimbra: Almedina, 2001.

VITÓRIA (Espírito Santo). In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vit%C3%B3ria_%28Esp%C3%ADrito_Santo%29#Refer.C3.AAncias>. Acesso em: 02 mar. 2009.

VITRAL, L. A forma *cê* e a noção de gramaticalização. **Revista de estudos da linguagem**, Belo Horizonte, v. 1, n. 5, p. 115-124, 1996.

_____. A interpolação de *se* e suas conseqüências para a teoria da cliticização. **Revista da ABRALIN**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 161-197, dez. 2002.

VITRAL, L.; RAMOS, J. M. **Gramaticalização: uma abordagem formal**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

_____. Gramaticalização de *você*: um processo de perda de informação semântica?. **Filologia e lingüística portuguesa**, n. 3, p. 55-63, 1999.

WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006.

YACOVENCO, L. C. **Em busca da identidade capixaba**. Texto apresentado como palestra no ABRALIN – Em Cena Espírito Santo, 1., realizado em Vitória, de 26 a 29 de maio de 2009.

YACOVENCO, L. C.; LINS, M. da P. P. O português falado na cidade de Vitória: formação de banco de dados. **Boletim da ABRALIN**, v. 1, Fortaleza, p. 301-303, 2001: Publicado em 2003.

APÊNDICE – Versão digitalizada da dissertação (1 CD):

ANEXO – Mapa da região metropolitana da Grande Vitória



Mapa da Região Metropolitana da Grande Vitória
 Fonte: <http://www.suapesquisa.com/mapas/m>